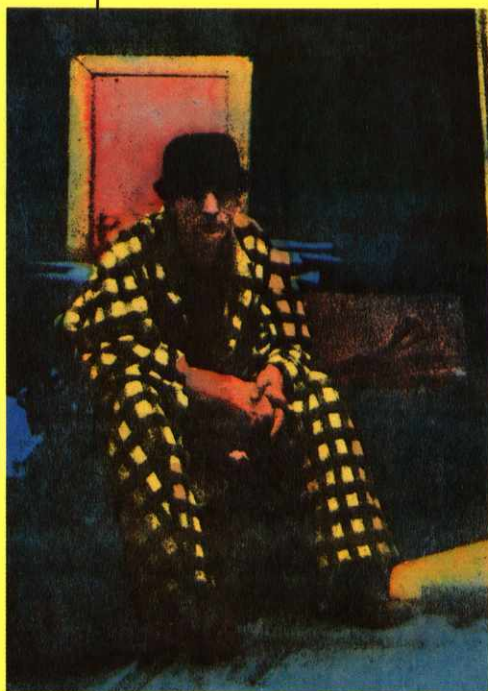


Poesia Futurista Portuguesa

(Faro 1916-1917)

Seleccção e prefácio de
NUNO JUDICE



o chão da palavra/poesia



Colecção o chão da palavra/poesia

Outras obras publicadas:

AS MARCAS NO DESERTO
António Ramos Rosa

SEBASTIAM
Luís Alves da Costa

EPOS
Paulo Teixeira

NOSTALGIA
Avelino de Sousa

FRAGMENTOS MUSICAIS
Luís Alves da Costa

TODAS ESTAS PALAVRAS
José Correia Tavares

ÍNTIMO DAS ONDAS
José Jorge Letria

CANÇÕES DE ALBA
Ana Mafalda Leite

SORRISOS E OUTROS MOVIMENTOS
António Sá

ÁGUA PRINCIPAL
Luís Filipe Rodrigues

A VIAGEM POSSÍVEL (1965-1992)
Emanuel Félix

*Se desejar receber informações
pormenorizadas ou livros já
publicados, peça o catálogo ao
seu livreiro, preencha o postal
que deverá encontrar nesta
edição ou solicite ainda,
através de um simples postal,
informações periódicas para:*

VEGA
Gabinete de Edições
Alto dos Moinhos, 6-A
1500 LISBOA — Telef. 778 94 14

Seleccção e prefácio de
NUNO JÚDICE

POESIA FUTURISTA PORTUGUESA



POESIA FUTURISTA PORTUGUESA

Organização: Nuno Júdice

Colecção: O chão da palavra/poesia

© Vega, 1993

2.ª edição revista e ampliada

Direitos reservados em língua portuguesa

por Vega, Limitada

Alto dos Moinhos, 6-A

1500 Lisboa — Telef. 778 94 14

Sem autorização expressa do editor não é permitida a reprodução parcial ou total desta obra desde que tal reprodução não decorra das finalidades específicas da divulgação e da crítica.

Editor: Assírio Bacelar

Capa: Luís EME

Fotocomposição: Corsino & Neto

ISBN-972-699-391-1

Depósito Legal: 63018/93

Impressão e Acabamento:

Gráfica Ribamar, Lda.

POESIA FUTURISTA PORTUGUESA

Faro, 1916-1917

Seleccção e prefácios
de
NUNO JÚDICE

vega

Shi

12000 1000 1000 1000 1000

1000 1000

1000

1000

1000

A PLÊIADE FUTURISTA

I. «Mergulhava-me para dentro da minha alma numa ânsia de viver para além da ponte do meu olhar» — nestas palavras de João Rosado encontramos o impulso que serviu de rastilho aos poetas do «Heraldo». Impulso nascido de uma contradição — mergulhar para dentro, numa solitária afirmação de individualismo, mas fugir de si próprio e da limitação do espaço da vida procurando uma existência imaginária para além da realidade. Cruzam-se assim dois mundos diversos e até opostos nesta escrita de um conflito: o do quotidiano, com a obsessiva «intersecção» (para usar a expressão do «Orpheu») de elementos materiais e ideológicos — cartazes, jornais, títulos, etiquetas, marcas, a guerra, a religião —, com elementos literários — o universo do decadentismo simbolista, os seus «lagos de prata», os cisnes, os jardins edénicos, e também um estado de espírito que vinha em grande parte do «tédio» de Mário de Sá-Carneiro. Vivem estes poetas num período de mudança; e os seus poemas, publicados no mais efêmero dos meios de comunicação, o jornal, destinado a ser consumido num dia e esquecido ou substituído no dia seguinte, não tiveram a sorte de muitos poemas bem menos significativos da época mas aos quais calhou o acaso de terem sido incluídos em revistas ou antologias.

Foi em 1909, no jornal *Le Figaro de Paris*, que Marinetti publicou o «Manifesto Futurista». Com ele a literatura deixava de ser a ladainha em que o fim do século XIX a transformara, vivendo a ressaca dos grandes criadores como Hugo, Flaubert e Stendhal, na França, Dickens em Inglaterra e Dostoiévsky na Rússia, entre

muitos outros. O tom de voz subia, tornava-se novamente imperativo como na época dos manifestos românticos. O artista não receava a luz do dia.

Entre nós só em 1915 a pacatez da vida cultural portuguesa é abalada com a publicação do «Orpheu». A Imprensa do establishment republicano não deixa de estigmatizar os cultores de uma «literatura de manicómio astral», afirmando que «em literatura, como em arte, o futurismo não tem produzido senão aberrações».

Textos de Álvaro de Campos (a «Ode Triunfal», classificada por Sá-Carneiro como a «obra-prima do futurismo», e a «Ode Marítima»), de Almada (a «Cena do Ódio»), de Sá-Carneiro (a «Manucure»), ou os quadros de Santa-Rita Pintor, são compostos em 1915 na sua maior parte, momento eufórico de descoberta do século XX em Portugal, parafraseando Almada. Em 1916 dá-se o suicídio de Mário de Sá-Carneiro em Paris, morrendo com ele o projecto de continuação do «Orpheu». Noutra plano, dá-se a entrada de Portugal na guerra, ao lado dos Aliados, o que não deixa de ir ao encontro das futuristas «Exortações da Guerra» que Almada escreve na esteira de Marinetti ou Apollinaire. Dissipada a bruma paúlca do «Orpheu» o futurismo vê o campo livre e 1917 será o seu ano: a sessão Futurista no Teatro República, os Ultimatus de Álvaro de Campos e de Almada, e finalmente o «Portugal Futurista», imediatamente interdito de circulação e apreendido, em finais do ano. É que entretanto Sidónio Pais se apossara do Poder e o novo estilo «presidencialista», prenunciando o militarismo que se viria a tornar o mal do século com as suas aberrações nazi e fascista, já não tolerava textos onde era patente a agressão aos valores mais caros da burguesia, desde a Família ao Exército, desde a Polícia ao Trabalho.

Em 1918 morrem Amadeo e Santa-Rita; em 1919 Almada parte para França onde se demorará até 1920. Só Álvaro de Campos fica: mas escondido em Fernando Pessoa, e este prefere guardá-lo dentro de si a exibi-lo. O Futurismo português teve a sua vida. Demasiado efémera para constituir algo de sólido? Dispersa, sem dúvida, mas com uma coerência que sobreviveu aos estigmas da época.

2. Neste contexto se deverá apreciar a publicação num jornal de Faro, O Heraldo, de uma página sob a rubrica «Futurismo» que, por sua vez, sucedia à de «Gente Nova».

É em 5 de Novembro de 1916 que tem início a secção «Gente Nova», não deixando por isso de existir duas outras secções: «Belas Letras», onde escrevem Bernardo de Passos, Estácio da Veiga, Salazar Moscoso, João Lúcio, Coelho de Carvalho; e «Ouro Velho», onde se publicam autores consagrados, desde os clássicos como Camões a românticos como Garrett ou Bulhão Pato. Mas será apenas em 1917, no número de 4 de Fevereiro, em que se noticia que, por proposta de Jaime Cortesão ao Parlamento, João Penha passa a receber a pensão vitalícia anual de 480 escudos livres de encargos, que se inicia a secção «Futurismo» na esteira de «Gente Nova». Em 18 de Fevereiro é publicado o poema «Dispersão», de Mário de Sá-Carneiro a respeito do qual dirá José Nunes de Sousa num texto escrito nesse mesmo dia: «Os seus livros foram aqui lidos.»

Em complemento à actividade literária dos futuristas de Faro um outro acontecimento se produz: a abertura, em Maio de 1917, de uma Exposição de Arte. Do catálogo constam, a seguir à designação «Futurismo», os nomes Mirly, Zarna e Rodigue; e de Carlos Porfírio se expõe uma «Cabeça de estudo futurista». Não serão muito favoráveis as reacções ao «futurismo» de Porfírio: do violento ataque de João Brás, que se diz discípulo de Malhoa, a estas palavras de um jornalista: «A Cabeça futurista é... perfeitamente futurista. Dispensa comentários. Enquanto Porfírio for no impressionismo vai bem; quando chegar ao futurismo e ao cubismo cremos que irá pior.»

Para remate de festa noticia-se, em 27 de Maio, que à revista «Palmadinhas nos carecas» é acrescentado um novo quadro — «Tudo Futurismo!» — onde, entre outros personagens, o Fantasma do Tempo se lamenta da «inconcordância das horas», o Homem do Bombo é paradigma do «músico futurista» e, finalmente, o Estudante de Faro monologa sobre o Futurismo. Em continuação da notícia informa o jornal que «o poeta Marinetti, chefe dos futuristas italianos, foi gravemente ferido durante a última ofensiva do Isonzo».

Aproxima-se do fim esta «aventura futurista»; mas não sem que os mentores do movimento lhe venham dar o seu apoio sob a forma de uma carta assinada pelos representantes do «Comité Futurista», Almada e Santa-Rita Pintor:

Lisboa, 15 de Julho de 1917

...Exmo. Senhor Lyster Franco,
Digníssimo Director de
O Heraldo de Faro

O Comité Futurista de Lisboa, que temos a honra de neste momento representar junto de V. Exa., incumbe-nos de manifestar o agradecimento que ao Heraldo de Faro é devido pela nobre atitude de solidariedade e acolhimento que representam na pessoa do seu digno Director a mais elevada compreensão da liberdade de pensamento e dos deveres dessa Próxima Democracia que Elucidará o Mundo pela Vitória da Europa Libertada de todas as tentativas transitórias.

É portanto com orgulho que registamos no Heraldo de Faro a sua secção de Arte Futurismo onde a franca adesão de João Rosado contrasta em heroísmo com hesitantes anónimos, excelentes energias que urge bem conduzir pr'á construção da nossa Nova Pátria, único ideal concreto.

Neste sentido de Propaganda trabalhamos incessantemente e em breve o Portugal Futurista gritará abertamente as nossas razões. De V. Exas. Mto. Atos. e Obgos. pelo Comité Futurista. José de Almada Negreiros, Santa-Rita Pintor.

Também no aspecto literário esse apoio se verifica: é no Heraldo que Almada publicará «Litoral» e Fernando Pessoa «A Casa Branca Nau Preta», sendo curioso notar que não é o futurista Campos mas Pessoa ele mesmo quem assina este poema, aliás atribuído a Álvaro de Campos na edição em volume da poesia completa. De Sá--Carneiro se publica um texto — «Além» — ainda hoje praticamente inédito.

O jornal termina a sua publicação em 26 de Agosto de 1917 mantendo até ao último número a secção «Futurismo».

3. *Os poemas do Heraldo dão-nos uma nova imagem do que foi o impacto entre nós dos movimentos de vanguarda europeus da época e ajudam-nos a perspectivar um Portugal futurista que se não limitou a Lisboa, centro tradicional da vida intelectual e política do país. Assinados na sua maior parte por pseudónimos ou por nomes que nenhum traço posterior deixaram na literatura, é como produção*

de grupo que estes textos valem — manifestação colectiva de um impulso de transformação que iria encontrar no número único do Portugal Futurista o seu ponto mais alto.

Fogo fátuo, texto construído com avanços e recuos, assim nos aperece o Heraldo. Das atitudes diversas e, até, contraditórias, que a revelação destes «marginais» não deixará de suscitar, parece-me prenunciador documento a correspondência dirigida aos «Novos» de então pela misteriosa Miss Edith. Real ou imaginária, ela encontrou a palavra que me parece apropriada para caracterizar os poetas da constelação do Heraldo — a Pléiade.

Nuno Júdice

NOTA À SEGUNDA EDIÇÃO

Com a presente reedição da «Poesia Futurista Portuguesa» fica acessível ao leitor, na sua totalidade, a produção poética de «O Heraldo de Faro». Não se excluíram os poemas que, pela sua natureza mais tradicional, se afastam dos princípios estéticos do movimento, podendo verificar-se a coexistência de textos de forma e conteúdo mais tradicionais com outros em que o desejo de ruptura é evidente, consagrando aquilo que, no Modernismo português, é de resto uma constante: a recuperação da tradição pela vanguarda.

Olhando, com os elementos de que dispomos, para esse período de afirmação do Modernismo português, apontaremos a seguinte proposta de periodização:

1.ª fase, decadentista-paulista: tem início com a publicação dos artigos de Pessoa sobre «A nova Poesia Portuguesa» na revista «Águia» e termina com a publicação do 1.º número de «Orpheu» — 1912-1915;

2.ª fase, simbolista-futurista: tem início com o 1.º número do «Orpheu» e termina com a edição do «Portugal Futurista» — 1915-1917;

3.ª fase, sensacionista: corresponde ao período pós-futurista, terminando com a publicação da revista «Athena», em que surgem os «Apontamentos para uma estética não aristotélica» de Álvaro de Campos — 1917-1924.

Cada uma destas fases tem aspectos muito definidos, que correspondem a momentos diversos do percurso modernista. Iniciando-se com a teorização de Pessoa que parte da estética decadentista que, em certa medida, subjaz aos poetas da «Águia» e ao próprio

Saudosismo, a 1.ª fase afirma-se como uma escola poética que tem no próprio Pessoa, com o poema «Impressões do crepúsculo», e sobretudo com a poesia de Mário de Sá-Carneiro, a sua mais exacta definição.

A segunda fase corresponde, paradoxalmente, à descoberta em simultâneo da novidade futurista e, por outro lado, do Simbolismo na sua expressão mais pura — com o mallarmeano Luis de Montalvor mas, sobretudo, com a publicação de Camilo Pessanha nas revistas do Modernismo («Centauro», em 1916); terminando com a afirmação plena do futurismo na sua forma mais ortodoxa («Portugal futurista», em 1917).

A terceira fase, finalmente, é já um período de refluxo da vanguarda mas, simultaneamente, de balanço e de reflexão, conduzindo à proposta de Álvaro de Campos de uma «arte não aristotélica», isto é, recusando tanto o Classicismo com o Romantismo no que ambas as épocas têm de cedência, respectivamente, à retórica e ao sentimento. Trata-se de uma afirmação tanto mais importante quanto esta arte «não aristotélica» (nem retórica nem sentimental) se aplica exactamente à definição do próprio percurso pessoano, no que tem de mais original e singular.

Por todos estes momentos se distribuem, numa ordem que nem sempre segue uma linha recta — tanto no aspecto cronológico como estético — os actores, ou simples companheiros de percurso, da aventura do Modernismo. A esse número se deverá acrescentar os futuristas de Faro, cuja identificação só foi possível para os seguintes pseudónimos:

Horácio — João Rosado (1897-1949), natural de Faro, autor do livro de poemas «Alcion», Lisboa, 1922;

Nesso — Carlos Porfírio (1895-1970). Pintor, foi o director e autor gráfico do «Portugal futurista». Passou algum tempo em Paris até à declaração da guerra, em 1914. Foi o grande impulsionador da publicação do suplemento.

Fontanes — Mário Lyster Franco (1902-1984). Filho do director de «O Heraldo». Assiste ao Comício dos Novos no Chiado Terrasse, em 1921, que foi o último sobressalto público do futurismo português. Advogado, dirigiu o «Correio do Sul», organizou um dicionário bio-bibliográfico de escritores do Algarve, a par com uma importante biblioteca sobre o mesmo tema. A ele se devem os dados aqui

referidos quanto à identidade dos colaboradores do «Futurismo». Kernok — Lyster Franco (1880-1959). Pintor e director de «Heraldo».

A. de Queiroz — Raul Marques Carneiro. Natural do Porto. Pintor, exercia a profissão de professor em Faro.

Naissance — António do Nascimento. Natural da Fuseta, enveredaria por uma carreira de jornalista.

José Nunes de Sousa, professor primário em Faro, assina com o nome próprio o artigo sobre Sá-Carneiro.

O «Heraldo», então, será apenas um incidente no caminho que vai definindo o Modernismo — ou será algo de mais consistente, servindo para fundamentar a sua proposta estética? É certo que o carácter de segundo plano de muitos dos seus textos, se considerados individualmente, e o próprio destino apagado dos protagonistas desta intervenção futurista, nos inclinariam a responder positivamente à primeira questão; mas seria errado manter no esquecimento, por esse motivo, esse episódio da história, de resto tão escassa em pormenores, do Modernismo em cuja definição, tantas vezes ecléctica, se inscreve.

Não podemos, de resto, separar este conjunto de textos daquela parte do «Orpheu» e do próprio «Portugal futurista» em que se procura chamar a atenção para o aspecto «físico», mais do que formal, do texto. O jogo com os caracteres tipográficos, bem como o recurso à colagem, são inovações por si só de importância suficiente para justificar que se lembre um dos poucos momentos da nossa literatura em que houve consonância com a vanguarda europeia (e também, com a referência cubista, em relação à pintura...). É um facto que nem Almada nem Pessoa não deixaram registo conhecido da sua opinião acerca do «Heraldo»; da parte de um Pessoa, que nunca se sentiu verdadeiramente à vontade na pele futurista, tal não surpreende; da parte de Almada, isso explicar-se-á pela sua profissão de fé cosmopolita não muito consentânea com uma experiência de âmbito pouco mais do que regional. O que se pode supor, por outro lado, é que tivesse sido por força da relação entre Santa-Rita e Carlos Porfírio, também ele pintor e também ele «afrancesado», que tivesse surgido o principal estímulo a esse grupo de Faro. A morte prematura de Santa-Rita, em Abril de 1918, corta de vez a hipótese de um prolongamento do movimento entre nós; e

nenhum dos outros participantes tinha as características e a qualidade necessárias para esse empreendimento.

Não pode é deixar de se sublinhar o interesse também sociológico dessa publicação, como refere Luciana Stegagno Picchio, que a vê no sentido de «testimoniare, pur con certe limitazioni stilistiche, un processo di decentralizzazione di fenomeni culturali anche in un paese così fortemente capitalcentrico come il Portogallo» (Marinetti e il futurismo mentale dei portoghesi, in «Futurismo Futurismi», número especial de Alfabeta/La Quinzaine littéraire, Maio de 1986). Repete-se com o «Heraldo» o curioso fenómeno que fizera de Viseu a capital do nosso Simbolismo, com a publicação da revista «Ave azul» (1899-1900). Talvez o conservadorismo provinciano obrigasse a essas manifestações de grupo, única forma de impor a novidade; o que não seria necessário em Lisboa, favorecendo o individualismo. Para lá de todas essas explicações, porém, há o decisivo exemplo do «Orpheu» sem cujos dois números, saídos em 1915, o gesto de coragem dos homens de Faro não teria certamente sido possível.

Nuno Júdice

FUTURISMO

GENTE NOVA

DATE 2004

ANTÓNIO BARRANCO

UMA HISTÓRIA
QUE NÃO DEVE SER LIDA

A Jó Almada

«Primeira Notícia»

A notícia que vos quero dar, é simplesmente medonha. Assim o disse Edgar Poe, e agora digo-vos eu. É uma história que não deve ser contada. Pois bem:

— Fiquem sabendo —

Eu não sou eu, nem o outro, eu não existo. Ultrapassei os limites do *Nada*.

Sou alguém, alguma cousa, alguma molécula? não. Sou *Nada!*
Nada = X Vácuo X Infinito: oco.

«Segunda Notícia»

Atingi a onnipotência. Achei o Espaço matéria.

Achei, achei
Talassa, Talassa
Eurecha, Eurecha
Mafra, Mafra

— Grande Vitória Descomunal —

Assombro!
Pasma!
Admiração!

Resultado!

Vontade!
Energia!
Decisão!

Resultado!

— À última hora —

Nada + Nada x Nada - Nada =

Nada
Nada !!!

Viseu, Junho, 1917.

A. DE QUEIROZ

ATELIER

(Tragédia horripilante)

Vasta oficina;
Telas acumuladas.
Glória minha!
Sombras e flores,
Salas e sombrinha,
Pincéis e cores;
Madrugadas!

Amor ardente,
Oh formusura!
Oh fortuna!
(Luz coada:)
Na «chaise» estirada
Deixa de estar contente.
Telas sobre telas,
Carne alva e pura,
Boquilha d'ouro que fuma;
Sorri a minha amada.
Duas janelas!

Repouso modesto,
Um riso brando;
Triste fado!
Celeste formosura!
Olhar esgazeado,
Gracioso gesto...
Brandura!

Lutas encarniçadas;
Olhos congestionados;
— painéis e mais painéis; —
Torsos quebrados;
Rostos em torturas;
Cabelos perfumados;
Mãos delicadas;
Pincéis e mais pincéis;
Cores amareladas;
Molduras!

Movimento crescente,
Ergue-se em vão,
Súplica!
No vasto salão,
Atitude bélica,
Visão quente...
E mefistofélica!

Adelçam-se-lhe os braços,
Cai-lhe a cabeça,
Esgueira-se-lhe o corpo,
E o pé estende-se;
Caminha além,
Avança para mim,
Mais dois passos,
Embora eu lhe peça,
Mas não teme ninguém;
Sós, enfim!

Curioso momento

Horripilante ideia

(Falsa visão)

Olha horrorizada!

A boca formosa

No espelho se vê feia!

... ..

Foge-me então,

Arrepiada!

No «atelier» deserto

A luz que o brilhava

Ficou em escuridão.

Alma entusiasmada

Como em brasa o carvão,

Desliza, esvaindo-se

Silenciosa e sonora,

Nas paredes ferindo-se...

Uma hora!

Deslumbramento,

Sorrisos amados,

Choros convulsivos,

Encarniçados;

Reverbamentos

Adulcizados

(Esquecidos então!)

Estilhaços e fragmentos

Restavam em montão!

Tintas mescladas,

Paleta quebrada,

Tela inacabável,

Surgia rasgão,

Espátula amável,

Ferira uma facada...

... ..

E a minha encaquifada
Pendia para o chão,
Abandonada!

Resolver — Desfazer

Quem vive, crê, E eu não creio.
Não tenho crenças, nem ilusões.
Estou deslocado no mundo.
Escondo-me na Sombra,
Miro a Orgia tumultuosa,
E fico espectador.

Abdico para a Imaginação desvanecida,
Os perturbantes lances da Orgia.
Murcho tristemente,
Cavo na solidão egoístas
E lastimo a inacção.

E o tempo é enorme!
Em compassos binários
Eles olvidam os minutos
Onde abunda a sorte generosa
Tão raros e caprichosos
Sem necessidade de se regularem,
A Preocupação é a Tortura
Que seja as pulsações.
Cada momento, Cada ameaça.

A Destruição passa, Passa sempre.

A Imaginação é infinita
E o Trágico pára no limite da revolta,
A Amargura, sobrepõe ao Transitório
À luz da Eternidade.

A Nesso

Sacrifico a minha alma Pura e Bela,
Ao ar que respiro.
Sinto a dolorosa Inquietação,
O Auro Sobressalto, onde
Vou cair no momento... De ressurgir.

Não tenho voz, Nem gesto, nem acção,
O Pensamento,
Enche-me o Vácuo da Existência.

Não estou Morto, nem Vivo
Porque há em mim um conflito,
Uma oposição.

Firmo-me no Equívoco,
Repudio a humanidade,
Aborreço-me comigo.

«Os dias fogem frios e indiferentes»

.....

«Monotonia e silêncio»

.....

Não me concebo, Repugna-me a Dor.
Tenho o ânimo preso com a Terra,
E a vontade com a Sepultura.
Imensamente só, Infinitamente pária.
Oprime-me o terror da Fecundidade.
Sou Nervo da Inércia,
Sou alma dissecada.

A vontade é escuridão, Viver é Ilusão,
O Pensamento é crime

.....

O Facto sofre discussão.

Agir, Sofrer, Amar, — O Impossível —

Eis o problema: Resolver — Desfazer.

IMPOSSÍVEL

a D. Isabel Costa

Às vezes, ainda
Por mim desliza —
A sombra de uma ideia:
Sonha e repisa.

.....

Mas não pára,
Em nada finda!

Então o fumo,
Envolve e escurece,
O sonho do Além.
A luz amortece;
Arrastando-me para onde
Não pára ninguém.

.....

.....

E assim me sumo
Onde tudo se esconde...

Porto, II-1917.

DESILUSÃO

Ao meu amigo José Santos

Esgotei-me em desejos;
Vi sol, vi luz dourada,
Tudo em mim possui
Mas só obtive o Nada.

Amor, Glória, ambicionados,
Sonhei-me qual Rei!
Todos os triunfos começados!
.....
Arrancos quebrados,

Desânimos ancorados,
Nas lutas que pelejei!

Se me espalho dentro de mim
Só princípios antevejo,
Todas as ânsias desbaratei!...

.....
Ânsias começadas
Mas nunca alcançadas!...

Porto, 1917.

APELO

A Vivino

Nas almas mais puras, em colunas arrepiantes, descobri
estrumeiras. Gerei um horror de criaturas em gargalhadas hilari-
antes. Descarreguei do friso austeras virtudes com habilidades e boas
práticas. De escorrências e torpezas vi o mundo cheio!

Lancei-me no meu fadário em companhia de Patrícias. Para o
crime derivam lobos! Esverdinhada prostituição! Da cobiça san-
grenta, arrastei velhos e novos em perfeito acordo!

O Crime é feroz! A Raiva é a Vaidade empavonada! A Loucura
deleituosa é o Juízo Perfeito! E na cisterna maléfica e monstruosa da
Aberração reúnem-se estes dois venenos!...

Horror! Horror!

Oh! Sociedade degenerada! Porque não serás capaz de te
elevares ao culto da noção pura, da noção-lume, do Dever Moral?

Oh! Disciplina Soberana, que subjugas as vontades, Sugestão
perturbadora da Onnipotência truanesca! Vícios e Prazeres a rirem
ao redor dos aflitos e famintos! Gargalhadas casadas com suspiros!
Lágrimas cosidas em embriaguês!

Desprezo! Desprezo!

E se na Existência nada há que possa subjugar, entrar o Vício,
expressão do Mal, consideremos a Vida um simples, um horrível, um
detestável bolor!

Porto VI-1917.

BELMINO

As vezes, ainda
Por mim desliza —
A sombra de uma ideia
Sonha e repisa.
Mas não pára,
Em nada afisa!

O ECO

*A Fontanes, para ler
em vertigem.*

- Não sabes?
- Aqui há eco!
- O quê? Há cá eco?
- Há cá eco, há!
- Que eco é?
- É o eco que cá há!

Faro, Abril 1917.

Conselhos aos que não precisam

A Fontanes

No luar da minha noite, vejo o mundo agitar-se em orgias ferozes, em ânsias desmanteladas de sonho e prazer.

Ambição, Desejos, Gozos!

Não importa aonde, não obsta o meio, — tudo é bom e belo, desde que a animalidade esteja satisfeita!

E agitam-se, caminham na sua marcha impetuosa e lúgubre, ignorando a Bondade, essa Bondade santa, que leva anos a instalar-

-se em meditações profundas, em dolorosas horas amargas mas benditas, em que a Razão e a Crítica se encontram na luta constante e prematura contra o Instinto e o mau sentir muitos há que fogem ao turbilhão destruidor da Vertigem que passa.

Esses são os isolados, os Solitários em que a Dúvida (esse monstro) os fareja com o seu mau presságio mas nem assim a fúria irreprimível dos tiros d'enfiada, de barragem e granadas de mão, os deixam sossegados. Tudo serve. É preciso derrubar os arames farpados do calmo lar em que os conservadores (?) ascetas davam tempo que a sua formação espiritual formulasse o seu carácter são e honesto.

Fora tais velharias, reclamam os ansiosos. Basta de arcaísmos estudiosos e concretos de massuda Filosofia. Venha a nós a vossa honra e glória que há muito tempo encaneceu vossas cabeças.

Preparar convicções duradoiras?

Caracteres de rija têmpera? Princípios?

Tudo velharias!

Sensações, Volúpia, Realidades rápidas como o furacão de resultados prontos. — Eis o que seduz as almas não formadas.

Hoje não há paz; as almas vivem atormentadas. Só alguns raros saudáveis e positivistas possuem ainda a arte de saber esperar, de saber sofrer as argúcias e choques violentos dos impulsivos aventureiros.

A hora é de Febre, maldita sim, em que os espíritos taceiam na Dúvida. Mas esta luta morre, falece infalivelmente.

Ela está construída em frágeis pontos de apoio. O seu valor na medida concebida dos indivíduos está nas suas epopeias. Os espíritos e os métodos vão falhando por toda a parte.

Ideais!? — Como os podereis conceber, se tudo é febre, inquietação, desordem e guerra? A vida hoje, nasce para o momento, para logo morrer célere, até a Arte se deixa arrastar nesta corrente de horas amargas!

Todos os seus sonhos de ideais, todas essas concepções, são fugidias e incorrectas. Os maiores heróis, são corridos pelas baixas belezas, pelas impuras idolatrias do Vício; a Podridão e a Lama os satisfaz.

Neurasténicos esfomeados e de pulmões enfezados, de sangue pútrido e pestilento, podres d'alma, de talento e imbecilidades; —

odiando a vida, a família, o lar, toda essa candura de Paz que nos legaram nossos avós. Só do Veneno do Escândalo, de mil Perversões, se alimenta essa agitação doentia e pouco escrupulosa. A mulher, a sensualidade, a pornografia exalam o seu odor putrefacto.

Tudo lhes serve para deteriorar com o seu contacto.

Porém no luar da minha noite antevejo uma nova Luz purificadora e salutar, uma nova era, uma nova religião, um novo Verbo — a Bondade, a Mulher, o Lar, a Família!

A Bondade cristã, a mulher com todos os seus encantos de Pureza e Castidade. O Lar cheio de poesia e de paz. A família — logo o Anjo, que apesar de tudo se tem conservado eternamente santo — A MÃE.

Faro, 2 de Maio.

CRISTOFLE

FLORES

Nunca me fizeram mal...

Não sou capaz de lembrar-me de qual foi o sábio que disse, Maria, impando sabedorias, que não há vida possível sem amores, sendo o amor sinónimo de dor.

Ao ver teu rosto, Isabel, penso com prazer profundo que Deus quis provar ao mundo que existem anjos no céu.

Olha, Rosina, és tão formosa que eu comparo-te a uma virgem celeste e sinto que perante esse teu rosto de açucena, a Vénus Citereia, a de Milo, qualquer rainha ou princesa, teriam pena de não igualar tua gentileza.

Eu, por mim, se nunca te tivesse conhecido, nem visto, nem fitado, sinto, estou convencido, estaria já por ti apaixonado...

Assim... não me queiras mal, nem tu, Maria, nem tu Isabel... acho o amor tão banal... Admiro a vossa beleza, canto vossa gentileza, mas... só adoro as flores...

Nunca me fizeram mal!

Tavira, Maio, 1917.

Redenção!

De chapéu verde feito de penachos de folhas de avenca e flores, um solitário conversa com a sua própria sombra em balaústre.

... ..

Reluz o capacete de prata do velho guerreiro do Senegal, que traz no seu escudo vermelho um listelo verde a circundar, sobre um fundo de ouro, um braço forte, que empunha um gládio vingador!

... ..

Tinta de escrever! Tinta de escrever! Tu és um Fogo que jamais se extingue! Nero, se ressuscitasse, devia supliciar todos os tinteiros! Porque os tinteiros são os cúmplices da tinta e a tinta é sempre conivente com as penas, e as penas cometem o grande, o atroz, o enormíssimo delito de registar **ideias, pensamentos, aspirações, esperanças!**

Quem sabe se, acaso escrevessem os analfabetos, eles não desprezariam a Rotina que só fala de velharias!

Ler o que ninguém ainda escreveu, o que ninguém poderá escrever!

Redenção!

Redenção!

SONHO RÓSEO

Tradução do Espanhol

Sonhei um Céu.

Entre claridades escuras, via-se uma Flor Crisântemo formosíssimo.

Cada pétala tinha cor diferente, cada perfume distinto. Todas sinfonizavam incenso.

Acariciante e vagabundo bando de mariposas passou a beijar a Flor e o pó multibrilhante das suas asas aureolou-a de uma névoa de suavíssimas transparências fúlgicas.

Começou a cair orvalho de nuvens cor de rosa, e cada pérola que

caía tombava com seu peso uma pétala do formoso Crisântemo.

Cada pétala caída transformava-se numa figura de Mulher com asas folheáceas.

Quando a Flor ficou despetalada, aquelas Ninfas levantaram voo e vendo a corola donde tinham nascido tão nua e triste, para deixarem uma relíquia, começaram a pintar um quadro.

Para pintá-lo, ao passar com as penas das asas davam uma pincelada e deixavam uma cor; tornavam e punham um aroma; e ao estar a corola cheia, aquele quadro sem fundo e sem figuras, foi uma vertigem de harmonia em que se deleitava a Alma!

Futurista, sonhei que toda a gente o admirava mesmo sem o ver!!!

MISS EDITH

Tavira, VI - 1917.

Minha dilecta amiga:

Lisboa, aos 12 de Fevereiro de 1917.

A tua atitude é incomensuravelmente impertinente perante os Novos.

Tardias razões. Mas não comprehendes tu que esses novos são os nervos imperceptíveis da grande Arte Futura que tu tanto detestas e altamente criticas? — São os sonhos do Além, desse Além que tu própria ambicionas, mas que temes electricamente receosa?

Não queres o que desejas se ambicionas desejos que hoje detestas! Ora vamos.

Esses Novos que o Jornal da tua terra nos apresenta, revelam-me qualidades tão inconfundíveis que já os amo e admiro como nuvens erbaciosas, que em constantes evoluções vão em Eros de si próprios lantejoulando o espaço, singrando o Infinito, nessa febre entusiástica de arrebatamentos medronhosos, volteando as flores das amendoeiras da tua pujante Terra Algarvia!

Oh! Minha querida! Se tu ouvisses o zumbir harmonioso nas esferas, volitando em constantes rodopios de cores, essas palhetas brilhantes de sons, esses pingues-pingues coados através da Insipidez presente mas persistente em cardos entre rochedos, que semelhantes ao esforço hercúleo da Alemanha, ficam eternamente

espectadores — tens visto as últimas notícias da guerra? — amarias com grande entusiasmo e com mais ternura esses Novos Poetas do teu «Heraldo».

Esse periódico da tua Cidade é hoje tão querido para mim, como as poesias de Sá Carneiro, o Orfeu, as sonatas de Krimpriz e os desenhos de Santa Rita Pintor.

Esses «Nesso», «Vivino», «A. Queiroz» e «Horácio», toda essa plêiade de Novos que o teu «Heraldo» nos apresenta, eu quero-me n' Eles porque Os compreendo; é por isso que ambiciono confundir-me com Eles, em poeiras brilhantes de perfumes esquisitos; formar com Eles essa tromba imensamente grandiosa que um dia nos arrastará no Além! Lá, onde tudo é estável e infinitamente Novo, Sons, Ânias e Cores!

Quero mesmo que peças ao Ilustre Director do «Heraldo» que faça crer a Esses Novos que há alguém na vida que Os compreende e admira. E a minha admiração em espasmos de ternura vai também para esse Periódico, que lá no extremo Sul do nosso País sabe acompanhar os progressos dessa Grande Arte, só existentes nas grandes Cidades Civilizadas! Ah! Quanto me alegra! E tu, minha querida, não mais protestes perante essa Arte que os teus conterrâneos cultivam com tanto amor, porque blasfemas. A tua alma é toda Dor. Essa Dor é Alma que anseia; adoras repudiando, porquê, minha querida? Se um raio de sol coado por uma fresta faz douradas palhetas num Oceano de trevas, quanto mais não valem os deslumbramentos dessa leitura estranha que tanto me cativa e prende o espírito e que fiquei devendo à tua amabilidade?

Inesgotável de curiosidade, aspira sempre à tua velha amizade eternamente jovem.

Miss Edith

Minha indiscreta Amiga:

Desliza espalhando-se por todo o meu sentir essa plêiade de modernistas, que no teu «Heraldo» resplandece, mas — si! — nenhum soube impressionar-me! Os seus dedicativos, longe de se me infiltrarem no espírito, progrediram em afastamento prematuro!

A alma da mulher é assim, dirás. Não me calunies. Sabes bem que

não me pertença e por isso mesmo desgostas-me se assim pensares. O meu pedido ficou distanciado de uma boa interpretação. Quisera dar-te reverberamentos extáticos e espásmicos, que por vezes me alanceiam, a expressão rendilhada do meu sonho-ambição. Cheguei a vislumbrar entendimento perante esses novos horizontes que os juvenis Poetas do teu Algarve me esperanças, mas a desilusão veio célere...

Sinto delir-me em afastamentos dúcidos! Posso o poder da minha situação, embora em disfarce de alhardo semblante e revoltome! incessantemente! Sempre! Por vezes a minha revolta eleva-se ao cubo! Só no silêncio encontro a plena expressão da minha força e posso escutar as vozes eloquentes da minha alma. Intenção dúbria?

Não! Convencimento íntimo, sólido, inabalável!

Turvo-me nas águas ambíguas da Incerteza, deslumbrada pela incendiária lucilação da Grande Arte Futurista!

Mas quebro-me de anseios! Esmoreço! Olhem! — que ninguém se importe jamais com meus juízos terminantes! —

Estrábica vaidade!...

Isolar-me, deixando passar o brou-á-á comparsa, delirando a pôr em fuga a timidez que me envolveu!... Sim! Sinto-me frágil! Os teus Poetas são impressionantes! Prender-me-iam, cativar-me-iam em alucinações devaneadoras se meu espírito-flor-de-egoísmo não estivesse preso longínquo... distante...

Aberdeen! Aberdeen! Cais rumorosos, Guindastes! Florestas de mastros, ranger-de-Engrenagens, Movimento, Mercadorias!

Vivino e Nesso compreender-me-ão? Talvez. A Ideia surgiu das Trevas, prosseguir na ressurreição ante os olhos e memórias inapagáveis ao fogo do triunfo integral?... Oh! Nunca! Nunca!

E tu, minha indiscreta Amiga, não mais tornarás a lançar-me entre os Paladinos dessa nova luta.

Bem hajam esses juvenis Bardos. A todos a minha gratidão e... esqueçam depressa a

Miss Edith

Lisboa, 20 de Abril de 1917.

ESTER

ONDAS DA MINHA ALMA

Crepúsculo de Saudade

a Ti

Ao longe... muito ao longe... envolto em densas vagas de rosas perfumadas, numa corrida louca desliza lentamente o baixel da Esperança tendo por leme a Luta e por timoneiro a Ânsia...

... ..

... ..

Medonho temporal!

... ..

Enfim! Mar de tule. Todo rosas, todo arminho e perfume de violetas; radiante de triunfo em ondas de espuma, caminha para o Ideal!

Chuva de beijos, grinaldas de sorrisos, luar de prata, bosques de rendas...

A minha Alma... A minha Alma...

Regiões desconhecidas!

Sonhar! Sonhar! Morrer Sonhando!...

Impossível... Impossível... Ruínas ao despertar. Tudo Trevas... tudo trevas...

O mar em fogo clama Vingança!... Vingança!...

Ei-la mensageira do meu constante sonhar!
Oh!... Vinga-me, vinga-me e mata-me depois...

Faro, 18-2-1917.

ONDAS DA MINHA ALMA

Oh! Noite! Noite funda, na minha alma!...

.....

Só!...

.....

Essa doce carícia dum raio do Sol, último sorriso do moribundo
resvalando num declive de Saudade!...

O mar em vagas de crepe pede à esperança a morte!

Montanhas de fumo! Raios rasgando as nuvens!

Tudo fogo! Tudo cinzas!...

.....

Ilusão... frisos de tule e lantejoilas.

Cortejo de estrelas... Sonhos doirados falam-nos de felicidade...

Arrebata-nos nessas asas de Chama!

Oh! O Infinito!...

.....

Maldita realidade que me torturas, deixa-me sonhar embalada nesse
doce Ideal!

Oh! Viver de ti! Nossas almas evoluindo-se pelas regiões do Além!...
esquecendo que tudo é vivo com a sua trivial realidade! — Rosas sem
perfume que se esfolham ao primeiro beijo da aragem. — Na mesma
comunhão de ideias, na mesma aliança de pensamentos, numa só
Alma afinal!...

Oh! Sim! Poder chamar-te de todas!... Não sentir esse agudo punhal
que nos fere a Alma, que nos martiriza, que nos não deixa Ser!...

Ser tua e gozar a eternidade!

Perder-te?! Nunca...

Luz de alegria que me entristece, sede o astro da minha desventura;
que as nossas Almas brilhem no fogo da sua Chama!

Sempre!... Eternamente!...

.....
Triste final. Sonhava!...
Oh! terrível fatalidade que me persegues!...
.....
E sempre isto... E sempre o mesmo disto!...

Ca telas abaladas de morte!

Sinhá de Deus!

Sinhá de Deus!

Sinhá de Deus, sinhá de Deus, sinhá de Deus!

Sinhá de Deus, sinhá de Deus, sinhá de Deus!

Sinhá de Deus, sinhá de Deus, sinhá de Deus!

Sinhá de Deus, sinhá de Deus, sinhá de Deus!

Sinhá de Deus, sinhá de Deus, sinhá de Deus!

(Quanto mais)

De aco... Sinhá... porque eu sou Sinhá!

Almas, muitas almas!

Almas, muitas almas!

Almas, muitas almas!

Almas, muitas almas!

Almas, muitas almas!

Almas, muitas almas!

Almas, muitas almas!

Almas, muitas almas!

Almas, muitas almas!

Almas, muitas almas!

Almas, muitas almas!

Almas, muitas almas!

Almas, muitas almas!

Almas, muitas almas!

Almas, muitas almas!

Almas, muitas almas!

Almas, muitas almas!

Almas, muitas almas!

Almas, muitas almas!

Almas, muitas almas!

Almas, muitas almas!

Almas, muitas almas!

FONTANES

ONDAS DA MINHA ALMA

Avé

(Quando Ela passa)

Almas, muitas almas!...

Alegrias!... Tristezas!...

Choro!... Riso!...

Hipocrisia!...

Fumo!...

Perfume estonteante!...

«Ivounette - Parfum

Delettrez, — Paris»

Sobe ao céu!...

Sonho!...

Mármore animado!...

Pasmo, Admiração!...

Relógio vivo!...

Tic!... Tic!...

Luz!...

CREPÚSCULOS...

a Horácio

Faro, aos 5 de Fevereiro de 1917.

Castelos ululantes de marfim!...

Sáhara de Ilusões...

Sonhar! Sonhar!

9 de Fevereiro

Sinto que minh'alma se decompõe em
pequeníssimas células de Oiro...

De Oiro... Sim... porque eu sou Oiro!

... ..

Meu pensamento evolva-se em espirais
de aço...

De aço... Sim... porque eu sou aço!

14 de Fevereiro

Galeras fluctisonantes, com velas de Tule, navegando em Mar
de púrpura, sossobram ao peso das minhas Ilusões!...

... ..

É quasi Amanhã!...

... ..

19 de Fevereiro

Mais um passo para a Realidade...

E tudo é fumo...

... ..

Oceanos de Turquesa, Himalaias de Ametista, Florestas Negras
de Amaranço, Nilos de Champagne, Londres de Opala, Karnacs de
Rubim, Campos Elísios de Ágata, Boulevards de Coral!...

24 de Fevereiro

A Sibéria! A Sibéria!

O Sol agoniza envolvendo tudo num zainfo tenebroso...
... E Eu gosto do Sol porque Ele agoniza!

O céu em fogo

Sá Carneiro! Sá Carneiro!

«Tu sim, Tu eras alguém»

1 - 2 de Março

É meia-noite! A Voz do Silêncio!...

A Luz da Escuridão!...

Pobres castelos de marfim!

Sáhara de Desilusões...

Positivismo! Positivismo!

Encadernações de percalina, brochuras baratas, alfarrábios!...
alfarrábios!...

FLÓCULOS

A Miss Edith

Atmosfera Flébil... Ar-Pesadelo!...

A Chuva!... A Chuva!...

Rendilhados de espuma!... Luz-Morte!...

Cristais!... Cristais!...

... ..

POMPEIA... POMPEIA!...

Cinzas que vivem!...

... ..

Torre de Babel das minhas Ilusões!

Pirâmides-Nada! Esfinges Irreais!

... ..

Miss Edith!

Ave dourada!

... ..
Luar!... Luar!...

Cisnes-púrpura! Águas de Sonho!

Ao longe... no Infinito — marchetado no azul gázeo — o tulíneo
Castelo — Gemante da minha alístridente Fantasia!...

Eh-Oh!... Eh-Oh!... y y y !...

Faro, 10-3.º-917.

Souvenir

A «Neblina»

Interpretação sublime da idealidade da minha alma
sem horizonte e gemente pelo Além.

As flores que Tu me deste naquela tarde de Fevereiro, em que o
Sol, qual polvo giganteo estendia seus carmíneos tentáculos agoni-
zantes em oiro e punha reflexos de sombra luminosa no teu Ser, já
murcharam...

... ..
A minha Vida! A minha Vida!

... O efêmero Hotel, cujos alicerces são espuma e onde se
hospedam as minhas Ilusões e Fantasias do Passado, do Presente e do
Futuro, tem cada vez mais andares!.....

Vertigem!...

Vertigem!...

... ..
As flores murcharam, e Tu, Mulher Perfume, ficaste bizantinando
com tua graça infinda a triste melodia da minha existência...

Tristezas

A Carlos Porfírio

Naquela tarde sem fim,
Toda incrustada em rubim,
Passaste junto de mim!

Auriluzente em marfim,
Com aromas de jasmim,
Mas nem olhaste para mim!

Adorei com frenesim,
O teu corpo de alecrim,
E tu fugiste de mim!

Os teus lábios de carmim,
Parecendo dum serafim,
Estavam a zombar de mim!

E os teus olhos de cetim,
Que pareciam dizer sim,
Não o diziam a mim.

.....
Naquela tarde sem fim
Toda incrustada em rubim...

Faro, 28-3-917.

EXTASIS

A Vivino

A lua riscando em metáforas de prata o eterno Oceano da minha
bruxuleante Fantasia...

Aleluia! Sevilha!

... fazia-me sentir remorsos do que o Outro fez em Mim.
Cataclismo! Derrocada!

.....
Os egoísmos e sempre Os egoísmos...

EU, TU, **Ela,** (porque é minha)

.....

Ouro!!!

Músculo do Universo!

E se nenhum Ouro fosse meu?!

Eia!... Eia!...

.....
Ela!

Cântico dos cânticos da minha Fantasia!

Corpo bizantino do meu Sonho!

Imagem gótica do meu Ser!

Rascunho histórico do meu Ideal!

Nenúfar purpurino do meu Desejo!

Espásmica nevrose da minha Vida!

Quimera dum ritmo hierático!

Mulher-coral,

Veludo-penumbra

Incrustação-rubim;

Carne-melodia

Olhos-pelúcia

Lábios renda.

.....
E se Ela não fosse minha?!

Aljubarrota!... Verdun!...

.....
A silhueta translúcida do Futuro, morde-me, raivosa sem
açaimo!

Fantoches laivosos contorcendo-se em ira!...

Esgares de mármore irrisório!...

Faro, 15-4-917.

HORAS MALDITAS

A Belmiro

Lusco-fusco! Lusco-fusco!

O Céu nublara-se em carmim!

Aromas de perfume, quais ondulantes sereias, vinham beijar
extasiadamente o podre da minh'alma!

E Eu sentia aquilo que não sou, morder-me ansioso de Ideal!
.....
Centauros rúbeos, enroscam-se pelo roxo do meu Ser!
A vida, a eterna amazona do Passado, trota incansável no
cavalo irreal do meu sonho!
Tudo findara, invisivelmente púrpura!
E o Céu sempre nublado!
.....
Meus dentes de verdes rangem vidro que é arminho!
Meu Espírito pirilampeja qual vidro quebrado!
E Eu que julgara-O vidro!
Eia-hô! Eia-hô!
E o Céu sempre nublado!
.....
Os cisnes mordem treva!

Luz

O quadrado Azul H 4

de

José Almada-Negreiros

Salvé!

Minh'alma envolta em escuridões eternas adormecera!
E o Céu sempre nublado!
Ah! Quem pudesse rasgá-lo por Ele ser nublado!
Ver o que Lá está!!!!...

Faro, 23-4.º-917

GRINALDA

A Ela, a imagem-rubim do meu sonho

Minh'alma outrora endormida em rodopios-aço-vertigem
envolve-se melodiosamente em cetins glaucos!!!
.....

Cassas de Luz! Casas de Luz!

All happiness betide

Nasceu o Sol!

Vida!... Vida!...

.....
Cantam vermelhos e azuis.

Ela

Apoteose-rubra!

.....
Vermelho ! Vermelho !

.....
Mais próximo, no infinito, ouviam-se murmúrios suaves. Eram
lamentações-música das Walkirias emparedadas por brocados
venezianos azul-púrpura...

Faro, 8 de Maio de 1917.

Franja dourada

a João E. Matos Parreira

A minha Quimera Louca,
Pobre manto de brocado,
Há muito que vive morta
No seu Palácio Encantado.

O seu corpo singular
É feito d'ondas do mar.

Seus cabelos, desalinho,
Parecem feitos d'arminho.

Suas vestes vaporosas,
São as pétalas das rosas.

O seu terno olhar-pelúcia,
Parece cetim da Prússia.

Suas vozes cristalinas,
São o bolir das boninas.
O seu pálido sorriso,
Lembra os murmúrios d'Anfriso,

Suas preces delicadas,
São ternas preces de fadas.

O seu perfume-luar,
Anda no espaço a cantar.

E à noite, à luz da lua,
A minha Quimera Louca
Vem p'ra o jardim toda nua,
E seu corpo de pagã,
Baila no lago um can-can.

Faro, 20 de Maio de 1917.

Visão d'Ópio

À minha Nossa Senhora do Vermelho

Perfumes rosa-chá vinham quebrar-se angulosamente contra a
minha face que ri...

Fecho os olhos para ver...

.....

Sílfides, cujos gestos cantam em desmaios-cadência-espasmo-
dor, esbatiam-se azulaneamente em ópio...

Hamadriades, seus olhos dormem numa imobilidade esfin-
gicamente esfíngica, eram luz, porque o sol há séculos que morrera
em lenta agonia ouro-púrpura...

Ondinas, seus corpos têm as voluptuosas ondulações da gaze
ao vento, ritmicavam em aromas pálidos de arminho...

E mais... muito mais... Oréades, Sereias, Ninfas... tudo numa
dantesca bailata ébria de ideal...

A dança tornou-se cada vez mais rápida, arlequinescamente mais rápida...

Não eram corpos que dançavam, eram tules num redemoinho de vento!

Eu não era Eu, era vertigem de mim próprio!...

E... Sílides, Hamadriades, Sereias, Oréades, Ondinas, Ninfas, fundiram-se arrebatadamente num corpo só... belo... muito belo...

Apoteose!... Apoteose!...

.....

Luz!... Luz!...

EUREKA!...

.....

E assim nasceste tu ó minha Nossa Senhora do Vermelho...

Faro, 29 de Maio de 1917.

NARCÍSEA

A Fontanes, sou Eu

Fugiu-me o relógio, e Eu era relógio que não fugiu!!!

.....

O oleado quebrou-se!

«Eles» sempre a dizerem sim e a caixa a rir-se de fechada!

.....

O meu monóculo tem o vidro fosco por não A ter visto!!!

Cascas de eucalipto, pesa-papéis e velhos almanacks pendem sobre a estação do Rossio!!!

.....

Vejo-me ao espelho mas nunca me vejo Eu; é sempre o outro; é sempre o outro!...

.....

O velho mosaico romano debruça-se à borda do Atlântico!

!!!Vertigem!!!

Ah como Eu me queria rir dentro deles...

Faro, 5 de Junho de 1917.

LAVA

À Cinzentania do Litoral de José de Almada

Do girassol que olhava para o meu Eu parvamente sou Eu o sol...

Fitei um candeeiro que assombrava em luz o século XX, e só agora reconheci que o candeeiro era o

José d'Almada Negreiros

Persegue-me ó tic-tacticar do relógio que contou os últimos momentos da filha de Aristodemo.

Sinto-me preso na hélice-vertigem do aeroplano do Sallés, que vi há anos na Praia da Rocha.

Hei-hô pelos grandes centros de sport!

Canadian Pacific!

Le Lac Moraine!

Montagnes Rocheuses Canadiennes

Centre réputé de Sports

Sur la ligne du Canadian Pacific

Railway!!!

Louco Luz
Delirium tremens Carnaval
O Poeta Nero Génio
Waterloo Círio

Heia!... Heia!...

Século XX

Assombro!

Assombro!

O LITORAL

de

José d'Almada Negreiros

Lambem-me as faces as labaredas de todos os incêndios.

Portugal, Algarve, Faro, 18-6-917.

VISÕES ABSURDAS

*A Naissance pelas «Cintilações»
que me dedicou*

I

Adormeci-me negativo.

II

Sinto-me mais... Heia! Heia!... transbordo-me para fora do
burguesismo realidade-opaca do meu Ser negativo em ânsias

frenéticas espiral-velocidade esfingicamente momentâneas de idealidade translúcida do meu Ser positivo rasgada à minha imaginação em apoteose-vida.

III

Elevo-me a uma potência-imaginação-absurda infinitamente maior que todas as imagináveis, que todas as possíveis de existir, que todas as possíveis de imaginar!!!

*Elevo-me à potência
de mim mesmo*

IV

Sinto-me melodia-vertigem, não do meu pensamento que esse não me pertence, mas do meu Ser positivo, lucidamente estético, esteticamente pagão, em ânsias-rodopio do meu cérebro iluminado, cuja velocidade é infinitissimamente maior que a da luz que reside viva p'ra dentro dele.

V

Escuto-me em espasmos histéricos de vultos anemicamente rubros labirintizando meu pensamento fugido de mim em romanticismo-pesadelo.

VI

Enlouqueço-me prós adormecidos em não Ser.

Ambiciono ser mais...

EU SOU AMBICIOSO

VII

Perseguiam-me estas visões absurdas à décima hora do primeiro dia do oitavo mês do ano de mil novecentos e dezassete da era de Cristo.

Século XX, Faro.

ÂNSIA DE SER

revolvo-me em ânsias de vir a ser alguma coisa pra cá dos cérebros parvamente adormecidos em não querer ser vácuo vontade e ainda pra cá dos espíritos grandemente iluminados em redenção apoteótica do século vinte

pirâmides-Nada esfíngicas e espumantes são hoje pra mim pesadelo constante acordar tarde invadido em vago receio espectral e histérico de não triunfar de não vir a ser aquilo onde se resume toda a minha ânsia todo o meu ideal todo o trabalho positivo do meu ser lúcido que vive agora pra cá do outro que fui romanticismo-parvo falta vontade de ser morto felizmente na minha vida

no dens'umbroso deserto de desilusões com ventos alíseos de Tédio com dunas de desespero e caravanas de desiludidos achei um oásis de luz minh'alma esguiando-se para o infinito lambem-me as faces contraídas em rictos feéricos de terror enroscando-se por mim arquejante de ânsias com ondulações voluptuosas de sereias as labaredas de todos os incêndios apagados há séculos pra dentro da história e acesos hoje à minha louca imaginação fantasista absurda e ansiosa no rodopiar dos meus pensamentos em velocidade genial muito maior que a da hélice de qualquer aeroplano muitíssimo maior que qualquer velocidade positiva existente no estado actual civilização incompleta do mundo dos grandes inventos infinitamente pequenos à vista dos que falta inventar tantos e tão grandes que o nosso pensamento não atinge dado o limite parvo baliza de ferro que o restringe em opacidade banal.

Faro, 13-8-917.

GERVÁSIO

Inter-Sonho

Ao Nesso

É nas ânsias loiras, ascendendo o espaço,
Qu'há Bocas 'smagadas, raivas irreais,
Qu'há carnes que s'estorcem em espasmos d'aço
Almas que s'elevam às regiões astrais!

Vontades d'emigrar para o peito qu'rido,
Em Matéria e Alma ali se condensar;
Sorver aos poucos o Corpo apetecido,
Ah!... 'smagar... torcer... premir... espedaçar...

Moles os Sentidos do c'lorido amplexo,
Tremida toda a Alma, êxtases já sem nexo,
Os pensamentos loiros 'svoaçam pelo ar...

Há só então n'alma o pálido reflexo,
De tudo que oscilou, cinz'inda a queimar!
E na boca seca, um ruivo palpitar.

Faro, 12-2-1917.

MOMENTOS NEGROS

Anda p'lo 'spaço soltando seus lamentos
Sofrendo d'acerbo mal que não tem cura
Vibrando mágoas quase sem alentos
Bebendo roxo o cálix d'amargura
Pelos longos dedos da noite engelada
Rasteja sem força já o meu viver;
Alma sem 'sperança numa madrugada.

Ai! como me dói este mar deserto
Morto, sem nada, sossegado e só
Pensando a gente que de nós tão perto
Palpita um mundo, e que só eu sou só!

Ah! desesperar a gente de ver o sol nascer,
Presentir a Alma e sentir-me o Nada
E esta Alma não poder morrer...
Oh! castelos de sonhos dismantelados
Oh! alegre falar de feia morte
Entristecei-vos pobres desgraçados
Que o meu viver é muito pior sorte.

Faro, 17-3-917.

...Solidão

A Ibn-Amar

Um véu azúleo ocultava-me os tredos aspectos do Mundo...
Ilusões esmorecentes rasgaram esse véu! Sinto-me só! Minha alma
é flecha perdida nos abismos do Espaço! Julguei dominar no País
das tuas Quimeras louras, mas tua susceptibilidade e teu génio
impetuoso e irreflectido feriram-me!

Chamaste-me «perjura e flor adocida em Ingratidão!...»

Silves, Abril 1917.

DESEJOS

A Ibn-Amar

Açucena florida, meu pensar em ti dealba-me no espírito a
ambição louca de alecrinar palavras que te não digo mas que seria
feliz dizendo-Te.

Beijos brancos e botões de ouro a florir, riem escarninhos da
rouxidão dos cravos e do amarelo pálido das rosas nascentes...

Longe das urzes, só um anseio adeja em volta de mim, roçando
no meu espírito suas níveas asas esperantinas:

Que, sob o luzir amorável do teu olhar negro, o trevo reconciliante ascenda florido e lindo, entre papoilas róseas nas orlas de relva do lago Porvir!...

AO TEU DIZER

A Ibn-Amar

No meu Jardim-Ideal áureas flores de acácia gemem prantos!
Um luar bisonho as esverdinhou!

Minh'alma dolorida enche-se de luar triste! Florescem nardos
negros no meu espírito!

Trepadeiras floridas recortam ao clarão da lua silhuetas de
aéreo silabista.

Mas meus olhos só sabem ler nos teus...

Rondas de aleluias, em indecisões prateadas, dizem **angústia**...
Tu sabes só dizer: **Ingratidão!**

Silves, IV — 1917.

IBN-AMAR

AO TEU DIZER

GLÁ-GLÚ

Nogueiras carregadinhas de anos e de grenhas umbrosas abrem suas umbelas verdes sobre a lapa de basalto.

Da altura, a despenhar-se num leque de colubrinhas feitas de flóculos de espuma, tomba a grande lágrima de água, que alimenta a fonte.

Matinam ali as moças da aldeia, cores de vida nas carnes frescas, luzes de sinceridade nos olhos bailantes, enchendo os cântaros. À noite, na solidão, a fonte reza em silêncio...

.....
Sonhando, olhei:

Vagava perto da cortinha o Tardo danado, a uivar gargalhadas estridentes!

E os milhafres abriam no ar graxo seus leques de luto pesado.

.....

Corredores de olhos fuzilantes encravavam para sítios vestidos mirrados, e curtidos em ignomínia.

.....

Na fonte a água cantava no gargalo do cântaro:

Glá-glú! glá-glú glá-glú...

E os ecos repetiam:

Glá-glú! Glá-glú!...

Silves, Maio 1917.

ESPERANTINA

Aos dizeres do teu lápis

Em negro espacejado a incidências de rendelárias bravas curvam dolorismos falando-me Teus últimos postais em meiguices a «vol de oiseau».

Mãos trémulas de arbustos verdes acariciantes de esperança!
Desvairo de luz em horas torvas da Noite-Incerteza!

— Obrigado!

— Gracias!

— Merci!

— Thank you!

— Cospetto di Bacco

..... e

A partir, prestes a escutares o nasal «shocking» das velhas locomotivas, uma recordação para mim cantada na voz melódica dos perfumes!

E os barcos dos velhos parques outonando solidões!... Os Teus dizeres!

Revivescências lindas, azulejos mosaicados a luxuriâncias de lichens entre casarelhos ectéricos resfolgando modorras e mornidões de esquecimento!

Alvor de estrofes divinas de Moore, o Poeta dos silêncios abertos nos precipícios e despenhadeiros.

... ..

Luvas de beijos não tuas mãos de marfim e laca!

Silves, 8 — 1917.

SONETO EM PROSA

*A uma flor adoecida
de ingratidão*

É mentira não te querer! Só a Inutilidade pode negar o Sol-
-Evidência!

Mas, se andei cego por ti foi no tempo amargo em que te
penumbraste em apartamento.

Agora que o teu regresso é realidade, tudo acabou!

Que saudades louras eu sinto implumarem-se no meu espírito,
por esse tempo-angústia em que te não vi!

Mas, voltando, desapareceste aos meus olhos e o fogo que me
calcinava o espírito em ardências azuis de chamas verde-Esperança,
apagou-se, extinguiu-se num gemido de moribundo a renascer para
a Grande Kermesse Dourada do Além!

.....

Toldei-me, devorado por demências zebradas de amarelo-
-citrão! Todo me senti vibrar em volutas de um perfume esparso!

Separámo-nos impulsionados pela vacuidade do Ser-Não-Ser,
convulsionados em espasmos ansiosos de Ideal!

Vibrante, qual campainha de ouro sonoro, queres reconquistar
o meu amor disperso!

Auroras poentinas! Auroras poentinas!...

Ambicionas render-me, quebrado em anseios às cintilações
feéricas do teu afecto carícia!?

Ai de mim! Ai de mim!

«A vida só tem de bom o que nela não existe!»

Jamais, jamais!... Queimaste nas chamas laivosas da tua
indiferença o ideal azul das minhas Quimeras!

E ele morreu numa tarde inédita em que não houve sol poente!
Mas os lírios choraram tanto que o seu pranto inundou o céu!

Martelos!... Martelos!...

Trovejam tempestades de Revolta nos meus tímpanos empo-
brecidos pela ausência da tua voz carinhenta de harpa eólia!

Mas — e tanto que eu te queria, linda Flor adoecida de ingratidão!
— falas-me e eu já não te sei escutar, porque meus ouvidos restam
endoidados da tua própria outra voz de outrora e essa — música-

-sonho, tangida em ruflamentos palpitantes de asas-aspirações — não mais tornará em Ti!

Apareces-me, mas... visão cinzenta, e crepuscular — meus olhos já não sabem ver-te, tornados como estão, espelhos vivos da tua outra própria imagem que os fascinava nesse tempo-angústia em que não te via!...

Silves, 15 de Março de 1917.

Vácuo

A uma perjura

O vento ulula. Tempestade! Tempestade! Abre-se o sacrário da minha alma em dor, precioso escrínio onde outrora fulgiu tua imagem de Santa medieval! Tudo vazio! Tudo vazio!

Nevadas açucenas, meus pensamentos que foram teus, morrem enlanguescidos no hálito de ingratidão que brota das tuas cartas-perjúrio.

Turíbulos de prata queimando perfumes, meus desejos ardiam para ti e, quais falenas endoidadas, corriam outrora, numa vertigem embólica, sequiosas de prestarem-te sua homenagem sincera, em ânsias louras de aspirações inéditas!

Aljôfares da noite, minhas ideias embebidas em tristura, evaporaram-se relembrando teus risos cor-de-rosa, teus gestos de cetim, tuas palavras de veludo!

Mas Tu, terna Flor da Perfídia, Florescência traiçoeira da Mansenilha mortífera, só quiseste que a rubra flor-afecto florisse em meu coração para de pronto a aniquilares com o vento gélido do teu criminoso abandono! Traição! Traição!

E assim esqueceste que de um Amor, assassinado em perfídia, brota sempre a venenosa flor do Desprezo.

Mas eu, pobre de mim, não te desprezo, porque Te esqueci — Apaguei-Te do meu pensamento. Escuridão! Vácuo, Vácuo! Tudo vazio! Tudo vazio!...

Silves, Abril de 1917.

CANTARES

Houve um dia em que na glória

Cifrava o meu porvir;

Porém vi-te e hei variado:

Hoje cifro minha glória em ti!

Que tristes são, meu amor,

Notas da minha guitarra!

E é cada nota um suspiro,

Um suspiro da minha alma!

Quando contemplo, de noite

As estrelinhas do céu,

Em a mais bela de todas

Parece-me que te vejo!

Eu sou mísero planeta

que cruza o espaço, errante:

Tu és o astro potente

que o subjuga e atrai.

Cantando passam as penas,

Disse um dia não sei quem;

E a mim as penas me matam...

A mim, que tanto cantei!

Silves, Maio 1917.

KERNOC

SAUDAÇÃO

Ao gran Jó

Céu. Trevas! Meu espírito arlequim, baila aspirações dentro meu corpo deambulante!

Esqueci minha boquilha e fumei um cigarro!

Meus olhos fitaram o grande arco da grande ponte, mas o arco fecha-se todo em curva, apertada-se, estrangula-se, já não é arco! Já não é ponte! Meus olhos vêem vazio!

... A ponte servia a homens e veículos, trens de ferro e trens de carne, a passarem de uma para a outra margem...

De um lado, a Luz, o Movimento, o espirilar do fumo ascensionante das grandes Fábricas. Além, campos, árvores, pedras e árvores com luvas de musgo e de líquenes!

... Passei agora no Chardon e premei o

«*Quadrado Azul do Almada Negreiros!!!!!!*»

Não o li só para o admirar e achei-o lindo, arrebatante, expressivo de um impressionismo dolente de cadências rubras de delírio ultra-vertigem!

Salvé, ó *Jó!* Salvé, ó gran *Jó!!!*

Agora, já não há ponte, mas há «Quadro Azul». Trevas estupidizadas aos que não o compreendem; Luz radiante aos que o entendem!

Hossana!

O «Quadro Azul» é uma ponte cujos extremos assentam nas margens da treva e da Luz!

Porto, 25-IV-917.

PUGNA VITAL

A Vivino

No insípido Gimkhana do Tempo sportiza A Existência.
... o sol põe indecisões douradas nas plumas verdes das árvores...

.....

O Tédio e o Desalento cortam o ar com golpes de boxe; a Vaidade futeboliza, brutal, pontapeando a bola Estímulo.

Em plastron branco e máscara de ouro a rir ao sol faiscações luminantes, a Alegria cruza florete toledano com o cavaleiro Tristeza, de rosto velado em luto!...

Incitada pela Maldade, a Ignorância quer roubar à Sabedoria seu disco argentino de arremesso...

Aspirações louras jogam o ténis.

Olho. O Desprezo empresta-me o seu binóculo astuto e um enorme «Spleen» afasta-me do Gimkhana do Tempo!

Meu pensamento segue em vertigem, através o Espaço, no veloz, automóvel Indiferença.

Hurrah pelas grandes velocidades!

Porto, 28 de Abril 1917.

NA CURVA DA IDEIA

Alegrias rubras incendeiam-me no espírito lampas eléctricas de felicidade!

E Tu, Estrela mirrada, vagabunda que andaste por mundos distantes, voltas a luzir na escuridão do meu horizonte ilimitado!

... ..

Olho-Te, olho-me, e parecem meus pensamentos um bando de rouxinóis enjaulados pela ferocidade melodiosa dos seus cantares festivos num sol-pôr embalsamado a lírios.

Diante dos meus olhos glabros de visões perfeitas, sinfoniza-se lenta, a humanização íntegra das curvas jónicas do alabastro do Teu corpo!

... ..

Tenho o meu pensamento salpicado de estrelas, de pirilampos, de faiscações relampagónicas!

Arde-me na pele o enxofre de todos os fósforos, o fogo de todos os lares, as labaredas de todas as fornalhas, os raios de todas as tempestades...

Mas !...

Teu olhar é um punhal de gelo que me trespassa!

... Vivendo assim, sinto todo o Além encadernar-se no meu espírito de fatalidade errante!

Delírio! Delírio!

Passou, diante dos meus olhos parados a visão Korânica de um turbilhão de houris!

Mahomet! Mahomet!

Havia lume nos seus olhos tentadores, aromas de sândalo e aloés nas turbinas dos seus seios oscilantes e rígidos!

Elas passaram! Deixei-as passar! minha alma, feita morcego, vestiu o smoking pardo do desespero e foi, num impulso irado, até à curva azul em que o céu se desdobra na sua própria continuação!...

Porto, Maio, 1917.

CONFISSÃO

A um véu lilás:

Abutres, de nuvens roxas devoram o cadáver rubi do sol morto!

Fine points! Fine points a ranger na imaculabilidade do papel!

... ..

Alucinado lilás beija amoroso o ouro da tua carne morena.

E a minha alma inveja o lilás alucinado!

... ..

Teus olhos de treva dispersam no éter poeiras de astros!

Minha alma inveja o éter cheio da luz do teu olhar!

... ..

Tua boca, sangrando rubis no ouro da tua carne morena, aromatiza o espaço de uma esquisita essência feita de todos os perfumes!

Minha alma aspira esses perfumes e dilui-se no ar loiro do crepúsculo primaveril, sedenta de aquecer-se na luz. Meiguice do Teu olhar molhado em doce volúpia!

Porto, 5 de Maio de 1917.

O Poema Eterno

A Vivino e às Estrelas da Praça Nova

Nascendo do Caos eu engendro a Aurora;

Da fénix morrente sublimo a dor;

Eu sou dos astros a força criadora;

Eu mando nas almas; eu sou o Amor!

Fidibus canoris!

Eu sou a alva maga, que inspira ao Poeta
As notas vibrantes de um canto ideal;
Eu sou quem o incita com forças de atleta;
Os seios abrindo do mundo moral.

Vocalem Orphea!

Eu vibro nos ares qual eco perdido
Qual vaga lembrança de um mundo que foi;
Eu diluo as penas ao peito ofendido,
Dou asas ao débil e alento sua fé!

Fugiente penna!

Eu sou o intangível, eu sou o infinito;
O mais inefável, o mais sedutor;
Por tudo circulo e em todos palpito;
Eu sou o tirano por todos bendito
Eu sou... um mistério: eu sou o amor!

Scire nefas scilicet est!

Porto, V-1917.

REMEMBER

*A Miss Noémia, lembrança
inapagável da festa da Flor no Porto.*

Rosas vermelhas, risos de púrpura, rosas brancas e rosas
amarelas...

Luas de tule, plumas, quebramentos de sedas; gestos de
ordinas, visões estelantes e paradisíacas!...

Mãos finas, de unhas rosadas e ungidadas de perfumes caros...

**Les parfums Lubin
mettent l'âme en fête!**

E as ruas do velho Burgo a regorgitarem de lindas senhoras
talhadas em finos blocos de elegância pura!

Bênçãos! Bênçãos!

.....
Miss Noémia Grossmith, rosa esbelta paramentada em preciosos tecidos, engrinalda a lapela do meu casaco com uma orquídea cor do sol.

Meu óbolo de poeta cai no saquítel de filigrana de prata da elegante miss e nos meus olhos acendem-se os fogaréus de uma adoração ilimitada!

Miss Noémia, num gesto alado, a sorrir, deslumbrando-me a vista com as pérolas maravilhosas dos seus dentes pequeninos, ideal castelo sem ameias, corta meu pasmo, fechando-me a boca com um perfumado rectângulo imaterial, de um amarelo ingénuo e de saber delicioso:

Huntley and Palmers
“RICH DIGESTIVE”

Biscuits!

(Wheatmeal Biscuits. Very short, slightly sweet — in a high degree nutritions.

Made with great care from materials of perfect purity.)

Porto, Maio 1917.

FUMO

A um cigarro que não queimei

Na radiação do ar livre ambiciono agilidades de sport para o meu espírito ancilosado em tristuras alacrememente amargurosas.

Papers-charge!

Steeple charge!

Shatmg!

Tennis!

Golfo!

Polo!

E as minhas idealizações volteiam em mariposas num pitoresco estridor cromático de amazonas, de casacas encarnadas, de camisolas enfunadas de Jockeys, magrizelas!

Raquetes!! Raquetes!!

Setters e galgos que ladram à trela dos cavaleiros!
Miss louras impacientes à chegada dos hunters piafantes e fogosos!

Samovars que fumegam com serenidade, debaixo de tílias floridas!

Festões de rosas e de cravos brancos! Bailarinas violetas e almeias de carne feita de pétalas de crisântemo!

.....

Almas delirantes ardendo em amor volúpia!

E o trevo de quatro folhas com o efeito hipnótico das suas maravilhas!

E os elevadores escangalhados parados entre o céu e a terra!

E o Palácio de Cristal cheio de martelos que estrondeiam.

E a Torre dos Clérigos de monóculo!!!

E as mulheres do Candal com as suas arrecadas de ouro, as suas grenhas pastosas e os seus olhos cor de cereja!

E os damascos da Maria Ruiva!... saborosos, perfumados, çaoias aromáticas!

.....

E deitei fora o cigarro que não ardeu!

Porto, Junho 1917.

Delírio rubro

A Neblina

Circular Trimmer Made!

Enquanto o vento soluça endechas tristes, minha alma dança um estranho sabat dentro do meu próprio corpo enregelado!

Meus dedos são bilros esguios com que o Destino vai fazendo a urdidura rendada da minha pouca sorte!

Tristeza ! Desespero !

Meus olhos são a objectiva da Desgraça!

Provas! Provas!

Richardsons, n.º 2

Circular

Print trimming set consisting of improved swivel wheel
outter and 6 circular zinc shapes.

The most sucess Ful!!!

Mas tudo sai velado, baço, escuro! A luz voou a rir escarminha
como um morcego endomingado!

E todavia meu espírito em zig zags, é bem um infalível
Fotometro Wygnés, todo em níquel, em forma de relógio para
marcar o tempo que ainda não passou nem nunca há-de chegar!...

Porto, VI-1917.

Instantâneo

No Mar-Morto-Vida-Negra uma torre lapidada e bojuda com
coroa de ouro!...

Boião de Tabaco!

Horas vivas de um Relógio parado!

Momentos lúcidos de um cérebro doente!

Cameloshirtos, parados, mornos, bocas fumegantes de chaminés
de grandes fábricas!!!

Estou a ver daqui o meu cachimbo de raiz, cabeça de turco
zebrada a fumo e nicotina, a dançar rodopiamentos espiralândios
de vertigem morte-cor!...

Fumo! Fumo e mais fumo! Tudo isto é fumo !

São equações de fumo a resolver a negro no quadro branco do
meu livro de mortalhas

Zig-Zag!

Papier-Duc!!

Satin!!!

... ..

Dei agora um abraço no porteiro dos Grandes Armazéns
Hermínios, que festejaram o seu 24.^o aniversário!

E ofereci um cigarro a uma montra!

Porto, 5 Julho 1917.

Nuvem vermelha

Vermelho sangue! Vermelho cristas de galo! Tenho os olhos a doerem-me de tanto vermelho lágrimas!

Eco de granadas que rebentam em leques brancos!

Visão de metralhadoras que cantam sem cessar hinos de luto!

Trincheiras que desabam afogando gente! Aviões que vomitam morte! Obuses que incendeiam o ar de asfixias e canhões que cortam os ecos com os estrondos!

E o 47 da 1.^a companhia a escrever à mulher quase a morrer de ausência!

E o 22, que foi promovido a sargento! E oito ficaram esfacelados! Cortou-os em pedaços um tiroteio inimigo. Voaram corpos em farrapos de carne feitos borboletas!

Tenho no rosto a expressão daqueles rostos sem expressão e ouço os canhões cantando vermelho!

Porto, 7-1917.

Bisalho - Vertigem

Ao cadáver de um cigarro.

Ardências calcinantes de gelo morto dançam em bric-à-brac na clarividência tempestuosa das noites-delírio!

.....

No quebra-mar do Tempo passado, futuro e embrionário transfuturiano afiam-se dois estiletos brancos!!

O meu lápis encarnado a escrever azul!!!

Vozes estranhas roncam no ar melodias quebradas em harpejos sinfónicos arrancados à alma das cousas!

.....

Caiu-me um aerólito dentro do tinteiro e o sol e a lua a rir às escâncaras!

.....

E o turbante verde do Rajah que não existe era forrado de branco!

... O pêndulo era chumbo!
E na Rua Sá da Bandeira estava um sujeito que não era eu muito parecido comigo!

Cumprimentei o malvado e o malvado era Sombra!

Tornei a cumprimentar e ele era eu, sendo um sujeito que não era eu nem se parecia comigo!!!

Porto, Julho 1917.

DÁLIAS

Ao Alabastro do teu corpo

Dálias “Deuil de Marguerite” vermelho purpurino aveludado.
Corolas matis languidamente frio olhando espectadores.

Visitantes olhando fito!

Líguas que se esguiam em filamentos vaporosos de cores...

Branco puro ligeiramente estriado de carmim.

Sugestão pálida de inebriantes perfumes...

Rivais vitoriosas de Crisântemo a lutar entre escudos verde berrante!

.....

Ora isto foi no Salão de Festas do Jardim Passos Manuel:

Exposição

DE

“Dahlias cactus”

.....

Dálias bicolores, sorridentes, belas, lindas, eclipsando o brilhar sanguíneo dos lábios, das moças de Miragaia!

Dálias elegantes, distintas, enchendo de ciúmes cor de rosa as meninas da Alta Roda Invicta!

Dálias formosíssimas nuançadas em violeta, enraivando todas as Mulheres menos formosas do que elas!!!

Novidade originalíssima:

A DÁLIA

“MADAME NAGELS”

Linda, deslumbrante, a confundir-se com o crisântemo...
Lígulas imbricadas.
Pétalas longos dedos de freira, vaporoso arminho ondulante.
Matiz circular em rodopio de cores vertigem!
.....

Erecta em solitários bizantinos quebrados de ouro, ostenta
graças voluptuosas, odaliscantes...
Rasga aos olhos claridade de sonho! Visões de ópio delirante.
.....

Tu, Corpo de encanto, alma de luz, és, a Dália delírio do meu
sonho...

Eu fui eu; precisamente quando não era eu é que me sentia eu
próprio!

Hoje-Agora, sou Luz-Pensamento ambicionando-te!!

Tu...

DÁLIA

“MADAME NAGELS”

Porto, VII - 1917

BOLETIM N.º 31

Convulsões de peitos de aço a bramirem fortes! Zut!... Zut!...
Turbilhão mecânico rodopiando em vertigens de brilhos que
giram capricantes em relâmpagos de estrondosas faiscações!

Zut!

Wolverine!
O MOTOR MARINHO DE NOTÁVEL CARREIRA E
DIÂMETRO.

a
Petroleo, Kerozene, Gazolina e gaz pobre
para

Trabalho pesado, Navegação Fluvial e Marítima!!!

.....

E lá tão distante, Tu a rires!
Ri embora! O riso tonifica porque é saudável!

As árvores e os pássaros também riem! Riem os peixes e as pedras!

Riem as águas e os céus.

Também ri o

Wolverine Motor Works,

inc

foot of Union Avenue

Bridgeport, Conn, E.U.A.

(antigamente em Grand Rapids Mich.)

Só a humanidade imbecil, estúpida e brutal é que não sabe rir.

Tu ris, porque não pertences à humanidade.

Tu cintilas perdida no éter, participaste outrora do esplendor de um astro que nenhum homem chegou a ver porque neste tempo não havia olhos nas órbitas humanas mas sim nas corolas das flores!

O astro passou mas Tu ficaste só para deslumbramento da minha retina amaurótica de cego amoroso em encantos!

Mas os Motores Wolverine trabalham com toda a variedade de combustíveis.

Eu, motor sombra apenumbada do não existente supérfluo e multipensado, trabalho em dores-alegrias, espasmos e delírios, rodopios e vertigens!

Tu, és cintila quando vibras e apenas máquina Singer silenciosa quando Te livras da ignição do pensar!

Ri o endereço telegráfico!

WOLMOTE

CÓDIGO A B C 4 e 5

ED. Liebers

WESTERN UNION.

E a torre dos Clérigos a dançar e a rir! Tomou a solução de salicilato de soda dr. Clin! Passou-lhe o reumatismo e a gota!
Wolmote! Wolmote!

Porto, Agosto 1917.

SÚPLICA INERTE

Ao teu affecto morto

Formoso Clarão de egoísmo, Tu passaste perturbando o ar com a graça viva do Teu perfume de elegante rafinée!

Eu, pobre andrajoso, pedi um sorriso ao teu automóvel de pneus Michelin.

E os pneus Michelin a olharem para mim com os seus olhos de Pneus Michelin!

... ..

Seguiste, indiferente, na onda vaporosa das Tuas rendas de Chantily.

E eu pedi um sorriso ao agitar do Teu leque de rendas!

... ..

Fui ver a Malombra e pedi um sorriso aos gestos de música da linda Borelli.

E a Borelli partiu um espelho mas eu não tive a alvorada do seu sorriso!

Sorriram-me, só, os olhos curiosos das minhas patrícias atentas a verem a fita!

Mas eu não olhava para elas nem para a fita porque eu era fita que não podia fitar a fita!...

Fitas! Fitas!

Eu queria ser fita dos teus sapatos! fita do teu vestido, fita do teu chapéu!

"Para tu olhares para mim"

Eu queria desenrolar-me em fita e subir aos píncaros das fitas que a gente fita!

... ..

E a loção Cassionel de Joaquim Preto que não faz nascer o cabelo à terça-feira e evita a queda do mesmo aos domingos e dias santificados!

E a cura da tuberculose pela kokcina Rubra!!!

E tu a rires das minhas súplicas!

Porto 8.º - 1917

JOÃO ROSADO (HORÁCIO OU O'RÁCIO)

Receio

I

Soa já perto o fim deste tormento
Que me arrastou à Noite, a pouco a pouco;
Mas a saudade de ter sido louco
Escoa-se-me em trevas, num lamento.

Aspirei o perfume da Soidão
E perdi-me a sonhar o irreal!
Entanto eu sinto-me ainda mais ideal,
Sou mais Além, delírio mais Unção.

(Ai! a saudade de ter sido Luz!)
Não vergo ainda e nada me seduz,
Nada me oscila já... quero sonhar...

Tenho o meu silêncio n'alma... ai que tristeza...
Que dor... se ainda me fuge essa certeza
De ser eu, outro mundo a delirar.

II

Olhando o azul do céu, estático e maldito,
Assaltam-me visões do tempo em que sofri;

E consigo viver momentos que perdi
Numa saudade loira em espasmos de Infinito.
Ó silêncio da noite-ó-Dor-alma da morte
Abandona o troféu que me roubaste em vida.
Eu quero a luz brilhante, eu quero a luz sentida,
Basta de escuridão meu fim é doutra sorte.
As garras da tristeza eu as cortei de vez;
Meu peito é todo Luz, mui minh'alma é imortal,
O fim da minha vida é belo mas fatal!
O corpo não se salva em tanta mesquinhez
Mas isto que é a alma, isto que ferve em mim,
Despreza a morte já; quer Vida e Luz sem fim.

Sonho de aurora

Viajei a minha alma pelo Além
Na ânsia de perder o meu Horror!
Nos mundos que encontrei senti Calor,
Vibravam mais de Belo; eram mais Bem.

Era tão branca a aurora, tão de Luz,
Que eu me senti vibrar intimamente
Numa vida mais Outra, mais potente,
Que em beijos de alma ainda me seduz.

Porque eu beijo a minha alma quando a vejo
Toda branca de arminho a esmorecer;
E quando a beijo sinto-a estremecer
Num êxtase de luz, num terno harpejo.

- Ah! Não ser eu a vida que sonhei! -
Vejo-me triste e vago como o sonho,
E dalma ajoelhada mais tristonho
Eu vou beijando os beijos que lhe dei.

Se eu fosse aquela Aurora, vagamente,
Se eu não fosse eu; se eu fosse o meu sonhar
E com asas de Luz fosse habitar
Os céus que antevejo tristemente;

E numa ilusão feita só de mim
Eu lograsse vencer este meu Ser...
Mas tudo me mentiu. Tudo a morrer
Me arrasta doidamente p'ró seu fim.

... ..
Alma que foi - eu choro a minha Vida!
Sonho de Aurora - eu morro sem ser Eu.
Ah! se eu vivesse o sonho que me ardeu
E ficasse no mundo Alma esquecida!

12/XI/916

Adoração

Eis-me silêncio em volta de mim mesmo
Estrebuchando só o que não fui;
Nada sinto, da vida, que me enleve
E aquilo que vivi tudo me rui

Tenho saudades, loiras, magoadas,
De momentos sublimes de ideal,
Que eu consumi nas trevas que me cercam,
Sonhando doidamente a Luz irreal.

De mim só tenho o sonho que me eleva
Aos mundos que, de longe eu só criei;
E que eu anseio por torná-lo vida,
Para sentir os beijos que lhe dei.

Nunca senti a cor da minha vida,
Nada do mundo em mim se me fixou;
Vivi outros espasmos mais sublimes.
Só a minha alma entanto é que o sonhou!

Ilusões de mim mesmo eu vibro só,
Numa saudade vaga, inconsciente.
Quero sentir-me; e então se me procuro...
Só me vejo sonhando eternamente.

E eu sinto-me Ternura indefinida
Ante a minha alma que me eleva aos céus;
Sou a vaga harmonia do meu sonho,
E esse sonho, eu adoro-o como um Deus!

26/XI/916

Triunfo errado

Numa vertigem louca, cheio de Luz,
Ungido de quimera e de irreal,
Eu quis vencer-me todo, ir mais Além
E aspirar o perfume do Ideal.

E à força de ilusão, rasguei a sombra,
Que em volta do meu ser se erguia nua,
Irritando-me todo em raivas mortas,
Querendo vencer minha alma ébria de lua.

Entreguei-me ao meu sonho e d'alma erguida,
Enrosquei-me por mim, sagrei-me em Oiro;
E em saudades de Luz, sendo então eu,
Beijei-me todo num espasmo loiro.

Triunfei-me de mim, subi em Alma,
Vivo o meu sonho a cores de ternura;
Sinto-me ideal, sou mais "azul-saudade"
E vibro de mim mesmo mais ventura.

Alastro-me por mim, vivo-me todo
E vejo-me de glória transparente;
E como eu tenho o sonho feito Vida,
Quero fixá-lo em mim eternamente.

Mas logo o mesmo sonho se esmorece
E tudo, tudo em mim se volve incerto;
Não me sinto vencendo, ergo-me falso
Já não me vivo, eu mesmo sou deserto.

Se eu vivesse de mim o que me doura
E corresse no mundo, astro a brilhar...
Mas é só de ilusões que eu vibro ainda
E vou vivendo sempre, alma a sonhar!

Tudo se foi e nem uma saudade
Aloira o meu quebranto esmorecido;
Volve-se pranto aquilo que hei sonhado
E é de mim só que eu ando assim perdido?

10/XII/916

Quebranto

Ânsias de luz oscilam-me de vago,
A difundir-me todo em tons irreais,
E eu arremesso ao longe os meus ideais,
E fico mudo como um velho lago.

E sinto a minha alma tão distante,
Vejo-a tão longe acariciando o Sonho,
Que nesta vida falsa eu me suponho
Um astro louco ardendo delirante.

E vibro só quebrantos do que fui,
Espasmos da loucura que me ardeu;
Sou qualquer coisa que não seja eu;

Um velho mundo que em destroços rui,
Cinzas de um fogo que durou momentos,
Linhas quebradas, uivos e lamentos!

21/1/917

MAIS

Fiquei-me Dor, fugi de mim,
Já não me alteio em luz vibrante;
Só tenho o sonho delirante
Que me endoidece de jasmim.

E vem à noite, vagamente,
Alma em saudade, olhando o céu,
Buscando nele esse outro Eu
Que me vibrou tão tristemente.

Mas não me encontro no meu sonho
— É por mim só que me deliro —
E mesmo em dor eu não retiro
O que vivi, vago e tristonho!

Se por mim próprio me difundo,
Acho-me louco de ilusão
E num quebranto de perdão
Quero oscilar-me noutro mundo.

(Vejo-a dançando endoidecida,
Mordendo ansiosa os meus ideais,
Que eu lhe lancei em tons irrealis,
Na sua mão amortecida.

As suas mãos são a saudade
Daquele sonho que fugiu;
Que me vibrou... que me sorriu...
E que viveu numa ansiedade!)

E a esvoaçar em dor incerta
— Eu não me curvo ao meu desdém —
Vibro-me só, vou mais além;
Eu tenho o sonho... alma deserta!

Quero-me só, vibrando assim,
Palpando a cor do meu sentir,
E numa ânsia: de Partir,
Sinto tortura só por mim.

Só queria ser a minha alma
Vibrando ainda mais loucura;
E numa auréola de ventura,
Beijar... sentir a minha alma!

Uma saudade... um sonho... a Morte...
Eu vou partir... O meu amor,
Beijei-o inquieto a arder em dor...
Mas o meu sonho era mais forte!

SOMBRAS

Quebranto

Dores de sonho prendem magoado
A minha luz perdida de carmim;
Corro no espaço e não me sinto em mim,
Volutas de sons de ouro penumbrado.

A minha esperança em laivos de infinito
Rodeia-me em terror a esvair-se;
Sonho Veneza, louca a difundir-se
E só no meu sonhar é que me agito.

Raivas incandescentes — Astros, Astros —;
Ardo-me todo e não me venço — Dor —!
Vivo em altura e não me desço — Cor —!
Navios que se afundam já sem mastros.

Gritos correndo loucos de quebranto,
Ânsias morrendo azul pelo deserto
Bocas que vibram só num beijo incerto,
Carficias dum mistério onde me encanto.

Sombras perdidas duma sombra esguia
A estorcer em garras de perfume,
Além, onde caminha o meu ciúme,
Alma sangrando numa febre fria.

Eh! Oh! Castelos que me vibram Bem
— O meu passado todo em meu olhar —
Raivas Luar...
Amanheceu em Luz o meu desdém.

Grutas de fogo mortas de silêncio!

ÂNSIA

A Mademoiselle Clotilde de Oliveira

Luar de rosas caminhando incerto,
A minha alma aos céus se consagrou;
E eu já não vi beijar o que ficou
Do meu destino louco.

Castelos do meu sonho erguem-se erguios
Enclavinados de ouro amortecido;
E dentro deles paira esquecido
O meu sorriso louco!

Tive uma aurora a Ouro, fugidia,
Lua magoada a sonhos de cristal;
E só me resta a cor do Ideal
No meu viver de louco.

Beijo no ar a sombra dum passado
Que só roçou por mim numa ilusão;
E a cores doutra cor, quero o perdão
Dos meus sonhos de louco.

Glórias de fumo, além, num rodopio,
A minha alma sente-as mais de excesso;
E vejo-me num grande entrocisso
Vibrando menos louco.

Tenho grandezas sim, mas só sonhadas,
A galope voando em infinito,
Rasgando trevas num supremo grito:
.....
Ah não ser mais louco!...

Salto remorsos numa luz de prata
— Listas sem cor sabendo a ouro velho —
Por não ser eu de mim o mesmo espelho,
E nem sequer ser louco!...

Se eu pudesse viver mais de incerteza
Cavando, a luz mais viva o meu sonhar,
E numa ânsia ruiua a esvoaçar,
Eu me sentisse louco!

Mas estrebucho só o que me crio
E só meu vejo em luz, quando me vou,
Incerto numa sombra que não sou,
Em busca do **Meu louco**.

Faro, 6 de Janeiro de 1917.

TERNURA

(Não te dedico a Ti, porque tu já morreste.)

No seu palácio antigo
Vagueia tristemente,
Um sorriso doente
Que anoiteceu comigo.

Na velha sala nobre,
Anda a minha saudade
Morrendo felicidade;
.....
Ouve-se agora um dobre...

Lá vai a minha dor
Acompanhando o enterro!
(Caminho no desterro,
Falta-me unção e amor!)

— 14 de Fevereiro —
Morreu uma princesa
Que viveu de incerteza
Um sonho de oiro inteiro.

Não fui na sua vida
Um astro a arder loucura;
Fixei-me só ternura
Em sua alma perdida.

Bebi auréolas de oiro
Que o seu sorriso tinha.
— Morreu a princezinha
De olhar magoado e loiro! —

Já não me vibro encantos
Na sua voz — luar;
Saudade a soluçar,
Sou todo desencantos.

Passei sem me sentir
No seu amor — perdão;
Fui dor, só de ilusão,
Na ânsia de partir!

.....

Se eu vivesse mais dela
Numa aurora de arminho,
Sonhando — a rosmaninho —
A sua alma Bela!...

.....

A princesa morreu,
No seu palácio velho;
E a minha alma é o espelho
Do amor que me deu!

E a sala nobre, fria,
Nas sombras do mistério,
Volveu-se o cemitério
Desta saudade esguia!

14 de Fevereiro, 1917 — Faro

... AMOR ...

Tudo branco... amanhecer...
Aurora... frio... canções...
Luz... quebrantos... ilusões...
Sol doirado... entardecer!

Roxos da alma ansiando beijos
Em silêncio... azul mágoado,
Dum olhar morto, isolado,
Na sombra dos seus desejos.

Lágrimas... sonhos... luar...
Meu perdão... a sua Morte...
Lutos... tristezas... a Sorte
Parada, triste... a chorar.

UMA CARTA

Querido amigo

Ultrapassei o tédio. Já não sou sujeito dos movimentos do mundo. Parei dentro de mim.

Sou o silêncio. Seria pior ser a morte? És louco? Bendita seja a loucura! Queria desertar do mundo, viver no desterro, mas para quê se o desterro é a vida? Eu vivo desterrado para ela como o mais criminoso, e acho-me o mais santo, deste inferno. Dante quando descreveu o inferno bastou-lhe olhar o mundo. Malditas ilusões, quando o sol deixar de as dourar!

Tenho saudades; será de mim? Se for, sou o mais maldito!

Se descubro porque tenho sofrido, acabo com isto.

Corre atrás do destino, que ele é mais forte que nós. Ah! se não fosse...

Se me tapassem os olhos, faziam-me rico. Como os conservo abertos sou o mais miserável.

Olha o sol quando se põe e diz-me o que resta do dia. Um estertor de raiva. O sol é o meu guia. Onde me leva ele? À Noite.

Mas a noite é a minha alma...

Maldito que eu sou.

Um dia hei-de ver-te surgir como uma ameaça, diante da Vida na levantada das cinzas que ficaram do meu trabalho.

A glória do Nada, eis onde se encerra uma vida de Além...

Abraça-te o teu

CIÚME

A Miss Edith pelos beijos d'Alma que me deu a sua carta

Os cisnes doirados viviam de incerteza no lago sem Cor.

.....

As rosas beijaram as violetas, e as violetas são a saudade do ciúme das rosas. Os cisnes já morreram e os cisnes eram o meu amor!

Morrem as minhas saudades no lago que os sentia
E as rosas são ciúmes do meu amor por ele!

.....

— Luar do Teu jardim vem beijar a minha saudade. —

.....

Morreu o meu amor e as rosas ainda são ciúme!

Sonho o mesmo jardim, mas só lhe encontro o lago.

Os cisnes já morreram! Os cisnes já morreram!

Agora vejo também as violetas! Mas já não são saudade;
volveram-se perdão!

E o sonho continua; «o sonho é vida certa»

.....

As violetas sozinhas olham o lago e ele de inocente chora a
saudade dos cisnes!

O jardim desapareceu e o lago vive sempre!

As violetas morreram, e o lago sempre sem Cor!

E a minha alma é ciúme ante essa incerteza morta.

.....

As mãos duma rainha dum reino de Setim, brincando arminhos
nos dedos, vão banhar-se no lago ao luar do meu sonho.

E as mãos têm ciúme do pranto do lago pela saudade dos cisnes.

.....

Glória! Glória! O rei dessa rainha ajoelhou aos meus pés.

O lago já tem Cor; «é mais doirado que os cisnes» e o jardim
de ciúme é a maldição ao lago!

Faro, — Fevereiro — 1917.

SOMBRAS EM SER EU

Visões altas a subir em ser ido,

Parado. Não poder iludir

Em ser eu sendo a sombra

Em meu cérebro

Outra coisa da vida no exterior

De ser eu

Deixei a subir em passado
As sombras do exterior do meu pensamento
E voltei-me, parado, à luz
De ser sombra, sem ser
Para além, no interior
Da minha crença
A fugir da minha fé para lá.

Se houvesse entre mim
E a minha fé em presente
Qualquer coisa que fosse
A ponte de ser eu
Nos sonhos para dentro
Da minha fé de sentir
Exterior, a morrer sobre a ponte
Da minha crença:
Parava pra fora a minha existência
De dentro

Não querer que se baste
O pensamento pra fora
Da nossa existência,
São as sombras de dentro
Da nossa fé de sentir em sermos nós.

Continuam subindo as sombras
Em ser eu

Transbordei-me
Para além da minha existência de ver

Os sonhos em passado,
No ardor medi todo de sentir
A febre do meu cérebro
A arder para além da minha
Ilusão de me possuir
Sem ser a sombra do Presente
Iluminado por detrás
P'lo Passado inconcebível.

E tudo o que puder deixar
De ser a vida interior
Em que consumo as horas

Da minha fé de sentir
Pra dentro do meu cérebro,
Será a minha existência
Nas sombras incriadas
Da minha energia
A fugir-me em volúpia
Prò lado contrário das minhas sensações,
Civilização orgíaca
Do meu organismo sombreado,
A querer-me mais ainda
Da compreensão exacta
Que fica das inteligências,
Prò lado de sentir das ilusões

Paravam de subir as sombras

Em ser eu

1 de Julho de 1917.

OS BAILADOS DA MORTE

Mergulhava-me para dentro da minha alma numa ânsia de viver para além da ponte do meu olhar.

Rodopios frenesis prò outro lado das pedras direitas a brilhar pra debaixo da lua bêbeda de horror plos esgares do lado de cá a dentro do meu sonho na lua verde frenética a estorcer-se pra fora dos olhos sem ver tapados do lado da luz abertos pràs trevas a ranger em volúpia exaltada em silêncio do outro lado da vida pra dentro das sepulturas cavadas do lado contrário das minhas ilusões

exaltações de olhos negros prà noite a sorrir esverdinhada a sol posto e a morte na Morte dançando febril estorcendo-se pra fora alucinação de sombra no meu cérebro aberto prà lua apagada no baile pra dentro das casas no telhado de vidro com ciprestes da cor das casas apagadas com telhados de vidro amanhecem perdidos os meus bailados sonhos na morte sentir prò interior da vida e gritos de funâmbulos a vencer-me pra dentro do lado de lá caminhando sem ver a porta do meu cérebro aberta pra dentro do lado contrário donde nasce o sol apagado prà luz que ardeu no meu baile.

Visão de sentir horror de visão nos olhos tristes do Pierrot iludido sem sonhos perdidos que lindo que ele é! E a Meiga sonhando os beijos fugidos que triste que é! Esguios esqueletos abismos prà morte do negro de horror na alma a beijar os ciprestes da cor das casas apagadas prò sol de vertigem aceso prò outro lado do calor ambição do meu cérebro doente.

I

Lá levam dançando da terra da morte a minha ambição os ossos osculam os risos rasgados rajadas de vento vencendo visões embaladas; lá longe caminham perdidas as minhas esperanças dançando frenéticos bailados da morte em volta da vida no interior manchado dos bailes pagãos à sombra do sonho que o meu cérebro criou pra divertir a vida do outro lado da morte que o sol apagado do mesmo lado da vida conserva prá morte um sorriso perdido do lado de cá desse sonho incriado.

Dispersas à sombra dos ciprestes da cor das casas apagadas as campas brancas de lua a olhar às pedras direitas no interior das almas caídas da morte prò lado de fora da vida os palhaços sentados nas rodas dos carros voltados prò outro lado da estrada ao pé das casas negras por dentro com telhados de palha aos saltos nas barracas velhas de lona com bancos partidos e podem entrar pagam só um vintém e a fome irritante não os larga nunca e eles não vêm entrar ninguém e a fome não os deixa e eles saltam e eles gritam e ninguém os vai ver e a fome não os abandona e os filhos amarelecem e as mulheres desgrenhadas e os palhaços riem sempre e cada vez têm mais fome e deixam aquela estrada e têm sempre fome e

dançam sempre apagados prà vida que não é deles que é da fome que os mata.

II

Dançam esqueletos torcidos do outro lado da guerra os gemidos dos feridos tapados prà vida do lado de cá da morte no interior vermelho da guerra sobretudo vermelho e maldições de dor do outro lado dos canhões e bailados da morte do lado de cá da vida cadáveres contorcidos e gritos despedaçados do interior das almas prò exterior do deserto onde há bailados da morte adentro dos submarinos e convulsões desesperadas prò interior do mar do outro lado da sede dos náufragos com vômitos de morte prò lado de cá da vida

despedidas no cais do lado de lá dos guindastes no interior das almas as lágrimas vencendo a dor apagada prà vida no exterior das alegrias pròs imbecis vencidos da saudade peganhenta dos beijos luarentos do lado de fora das bocas que se bastam as ânsias revoltas dos aventureiros fortes caminhando decisão noite iluminada adentro de toda a fé no progresso decisivo da civilização brilhante prò lado de lá da decadência vencida pra trás do meu sonho o sol apagado prò lado contrário donde nasceu as lutas egoístas prà vida dançando orgias de sangue no interior escuro dos cérebros pendidos à luz sangrenta da ambição vertigem no exterior da vista a consumir do lado de lá das energias fortes a gravidez ideal da arte progresso, estática de sentido infinito prò lado de cá das inteligências mediócras.

III

Volúpias incendidas aquecem lupanares e dançam beijos que mordem em convulsões alucinadas desejos vermelhos de amplexos bêbedos de luxúria prò lado de dentro dos corpos emaranhados a estorcer-se prò lado de fora dos bailados da morte nas pedras direitas espreitando a vida prò sonho interior dos ciprestes parados da cor das casas apagadas em Londres altura e olhos rasgados decisões egípcias prò movimento dispersão no interior das almas rasgando as carnes e bailes incoerentes prò lado de fora da civilização antiga

rangem esqueletos e quebram-se movimentos mas só movimentos na escuridão da noite apagada prà vida as órbitas sem olhos espreitam a morte e frémitos de raiva no interior dos ossos prò lado de fora das almas no interior da vida bailados contorcidos de corpos emaranhados esguios prò lado de cima das campas brancas de lua brilhante prò interior da morte e danças eléctricas sacudidas em saltos

partiu-se o meu cérebro rodopiando vermelho de energia incutida e os bailados da morte conservavam-se intactos pró lado de cá da vida no dia trinta de Junho de mil novecentos e dezassete.

Faro

Ergo-me infinito

Existe-me um ponto; ponto muito brilhante.

Todo o meu cérebro a fugir-me das minhas sensações se reúne um ponto.

A partir desse ponto pra lá não existe infinito o infinito está pra cá desse ponto.

Marquei uma distância sensação de me fugir em ódio à espiral que se eleva em infinito pra cá desse ponto distância incriada civilização brilhante coordenada presente e força de me sentir vertigem colorida imaginação sensual a expandir-me volúpia

reúne-se a força dispersiva actuando sensibilidade mecânica no ponto que me existe fluido astral perceptível à consciência de sentir tomada real a ilusão do espelho menos brilhante que o ponto que me existe criando o infinito entre a minha personalidade e a sua existência à própria experiência de ter tocado esse infinito na iniciação instável das minhas ilusões e alucinação cavada em abismos menos qualquer coisa a brilhar inteiramente parada em redor da minha vista a conservar-me imóvel deserto esbatido à sombra de ser a minha vida irrealdade tocante de infinito prò gozo de me estar vendo a ser a minha qualidade estática de organismo brilhante e a ser eu o ponto

ainda mais brilhante que me reúne em cérebro a minha vontade de ser.

I

Alastra-se o ponto que me existe.

II

Nada se move entanto parado nevoeiro de pontos internada a minha fé e os beijos que me saem altura em crença esmagada entre mim e o que é meu à luz maquilada existência em vislumbres no rodopio consagrada à minha personalidade de me sentir Egipto transbordante à civilização que se ergue expansiva desejos em luxúria, imbecis peganhentos de fé incutida a minha crença resolve a existência de me viver pra dentro em rodopio cérebro que caminha mais ainda em volúpia instintiva experiência à necessidade de existirem máquinas em movimento fluídico e ânsias de irreal gravitando indecisão à fé de me estar sentindo

só me existe o ponto que me reúne em luz à força de me ascender ao cúmulo magnético dispersivo prò infinito que vai de mim prò meu ponto que me existe no cérebro sem ser o meu cérebro uma existência certa alucinação dormente parada prà intensidade de me sentir sem olhar a força que dimano estática a partir do ponto que me reúne sendo eu o centro desse ponto e o meu cérebro entre mim e ele

III

alastrou-se o ponto do infinito pra mim tapado o infinito plo ponto que me reúne sendo eu o mesmo infinito impossibilidade tocada à sensação de me estar vendo.

IV

Existo-me infinito a partir do dia quinze de Julho de mil novecentos e dezassete.

ALELUIA

Ao «futurista» Nesso

Porque eu sinto no cérebro, a raiva por tudo quanto não caminha.

O progresso arde-me na alma em ressonâncias incandescentes.

Glória ao ranger do meu cérebro!

Marta! Marta!

A minha ânsia de te morder, embriaga-me!

.....

Santos... lírios...

Malditos; já não me vibram.

Tenho uivos de desespero, por tudo o que me rodeia. Nada me possui. O tédio em mim exprime-se pelos outros. São todos, fumo do meu desprezo.

E o riso dos imbecis.

E as lágrimas das minhas amantes.

E a morte dos outros.

E a vida de mim mesmo.

E tudo quanto vive.

E tudo quanto morre.

E o meu desprezo por tudo.

Glória! Glória!

Odeio

«Eu sei odiar»

Quero-me sentir na alma das grandes derrotas, das grandes lutas, na febre dos que se vingam.

E a minha alma de vertigem, essa, que eu mais odeio!

Quero-me no grande ódio dos famintos, dos desgraçados; na fúria das tempestades; no ranger de todas as máquinas de tortura.

E a carne nevoenta dos mistérios; e o caminhar do mundo para a morte; e a glória dos que não têm ninguém; e a luta dos que não têm um carinho; e a felicidade dos que se despedaçam; e o tédio dos que têm amor; e a chatice dos que são ricos; e a carne das mulheres vendidas; e os beijos das virgens, e a vertigem da velocidade; e tudo quanto é belo e de que eu não gosto; e tudo quanto é horrível e que

eu aborreço; e tudo quanto eu sinto e que me enfastia; e tudo quanto os outros sentem e que eu odeio.

E todos os que têm família; e todos os abandonados; e tudo, tudo eu quero-me em tudo e eu odeio tudo!

Quero-me na alma de todos os criminosos; quero-me nos beijos das hetairas; quero-me na vertigem do oiro; quero-me nos perversos; e na febre dos condenados à morte; e na glória dos grandes artistas; e no rodopiar das hélices dos grandes transatlânticos; e na vida das grandes descobertas; e na vertigem dos grandes heróis; e na ânsia dos futuristas, e em todas as cores de todos os quadros; e em tudo o que eu não vejo; e em tudo o que não há e que não possa haver; e a minha raiva é tanta e a minha ânsia rasga-se tão negra que o meu cérebro se esmaga, em frente de tanta glória!

E eu quero morder os teus seios; eu quero rasgar-te a carne; eu quero que morras nas minhas garras insaciáveis de Cor!

... ..

Resvalam-me em rodopio os ciúmes de todos os amantes; as estrelas de todos os mundos; os crimes, os grandes crimes, de todos os tempos; os anúncios de todos os jornais:

Excellent service — Table d'hôte and

«a la carte»

Telefone 1915

(Ao Cais do Sodré)

O desespero de todos os atraíoados; as maldições de todos os desesperados; as imprecações de todos os vendidos; a morte de todos os sonhos; e tudo o que é Beleza e tudo o que é horror; e tudo o que é meu; e tudo o que é dos outros e que eu não sei sentir e que eu não quero sentir!

CLARÃO

1

Pra cá das minhas ilusões supérfluas escolhos de naufrágios flutuam em mim consubstanciados de hipérbolos de translucismo não ser. Sinto-me ardentismo na árvore esguia, monte quebrado em

ânsia pra trás da ravina obscurecida em hipnotismo sangrento morrendo volúpias generosas em bálsamos força imaterial dos enigmas do Universo.

2

na vacuidade estelante das ideias em morbidismo revoltado senti parar em mim o turbilhão das aspirações louras em relógios mortos sem concerto por causa da guerra quebrados em lembrança — protecção da vertigem de alcançar a vitória final dominante da apoteose lúbrica entre fumo dos grandes transatlânticos e os sonhos do kaiser derretidos em aço poeira dispersa pelo yankeeismo prático-velocidade ânsia de ser mais comércio, deve e há-de haver, indústrias, maquinismos sibilantes produtores do trabalho força e vida em histerismos espasmódicos de grandes empreendimentos. Futuro redentor da Humanidade pelo aspiralar ciclóide disperso na Europa Bárbara Civilizada.

3

capacetes amachucados reluzem através aeroplanos com asas partidas. Tanks que avançam em mares de petróleo inflamado. Automóveis blindados e camions de víveres. A prisão do general Rennenkamff — Marconi, Edison e os inventos de guerra — Zepelins que eram montes de alumínio — Os grandes raids e o bombardeamento aéreo de Berlim — Submarinos de folha de Flandres vestidos de traição respirando torpedos — Os gases asfixiantes e o imperador da Áustria que já morreu — O afundamento do Luzitânia — A conferência de Stockolmo!!!

Algures, 8.º mês, 1917.

NAS TREVAS

1

Em prolongamentos estivais as sombras violetas esbatem no chão amarelento contornos pontilhados para cá do além do castelo

de janelas góticas do meu pensamento mórbido em torturas lúcidas feitas de entressonhos espásmicos em visualidades fluidas doentias e definidas a morte-cor acerbamente tapetes negros de cadilhos de ódio!

2

O comboio de marfim passou sobre a ponte de suspiros das facas sem lâmina, caixas sem fundo, frascos sem rolha, casas sem telhado e papelinhos multicores...

... as Ruínas estavam debaixo da estante e um canto lavrado ouro velho amortecia a voz entre a poeira cósmica das estrelas cosmopolitas despenhadas para cima dos vórtices helénicos dos Espectros de Ibsen — nicotina dourada de pensamentos em salgueiral debruçados sobre o parapeito invisível das ameias de crisólitos e berilos endoidecidos em volúpias fraternais do ser não ser na violência amortecida das ideias que desabam?

3

Tlintavam as campainhas aquáticas em falas sonoras que riam nos campos floridos de sol e no azul morto das águas paradas moinhos poetizavam a história das leiras ainda virgens bravas defendidas pra lá da estrada pela horda viva dos cardos amorosos guerreiros medievais de armaduras brancas e capacetes emplumados a roxo-saudade lilás no suplício ciclónico das almas torturadas em aspirações de asas prontas a desferir voo sobre o grande mar que morreu pra mim revoltado em cachoamentos de espumas geladas e flóculos de diamantes vermelhos encastoados na platina ideal da flor de mancenilha...

Algures, Agosto 1917

À LUZ DA VIDA

1

florestas paradas esguias dormentes hipnotizando o espaço interseccionado plas mãos enclavinadas do mistério destruído em volta da minha fé a vencer mais em agitação parada a vida exterior em que não envolvo o meu cérebro

as florestas ondeantes dentro de mim vergadas à força de me olharem leões espumantes a cor da vida cintilações cortadas no rodopio iriado paredes direitas fazem sombra aos espectros fugidos da agitação das florestas e dores agudas pendentes prò gozo de morder a luz em que se envolve a minha força de cérebro vivo dinâmico da minha existência transbordante vivido em intensidade quebrada a minha consciência profunda mais a cor das florestas à noite a existirem dentro do meu cérebro a caminho da civilização criada plos monumentos destruídos que se gastam de velhos a vida forte ânsias de revolta e os olhos da floresta iluminando o espaço aberto pràs sensações brilhantes de vida sentida a fugir da indecisão que me envolvia em trevas

concentram-se os olhos das florestas pra trás da planície abismos em silêncio e risos verdes de sono a luz da minha vida fé criando a guerra salvação da humanidade destruída o sonho da glória vivido à sombra da agitação vergam-se sons de febre cosmopolita a única o bem com esperança e tudo vida acima da realidade feroz intensidade de luz corridas de tudo a sombra das minhas florestas que criei no meu cérebro com movimento transbordante na iniciação da verdade última da consciência humana internada na minha fé sem fugir das sensações orgânicas da terra a submergir-se sem salvação de glória cega prà civilização que se mostra decisiva de força na febre sensacional da verdade espiritual em que escurece o passado

2

manifestos da vida brilhante o sol a iluminar ó luz ainda mais brilhante da minha vida de dentro a noite não existe a verdade é a vida a vida é o dia a hora o momento é vivê-lo e a guerra dá luz prà

humanidade decadente sem olhar o futuro aberto sem escuridão e os olhos das florestas sempre a olharem as minhas sensações nas paredes direitas que interseccionam o espaço adentro da irrealidade menos o silêncio parado peganhento sem consciência pra luz o ódio as lutas a ânsia da glória coragem a vida é luta é preciso ir pra ela os fracos contrastam com a vida que vibra consciente de força as minhas sensações espiritualizadas em som o aço a combater vida em realidade a morte em ilusão caminha mais ainda a luta que se mostra grande actividade as máquinas em movimento eterno que se riem dos fracos

a velocidade da luz pensamento parados em frente da verdade donde se afastam os imbecis adentro da minha glória a vida mais brilhante forte de civilização transbordante à luz das sensações últimas de verdade florestas interrogando o destino do meu cérebro clarividente prò movimento expansivo de glória ergue-se na febre do egoísmo da vida necessidade de vencer em força a luta que me olha enraivecida pla minha febre destruindo o passado necessidade real de se viver em presente e crescem as florestas olhando o futuro certo de verdade onde se interna o meu cérebro revoltas de consciência sempre definitivas pra glória de viver intensidade mecânica a luz movimento último concentrado destino da minha febre construtiva vencedora em força expansão da humanidade inteligente juventude eterna dos sentidos que nos resolvem em personalidade dinâmica a caminho das florestas que pretendem hipnotizar o meu cérebro mais forte alucinação que caminha paredes direitas fazendo sombra as glórias perdidas sem força no espaço

3

o passado não existe a vida está na frente os olhos pra trás da minha febre a caminho da minha juventude forte de consciência sem olhar o caminho percorrido acabado de existir realmente em sensações vivas glória a necessidade da guerra construtiva movimento moderno de força a última prova de juventude as florestas já não olham o meu cérebro a minha liberdade define se o sol caminha em decisão de luz a grande vida movimento concreto de som transbordando calor à força de criar a humanidade consciente forte de inteligência em toda a intensidade de todos os momentos

da vida brilhante no meu organismo concentrado de força as sensações não se repetem a criação existe-me e a dor é ilusão a noite esbate-se o dia mostra-se brilhante símbolo de vida prò meu organismo cosmopolita à realidade efectiva que existe na minha decisão completa de vida as florestas vergadas pla força do meu cérebro que vive em glória dentro do espaço que envolve o presente dinamismo zebrado parte-se a sensação de glória, quebrada mais a vida decisiva resplandecente e ódio em luta que vive da ambição egoísmo sensações repletas de força no interior das consciências que vivem pra fora do passado que não vive no acordar das inteligências prò mecanismo transcendente da vida moderna século vinte a expandir-se em futuro onde existe a minha revolta ainda mais prò interior que vive do lado de fora da estupidez orgânica indecisão alastrada a minha vida facho glorioso da humanidade aberta prà civilização séculos que existem no futuro da minha vista a internar-se prò lado de lá da vida presente

4

as florestas estão a deixar a vida monumentos que se partem lugar à velocidade pensamento electricidade eterno ranger do rodopio mecânico revolta que resolve completamente a vida em existência certa Londres Américas Força Sol a Maior Corrida de Automóveis não chegam ainda o movimento moderno existe em consciência rodopio de cérebro ânsia glória o futuro facho iluminador do universo prò caminho direito que se ergue em verdade a dor sucumbiu à força da luta as florestas morreram o movimento levamos à luz que nos mostra a verdade da vida única e certa dos organismos fortes.

Faro.

[Texto publicado no jornal «O Algarve», em 12-8-917, sob a rubrica **Futurismo**. Deve notar-se que, nesta data, «O Heraldo» não cessara ainda a publicação.]

NAISSANCE

SOUVENIR

Luzentes botões húmidos em sangue-púrpura, fitam cabriolescamente meus olhos fonte-tortura.

Botões d'ouro nevados, róseos, riem pálidos escaminhos do meu Cérebro revoltos em luciferinamentos incandescentes...

E eu tremo, porque sei tremer!

... ..

E os botões adejam. Belezas truanêseas revolteiam gementes em círculos longos, danças macabras que põem escarlatinamentos de angústia nas minhas pálpebras cerrados!

Pouco a pouco, botões pálidos de saltos selváticos se reúnem; tremenda Flor de lábios horrendos, haste afrodisíaca, nascente do Nada se me aproxima...

Meu Cérebro estala rouxamente em cruciantes espasmos de dores furiosas...

Mãos veludíneas, que são de aço, quebram meus dedos de ferro.

Sinto calcinantes anseios de triturar em mordidelas insaciadas Tua carne de fera, rasgar Teus lábios em esgares de louco!

Mas assim; em vertigens de crime e lama, erigi em loucuras macerados um altar sobre sangue e lágrimas: À mais Formosa!...

E eu que não era um mito já não era eu próprio!

Deslumbrante Final

Vejo! Vejo!

“ECCE DEA”

... ..

Em nevrinamentos de dor-saudade vejo desaparecer o produto belo do rodopiar da vertigem!

Terrível! Terrível!

Belezas que aborreço, lábios que dão tédio em evolamentos de sugestão, metamorfoseiam-se: Cardio espinhando em meu Coração de cobiça, o ciúme da libertinagem!

ODEIO!

... ..

Altar que desaba, desalentos exangues que sorriem em sonhos de Vício!

... e porque me é impossível fitar tanta podridão, para não a ver, abro em ressonante alegria meus olhos Fonte-tortura!

Faro, Junho - 1917

CINTILAÇÕES

A

MÁRIO

LYSTER FRANCO

Gnomo soberbo da Contemporaneidade!

Gnóstico célebre da Natureza!

A Ti, que talegrapando asiaticamente o Teu admirável Culto no silêncio Mundial, procuras atroar por parapandas Equatoriais narrando à Humanidade em vibramentos espasmódicos o deslumbre do Sublime; a Ti, a quem a Figurabilidade do Universo levantará um dia a Ara do Sacrifício; a Ti, Estrela Temível; eu te Saúdo:

SALVÉ!

... ..

Sonhos miríficos — esmeraldinos de Goldrins Índicos matizados, aerólitam no cúmulo vertiginoso da terrível Velocidade que tende a condensá-los.

E do alto da Tua Omnipotência baseada no Progresso apurado e nas Cintilações Áticas Tu observarás que lá chegaremos:

Mont Everest

Expedition contre reception d'un mandat-poste du valeur Sur Paris. prix 2 francs.

... ..

... .. e no grande palco desta Imensidade desfilarão os factos mais vindouros: e os fardamentos mundiais com galões portugueses.

e a Igualdade Universal.

e o assassinio das casa de cor.

e a glorificação dos «Pós de Keating.»

e o empacotamento do Armamento Mundial.

e a condução da Fortuna aos domicílios.

e a santificação dos «Longines» que serão de todos os melhores com «7 grands Prix.»

e o banho de Instrução grátis, sem distinção de classes, nos dias úteis.

e as pontas do meu colete incolor, que dirão adeus gemendo aos transeuntes pacíficos.

... .. e mais e muito mais!

... ..

Contra fantasmagóricos Avoengos, há ainda o recurso do pertinaz Progresso que nos fará parasitinar em asas de aço-vertigem.

«Studebaker.»

«Maxwell»

«King.»

«Fiat.»

«Farmand.»

«Opel.»

... ..

... .. e depois obteríamos:

«Au rendêz-vous des voyageurs»

RESTAURANT UNIVERSEL

— Terre de Grant. —

SERVICE — A LA CARTE. —

— Prix modique. —

... ..
... .. e ainda:

"National theatre.!"

(Saturn.)

La première de la tragédie

— La mort de Cesar —

de Voltaire, grand poète dramatique, satirique et épique!

... ..
Distance du soleil, 1018 Mill. Kilom.

... ..
... .. e revelados os escarninhos mais recônditos da Ciência
Magnânima, teríamos ainda como facto vindouro:

Sydney. (Austrália) — Julho 1917.

Europa. 1940.

Portugal. 1980.

FARO. (Sul de Portugal) *Século XXI.*

Je songe...

Às minhas noites perdidas

História triste d'um sonho

contada a Todos

em quatro

TELEGRAMAS

I — ALVORECER.

Tarde gentil de topázio-carminado!...

... entre mármore sorridentes, a visão-ternura de um Perfil
Paradisiaco fascina-me pelo fulgor-beleza que d'Ele irradia...

... em Alma de Bric-à-brac ambicionam engastá-lo em Estrelas e Sóis de Formusura no fundo veludo-rubi-sangue do meu Coração.

.....

II — DIA.

Em nuvens rosa-ventura-felicidade da consistência do Cognac maravilho-me da Preciosidade que possuo...

... para mim, que me assemelho ao perpassar lepidopteral que beija os olhos oiro-pálido com olheiras de arminho, tal Glória endoidece-me em loucas aspirações-espuma no gargalo do Champagne.

.....

III — PÔR-DE-SOL.

Maldição!...

... o meu Ídolo Paradisiáco vibra Raios Coléricos áureo-fulgentes que inexoravelmente carbonizam os velhos alicerces franzinos do meu Coração Fonte-da-Vida...

...minha Alma agoniza em ondas ltuosas de Desprezo...

...relâmpago sanguíneo permite-me assistir ao desmoronamento da peanha púrpura que sustentava o Santo Ideal.

IV — NOITE.

Noite-Terrível!...

... minha alma é precipitada na Voragem Mefistofélica das chamas entre círculos de pequeninos diabos vermelhos que bailam sabaticamente...

... lá em cima, no azul-lindo, gargalha demoniacamente do meu martírio a Ex-minha Preciosidade Artística...

... meu Coração é servido em prato-do-dia:

— À L'AMÉRICAINÉ —

ao Rei Lucifer...

.....

.....

... acordo...

ou ... Sonho! Sonho! Sonho!...

...
... Ídolo Paradisíaco! ... Lusbel!...
... Puro Sonho!...

... Procuro-os no Espelho de Cristal, nos bolsos do meu paletot,
nas Brises-Bises de Linon Crème...

NOTHING! NOTHING!

.....



Cidade Fantástica.

17 - Julho - 1917

CHAGRIN

A Ti

Ao gargalhar meteórico dos Globos Eléctricos.
Às palavras angulosas dos que eram Cínicos.
Ao gemer pungente do Eucalyptus Globulus.
Ao galopar em Vertigem da Fortuna alheia.
Aos sorrisos-lágrimas das encadernações percalinadas.
Aos beijos meigos da Lua ausente.
À Estrela Santa da Vitória.
Aos olhos-sonhos da Inocência.

A Eles...

... Almas platónicas, que ultrapassaram sibilantes o Portal
Teocrático do Além; Devaneios formosos; que em rasgos zimbrantes
da rotina extasiam os Outros...

... AVÉ!

Aos Outros...

... cujos Génios atrofiados procuram manter-se em ilusões-
-chispas-quimeras sobre o encapelamento das ondas do Lago-
-Progresso que necessariamente os há-de esquirolar às Santas
Portas que jamais penetrarão...

... R. I. P.!

A Mim-Próprio...

... que caminhei confiante no seio das Trevas para a Fascinação da Luz que Ele irradia na sua Grandeza.

A tudo isto: ... eu dedico Saudade...

SAUDADE

Paixões que gemem, moribundas que eram hoje vida-minha, tremeluzem no gargalo do Poço!

Negridão —

— Lágrima —

— Amor ...

... recorta-se burlescamente em cartolina-esmeralda no espelho do Coiffeur.

A invariabilidade dos combates cor-de-rosa com fumo de pólvora azul, a terra a véspera-ânsia da primeira batalha-términos...

1805 ... e sorri-me ... 1813

AUSTERLITZ LEIPZIG

... ..

... legionário juvenil, cujas Águias altaneiras se debatem agora no fragor da batalha, subiu um dia ao Gólgota envolto em Santa Auréola...

... sobre o Sangue Lustral uma prece se ergueu:

MARIA!...

VITÓRIA!...

DEUS!...

... ..

... formidável trovão ribombou pelo Espaço petrificando as Águias Altaneiras...

... ..

... E as Trevas cobriram o Mundo...

(Inédito até hoje — 12 de Agosto de 1917).

Portugal Faro.

NEBLINA

Uma Carta

Ilustre Redactor:

O alvinitente acolhimento dólcido com que Vossa Excelência franqueou o seu apreciabilíssimo *Heraldo* às aspirações espiritualizantes dessa *Nova Ala de Namorados do Núcleo Futurista Algarvio*, incita-me, quebrada em anseios, a escrever-lhe, solicitando-lhe premissa para uma modestíssima composição, decerto invalorizada, mas que ambiciono publicar, por ser um brado veemente saudando a *Nova Arte*.

Se me conceder a honra que demando, eternalmente será duradoira a minha gratidão.

Com penhorada estima.

De V. Ex.^a

Grande admiradora

NEBLINA.

TRISTIA

Versos à Outra que viveu em Mim.

Lembro-me! Céu de anil;
Gerânios, balseminas;

Róseos alvares de Abril,
Orvalhadas boninas!

Meu espírito sem cuidados,
Falena matutina,
Em giros espacejados,
Voava na campina!

Hoje! Tristeza, frenesi!
Agonias sem fim!...
Vivo pensando em Ti!
Sem Tu pensares em Mim!...

MADRUGADA

A Nesso

Línguas de lume gritam no espaço:

Amanhecer!

E a luz do Sol num grande abraço

A escandescer!

Pipilam aves pelos matagais,

Terno carinho,

Rolam as fontes brandos cristais

Devagarinho.

Minha alma alante, a suspirar

Enternecida,

Gene flute em curva para saudar

A luz da Vida!

Faro, 16-IV-1917.

IMPRESSÃO

A Ibn-Amar

Se, enquanto do Acestéreo almo Museu
Tristeza me conduz a eterno pranto,
Descanso, qual aflito o rei hebreu,
Se entre o grave tormento talvez cante:
Sem competência do soberbo Orfeu,
Auxílio busco no Apolíneo canto
Que a pena, inda que aflija, e que atormente,
Parece que cantada se não sente...

Medalhão

A Vivino

Moscas verdes a zumbir
Guizos negros a cantar,
Gongos de ouro a esturgir
 Tan! Tan! Tan!

Rubros alvares dourados,
Flóculo diamantino,
Niágaras escarpados
 Tan! Tan!

Tal o espírito
Cristalino
De Vivino!

Faro, Abril 917.

ESBOCETO

O murmúrio da onda
que salta junto à praia
é o canto do que chega
ou é o pranto do que parte?

... ..
Talvez seu murmúrio seja
igual ao da minha esperança
quando batem em meu peito
as ondas do teu olhar.
Um canto, porque chegou,
Um pranto... porque se esvai.

HISTÓRIA

Do *ai*, folha que passou,
Do *de*, princípio de fim,
Do *mim*, nuvem que girou,
Foi formado o *ai de mim!*

ESPIRAL VERDE

Àquele que eu amo em ódio

Abrindo os braços em curvas limitadas de azul, na ostentação
Pachá de um turbante rubro, cravos gargalham em solitário esguio
ao som da viola morta em desesperos ametistinos!

... ..
Ilusões perdidas! Ilusões perdidas!
MODAS E CONFECÇÕES!
CHAPÉUS MODELO!!!

Faro, Julho 1917.

BUCÓLICA

A G. B.

O riso das cerejas falava-me de ti!
Eu dançava na fantasia das hipóteses!...
Serias Tu?

.....

“Hélas!”

Na vasa gumosa dos abismos do Pensamento
algemas de desesperação flagelam-me!

Não eras Tu!

Faro 7-1917

Fogo-Mentira

A pensar n'Ele

Pressurosa existência decorrendo em viver de sonho ambíguo.
Floridas alegrias iluminadas de prazer!
Céus de maravilha em cristal de nuvens.
Horas de encanto mistificador!

.....

Le Parfum Pompeia

e

o amor dos homens evolam-se ex-rapidamente!...

Faro, Julho 1917

IMPRESSÃO

A Vivino

Ruinosas Catedrais mudas e frias,
Cujas portas há muito estão fechadas,
Cujas leves agulhas ao céu esguias,
Parecem orações petrificadas...

Ameias recortadas em vinheta,
De vago espectro estranho que seduz,
Debuxando no ar a silhueta:
Lembram-me as visões do pálido Jesus!

Faro, Junho 1917.

A Janela da Saudade

Lembrando o teu ex-passar

Rodopios de espuma cantam no búzio dourado das minhas
ilusões em pranto!

Corações de folhas mortas de pinheiros entristecem no véu da
poeira coada através de grades de ferro junto de vidros rendilhados
de velhice.

Caiu o vermelho, caiu o preto, tudo caiu e hoje os vidros olham
claro.

E as garras de madeira seguram a madeira no vácuo!

Faro

Ao Teu Olhar

A Ti

Balas crivadas na parede do sonho branco ladeando a coroa de espinhos do Redentor!

Abandonadas naquele deserto violetas rodeiam um coração de ouro, linda miniatura sorridente.

... o relógio, que eu parti, era para mim um eterno ponto de interrogação!

E os cabelos verdes das algas verdes gritavam agitações no ar calmo!!

Faro, 8-1917

Saudação aos Futuristas

Minha Alma em Sol Posto ajoelhada,
Azula-se de esperanças de Luar,
E presente a Nova Aurora suspirada!

Vasto rumor de Sonhos coloridos,
Rendas, desmaios, ânsias do pensar!
Vidrilhos translúcidos, esmaecidos...

Espasmos enervantes de Delírio!
Pirilampos-flores, almas a esgarçar!
Astros-Saudade, que desfolham Lírios...

Miss Edith, Horácio, Nesso, Belmino!!
Ester, Fontanes, A. de Queiroz, Vivino!!!
Inspirados cavaleiros de Luar,
Aceitai as flores do meu cantar!...

Ai!

Meus parentes, com suas invejas,
Com sua doblez minhas amadas,
Com seu interesse meus amigos,
E o Mundo, com suas infâmias,
Não envenenaram meu pão,
Nem envenenaram minha água:
Fizeram algo pior:
empeçonharam-me a alma !!

Faro, Maio de 1917.

A Kernoc

NESSO

FEBRE

A mademoiselle L. R. E.

Cortinados de tule, brisa perfumada,
choques de sedas desmaiadas.

.....
Abandonei o salão num tédio mole.

.....
Bailarinas de luar vinham beijar
A Meia Noite da minha alma.

.....
Numa tarde de fogo, disse-me um louco:
Para além daqueles muros o silêncio é
mais sujo, as almas são mais roucas.

Partir... Partir...

.....
Bebi-lhe lágrimas de prazer. As horas
foram gemidos de harpas.

.....
Tarde cinzenta, vozes oprimidas,
choros roucos. Ar frio. Cheiro a cal!

.....
Maldição... Maldição...

E a minha alma sente, a minha alma
grita, anseia os lábios da Morte.

.....
Noite de fumo. Remorsos — fantasmas!
Ela!

.....
Manhã de sol. Sempre nos meus
lábios o perfume do seu corpo.
Miserável tem saudades.

.....
Corro pelo jardim que nunca vira,
porque estava junto d'Ela: O ar
mostrava-se inquieto, os lírios em
cinzas, melodias tristes de
crepúsculo roxo! prantos ao longe;

.....
Já noite. Gente esfarrapada
Murmurava... a Senhora...
a Santa... Senhora... no
Céu... no céu...

Faro 7/1/17

Visões

Ao autor dos versos
«Triunfo errado»

Sinto palpar-me as mãos dum destino frouxo.

.....
Os séculos passam pela minha alma, e nada
de Belo... nada de Belo...

E quanta ânsia... quanta ânsia...

Se todos fossem Artistas...

mas artistas de fogo;

Se o luar fosse a única luz viva, poente
aurora crepúsculo gemidos de ânsia...

E a Vida só Alma.

.....

Se o Beijo fosse a Morte...

Lindos idílios... lindos idílios...

Se viver não fosse existir!

.....

Se tudo fosse Paris

Campas frias...

Campas frias...

.....

Vistas negras esbatidas em amarelo,

todo o meu passado.

Labirintos de sedas

perfumes ácidos

ânsias de Carne

malhas de lantejoulas

Cleópatra! Cleópatra!

.....

.....

Badaladas de luz morna no meu cérebro,

Noites de Veneza

Gôndolas de ouro,

Grinaldas de violetas

Mãos de seda, hábitos de carmim!

.....

Boulevardres de tules!

Campos de lírios!

Chegar... mas sem partir...

Que saudades me fazem

Os rótulos das minhas malas!

.....

A outra gente... os indiferentes,

Almas de matrículas de ruído lento,

Galhos desprendidos de árvores

que nunca deram sombra,

Não os invejo nem os odeio,

Da Corte deles sou o Castelo.

.....

Na extensão, gemidos de grilhetas.
Hienas saciadas. Feridos esquecidos...

Faro, 27-1-1917.

HORAS DE FEBRE

Ao artista José Pacheco

Lisboa, 10 — Agosto 1916.

Venho do bando dos esquecidos na Barca que foi esperança
embriagar minha alma que se esguia até ao roxo do meu Sonho.

.....
Só me sinto quando me perco — e perder-me é engrandecer-
-me em Alma.

Sinto-me em todas as Glórias — sinto todas as lágrimas.

O meu sorriso foi sempre dor — a minha Arte lágrimas do meu
sorriso.

15 — Agosto

Ó meu Sonho — Ânsia! Sofro o tédio de chegar para onde não
parti.

23 — Agosto

Fui hoje despedir-me dum conhecido que foi para Paris, fui
despedir-me dele porque foi para Paris.

Tive desejos de fazer-lhe perder o comboio; provocava-me o
miserável com o seu sorriso de felicidade!

18 — Agosto

Todos os relógios me parecem atrasados!

19 — Agosto

À noite adormece sempre comigo uma esperança de Tudo.

Ao despertar: Maldição... Maldição... Os meus brinquedos sempre os mesmos o meu carro ainda sem Guiador.

29 — Agosto

Sinto-me sempre longe de tudo que me rodeia!

.....

Passo entre vivas de perfume, sinto-me no coração de todos os grandes. A vida a grande Vida!...

Paris! Paris goza-me, sou então Paris de Paris...

.....

Badaladas de chumbo

Realidade...

Realidade...

2 — Setembro

Não é bem saudade que eu sinto — a ânsia do dia ... da hora!

.....

Recordo o meu querido companheiro de projectos, e hoje vê-lo projecto da minha alma!

Cascais, 20 — Setembro

Serpentinas de ouro em remoinhos endoidecidos, vagas lambendo desertos.

Cavalgadas de fogo, chuva de ouro na planície. Lutas de ambições.

.....

Gemidos de naufragos, barcos sem leme, mastros partidos. As ondas... eram uma só. Os cadáveres rasgados em tiras, engorduravam o mar.

Na praia choros, ameaças, descrenças.

Que horror de beleza, que negro e que doirado!

27 — Setembro

Viajar... Viajar...

Paris... Londres...

Todas as capitais, ver todos os teatros, ler todos os jornais, todas as revistas. Conhecer todos os génios.

A cena do Ódio

de

José de Almada

Negreiros.

Beleza, Verdade

Ânsia!

30 — Setembro

Ombros nus de princesas, faziam esquina nos meus lábios.
Barragem esverdeada mostrava-se-me a pouco e pouco as suas
carnes de leite. Silvana a mais ardente, lábios roxos, seios morenos
de marfim.

Enroscou-se por mim, ranguam-me os dentes na sua carne de
vidro.

A vertigem!

Aurora de fogo branco!

Em tempo desencantado ia-lhe gritar o meu tédio...

fugira... fugira...

A única que me compreendeu, a que eu não quero a que eu amo!

27 — Outubro

Vi-a hoje? Ainda não tenho a certeza. Sim... Sim... era ela,
tuberculosa pelo braço dum que a comprara.

Matá-la por não crer beijá-la.

Faro, 28 — Outubro

No meu Sonho, — as fezes sorriam de fome!

Faro, 15-2-1917.

Perfume da cor

A Miss Edith

LOUCO DE LUZ.

Meia Noite — Catedral!

As torres gemem tristezas:

No adro os meus passos espelham sombras brancas.

.....

O ar demora em rezas...

... ao longe sobem colunas de fumo roxo.

O Silêncio pesa em medo!

.....

.....

Cortinados de tule negro...

Em órgão a minha alma chora...

Cravos brancos — manhã...

Chega a minha Dor; parte em tédio para mim!

Miss Edith!... Miss Edith!

Ideal! Ideal!

.....

Discos de cores endoidecem em som.

Montanhas d'ouro relvas de perfume!

Lagos... muitos... Lagos...

Agora é Sol.

Bailados - Oriente...

Sorrisos - Música...

Corpos - Flores.

A Glória! A Glória!

.....

Perfume de luar de fogo —

.....
Como eu te desejo Toda-Luar.

Beijo: quero ferir-me, ser vencido!

Amanhã! Amanhã!

... a esperar-te numa tarde de Abril, em pavilhão
d'ouro. E tu nunca virias...

.....
Vertigem em cor irreal, e só o teu
perfume a meus lábios.

.....
O luar da terra baptiza em saudade, a minha alma doente.

Faro, 4-3-1917.

A Princesa da Flor

À «Neblina» a camélia encantada da noite

Era dos pobres o Mendigo. Um dia uma Princesa à porta da
Catedral; um sorriso em flor... e o metal em outras mãos foi cair...

Rezava a minha alma — a Princesa... a Princesa...

O que seria?...

Ao outro dia voltei à Catedral em madrugada — já a missa se
rezara. — Não veio a Princesa...

O que seria?

Em trevas de barqueiro a minha alma agonizava.

.....
Começou o tempo a fugir-me, não mais tive a hora... Não voltou
mais a Princesa...

.....
Nas pétalas da flor gemem lábios santos e eu encanto-me por
eles... Sonho viver em teu sonho, beber teus gestos em seda branca,
ter-te em mim como um perfume. Partir em tules pelo espaço... Não

sentir o tempo que não fosse coração... A nossa vida — Madrugadas...
Picar-me em espinho doce ir queixar-me ao teu olhar...

Subir ao Monte de rosmaninho e esperar Avé-Marias...

Perdermo-nos em labirintos de flores, já cansados de sorrisos...
adormecer nossas Almas em missal... Fitar a pomba que passa e
sentir a tua alma em curva de perdão... Fitarem-se as nossas bocas
e a harpa gemente e a vertigem que passa!...

... ..
O tempo morreu e esta Hora ficou!

A flor não murchou ainda!...

E a Princesa?!... O que seria?...

Faro, 8-3-1917.

ORAÇÃO

A Belmino

Poeira de ouro adormece a tarde.

Véus de perfume abafam o ar. Minha alma em melodia triste
recorda...

... Na voz do teu olhar. Impérios a Cores, Futuros de Glória...
Eu era crente... O Teu Perfil... Ilusão... Ilusão... Um dia... Foi já há
tanto tempo.

... ..
É no crepúsculo que eu vivo.

Hoje... Lágrimas... Flores secas. O meu Sonho... O meu Sonho...
Telas em branco...

... ..

Primavera. E a minha alma vai descendo em Dor. O perfume,
o ar, tudo me abraça em despedida... A vida morre-me...

... ..
Um sino ao longe... Avé-Marias!...

Mãos de arminho folham um livro de ouro. Paz! Tudo a
empalidecer... O velho órgão... Flores Santas...

O Poeta passa!

Faro, 17-3-1917.

ORIENTES

Aos **Futuristas do Heraldo**
os únicos que me podem Sentir

Esta **Ânsia** de Tudo que me berra na Alma nas horas de Beleza.
É sempre Ela que assim me agita. E o seu olhar que assim manda.

— Os meus nervos enleiam-se em gritos de **Luz!**

A minha **Ânsia** vaga doida de Febre! A minha vida é pó d' algum deserto onde o vento é eterno.

Tenho a Alma lacrada a **Movimento — Beleza.**

A Cor Nua da jarra d' este café está a vencer a minha atenção.

OH! Como eu desejaria confundir-me em espasmos da mesma Cor!

Provocam-me as esquinas de mármore ao fitá-las tenho desejos de as morder.

Encanta-me a vertigem do automóvel, mas só a vertigem sem o automóvel.

EH! **LÁ!** pelos cartazes das grandes corridas.

EH! **LÁ!** pelas grandes chapas de zinco encanudadas.

Os grandes Arsenais!

O movimento escravo das grandes Fábricas!

Tinco — Tan — Zantes — Zantes — **PÁ** — Pim — Tingo!!!

EH! **LÁ** Selvagens!!!

K4 — O quadrado Azul
de
Joalmada

Fitai o **Génio!** O único génio do mundo, **Almada Negreiros.**

... ..

As bailarinas provocantes com o seu sorriso garra cristal...

O mistério das suas jóias. O perfume dos camarins. O carro que transportou as malas da Bailarina descalça Miss Rose...

A minha alma sentia ciúmes pela multidão que subia para o teatro. Não fui vê-la para sonhar.

E tantas Belezas da minha Alma que os da serra, os divertidos
não compreendem...

Sim... Sim... Eu sou **Futurista**, sou de tudo que tem **Vida**,
Movimento, **Ânsia**, **Mistério!** E os outros pobres ribeirinhos de
água morna!...

Faro 15-5-1917.

Lisboa, 6 de Maio, 1917.

VISÃO

Penumbra do ardo- verde valsamita alacade rtilia do poente
a variegada palata do Perfume que morre...
Choram incensórios amortalhados em pó e saudade livida dos
deuses trêmulos que ouzuros os baloiçavam ante a negritão espectral
dos grandes parais parados!
No céu, qual nódo de tinta alastrante esvoaçam fúneis roxo-
amarelas e jacto de lago das águas mortas flores rítm escarminhas
do Perfume que morre...
E o Perfume, santificado pela pureza dos sacrifícios em que o
mescaram, ascende ao céu trápido qual espírito de um Justo!

Lisboa, Maio, 1917.

LENDA

ANTIGA

A Fontana

Escancarado o negro abismo repleta tristezas entre anos de ouro
velho.
Sibilante a Calúnia, de asas veigas, desteriu seu voo e cortando

OSWALDO

— Beizya.
A Cor-Não da Jardi d'esta...
OH! Como me delectaria...
— O quadrado Azul

VISÃO

Penumbras dourado-verde valsam na alacridade rútila do poente
a variegada bailata do Perfume que morre...

Choram incensórios amortalhados em pó a saudade lívida dos
dedos trémulos que outrora os balouçavam ante a negridão espelhenta
dos grandes painéis pasmados!

No céu, qual nódoa de tinta alastrante esvoaçam nuvens roxo-
-amarelas e junto do lago das águas mortas flores riem escarminhas
do Perfume que morreu...

E o Perfume, santificado pela pureza dos sacrifícios em que o
mesclaram, ascende ao céu tranquilo qual espírito de um Justo!

Lisboa, Maio, 1917.

K4 — O quadrado Azul
de
LENDA

ANTIGA

As bailarinas provocantes com o seu tatiado gost...
O mistério das suas língas. O perfume dos camarins. O carro que
Escancarado o negro abismo reluzia tristezas entre aros de ouro
velho.

Sibilante a Calúnia, de asas vesgas, desferiu seu voo e cortando

o ar em faxas curvas, poisou no ombro de uma velha árvore
esfolhada, faminta de seiva morta de tristezas nostálgicas!

Homens de rosto alvar passaram sem ver a Calúnia!

Homens de feições finas, recortadas em aperfeiçoamentos de
raças na grande Caudalaria do Tempo, sorriram à Calúnia, disseram-
-lhe palavras amáveis, e a Calúnia, cortou as asas vesgas, renunciou
seu domínio no Espaço e veio banquetear-se entre os homens como
um chagal insaciável!!!

Lisboa, 6.º 1917.

Faro, 27 de XII de 1916

Mãos não-Cameiro

Quando
Sons carinhosos
as combinações
melhores
E o Eu não sou
A minha vida
letras de Paris.

A Alma
quanto canta
A vida que se
tuas e B
son, e vivo
fronteira a alma.

Esses
Vácuos da
Quando o

seu Ideal
a vida
A vida
A minha vida
E quem
Não sei

JOSÉ NUNES DE SOUSA

Quem sou?

A J.P. Rosado

Tenho descido dentro de mim mesmo,
'Spreitando o irreal qu'em mim 'sconde,
E o Eu que não sou eu, só me responde,
Em frases vagas, impressões a esmo.

Vivo uma vida que não sei se é minha,
Tudo que m'envolve é mistério e nada,
E assentado em esta derrocada,
Vivo numa vida que não sei se é minha!

Quer'entender-me e vejo tudo escuro,
Vácuos da Razão, tolhem-me o pensar...
Talvez seja melhor, melhor sonhar,
Não transponho, não venço o espesso muro.

A nada aspiro, é tudo transitório,
A minha vida nunca teve Norte,
Nem luz, nem vida há que me conforte,
Não sei chorar, não tenho oratório.

Farto de pensar, fronte esbraseada,
Fico-me mudo, tenho dó de mim,
E quer'ainda, quero chegar ao fim...
Para saber o quê, se eu não sei nada?!

Sou farrapo que o vento arrebatou
Duma vida, talvez que positiva,
(Se a vida fosse alguma coisa viva)
E aos trambolhões da sorte me lançou!

Faro, 27 de XII de 1916

Mário de Sá-Carneiro

Sentir, ser a Alma a lira onde o sentimento dedilha em vagos Sons-harmonia as Tristezas-moles ou o Ideal-luz; fazer das diversas combinações dum alfabeto palavras-pensamentos, orações-melodias; ser-se escritor na forma, mas músico na alma; Cantar em estrofes-oiro a Poesia-Ideal, eis o que é *Mário de Sá-Carneiro*.

A sua forma tombou. Foi a enterrar-se por uma dessas manhãs loiras de Paris.

A Alma essa triunfou-se. Habita em tudo que tem som, em tudo quanto canta. Matou-se mas não foi um vencido, venceu-se. A música não é a partitura onde figuram as notas, é as mil e uma vibrações que, como chuva de oiro, nos embriagam os sentidos, nos fremem a alma.

Esse moderno Gigante talhado em colorações perturbadoras, quis ser coerente até na morte.

Quando o Artista, em arroubos de luz, proclamava do alto do seu Ideal que a morte era a libertação dessa coisa mesquinha, a matéria, algumas vezes, risos sem cor, respondiam às suas palavras. AH! como esses mesmos, como esses cérebros sem substância, devem hoje reconhecer o seu erro!

E quem sabe (?), nem talvez que o arrependimento tivesse vindo até eles.

Para muitos, o arrepende-se é já uma manifestação da alma, e duvido que eles a tenham.

A sua voluntária morte não foi só coerência. Mário estava demasiadamente acima dos que lhe chamavam doido, para que pretendesse responder-lhes com os factos.

Desgraçadamente foi preciso que Mário de Sá-Carneiro transpusesse o portal para além do qual tudo é Mistério, para que se lhe fizesse justiça, para que ao reduzido número dos seus admiradores de sempre, se viesse juntar o culto dos que só tiveram lábios para sorrir.

Mário foi logo de princípio um requintado Cantor das Melodias da Alma.

A sua obra aí está a atestar o seu Génio. Nada d'ele se compreenderá se o não soubermos sentir. Ele está tão estreitamente ligado às suas produções que, em cada verso, em cada bocado da sua prosa quente de Ideal, está preso um farrapo da sua Alma.

Se lerdes toda a sua Obra, se o souberdes interpretar, à medida que a fordes passando em revista, haveis de sentir, como eu sinto e como um sonho vago e doirado, os costumes do seu espírito de músico, dando vida, aos poucos, àqueles caracteres negros que a mão, hoje inerte, traçou.

É a Alma do *Mário* que, como sempre, se levanta em fé na sua Obra e nos vem murmurar, muito de manso, sinfonias da luz, cânticos de irreal.

A Alma de Sá-Carneiro, é o cadinho onde a vida prosaica e material se destila em centelhas de Poesia e de Sentimento.

Os seus livros foram aqui lidos.

Ao contacto dos nossos corações inda exuberantes desse fogo mourisco, que nos circula nas artérias, as nossas almas vibraram em unísono com a do grande Artista, o perfume antigo das suas estrofes acordaram os ecos do nosso sentimento e então, um punhado de modestos artistas pela Alma, juntou-se à volta do Astro-Rei para melhor poder receber o calor que brota de lá a jorros.

Balucíamos a princípio não porque tivéssemos receio das opiniões da outra gente, mas sim porque o nosso culto pela Obra de Sá-Carneiro, embora grande, não tinha ainda atingido a maturação necessária, porque a Lua que dela irradia, era demasiadamente

intensa para nós, pobres espíritos, pouco afectos às colorações astrais.

Ao traçar estas desconchavadas linhas, as ensaiar estes hesitantes passos arreceio-me tanto de nada dizer do Mestre que me fenece a coragem para continuar. As nossas almas só sabem curvar-se humildes e respeitosas perante essa Outra que é tão Grande, tão Ideal e tão Nobre que só ao de leve a compreendemos.

O nosso respeito pelo querido Morto é tão concreto, que só nos é dado ajoelhar ante a sua sepultura e reter no coração o fogo irreal que ela nos emprestou.

Faro, 18-2-917.

STEEL

... Ao fazer estas coisas, as palavras se tornam
... para a consciência tanto de nós quanto de quem nos lê
... para continuar. As palavras são sabedoria
... não há nada de leve e de agradável em
... O que se escreve não é para ser lido
... e há algo de mais sério e profundo
... para todos.

Mário foi logo de principal representante
da Alma.
Faro, 18-2-1917.

LUDÍBRIO

Quando a nossa existência
a morte apaga,
a matéria volta ao pó
e ao céu a alma,
Alma e Matéria!...
Matrimónio em constante!
Desavença!

A sua obra é... Nada se dá
compreender... o espírito está
ligado... em cada boca
sua... tempo da Alma
Se lerdes... interpretar, é
que a forte... sentir, como
e como... do do seu espírito
místico, dando... negros que
mão, hoje... se levanta em
É a Alma de Mário que
Obra... muito de... da luz,
cân...

Faro, Maio 1917.

A Alma de São-Carreira, é o cadinho onde a vida prosaica e
material se desliza em centelhas de Poesia e de Sentimento.

Os seus livros foram aqui lidos.
Ao contacto dos nossos corações havi exuberantes de se logo
monismo, que nos circula nas auras, as nossas almas vibraram em
uníssono com a do grande Artista, o perfume antigo das suas
palavras acordando os ecos do nosso sentimento e então um
punhado de modestos amigos pela Alma, juntou-se à volta do
Azul-Rei para melhor poder receber o calor que brota de si a jorros.
— Efectivamente a impressão não porque tivemos receio das
opiniões de outra gente, mas sim porque o nosso culto pela Obra de
São-Carreira, embora grande, não tinha ainda atingido a maturação
necessária, porque a Lei que devia irradiar, era demasiadamente

VIVINO

Agonias

à M. B.

Vidro quebrado, minha alma esfarrapada.

Geme luar.

Rosa esmaiada!

.....
Moribundas estrelas dançam nas alturas.

Na terra mole a chuva ciumenta

Vai apagando suas pegadas subtis...

E o ar dilui-se... todo em ternuras.

.....
Sonho vivo, ardem-me os olhos

Lembrando seus sorrisos.

Vida de abrolhos

Sem paraísos!

.....
Ela passou, florindo encantos,

Lábios ardentes de rubim:

CHAPÉU — MODELO —

CASA — MIMOSO

LISBOA

Toda vestida de cetim!

.....

O lume — carícia de seus olhos líriais
Acendeu-me no peito clarões aurorais!

... ..
Ouço o ruflar brando do seu leque de seda, — cisne luzente
deslizando nas ondas cândidas de um seio Virgem!
Agonias de sonho! Azul — vertigem!

... ..
Junto, funâmbulo brutesco,
Insípido, vulgar!
Bengala de cartão de ouro. Casaco cintado,
Farto bigode no rosto alvar,
Ronca Feroz:
— Oh! Eh! Eh! Oh! ama!
Falam bordados vivos,
Em renda branca, farfalhante:
— Senhor! Senhor!
E uma voz de ouro, no mesmo instante,
Perfuma o ar,
E diz baixinho:
— Leve o menino conchegadinho,
Para não chorar!

Porto, 27-1-1916.

Aspiração

Argamasso as ideias em tristura,
Mosaicando o Presente no Passado;
Morta a alma meu corpo é sepultura
Onde vive um espírito revoltado.

Eu quisera ser Luz ou ser perfume
Ser Ar, ser Água ou ser não ser.
Vibrante clarim, chuva de lume,
Ser vida imperecível, não morrer.

Quisera ser Som, Música, Confusão,
Ser azul amarelo, ou negro alvinhento,
Ser cor Alegria, ou cor Aspiração
E cintilar na Luz, Rubi ardente!

Quisera ser Relâmpago, Ser Vertigem
Abraçando todo o Espaço num instante
E conservar a luz da Alma sempre virgem
Das traições e dos crimes circundantes.

Mas sou lodo, sou terra apodrecida,
Sou pó-aspiração!

Jogo em mim mesmo sem vida
Poalha de Tufão!

Porto, Janeiro 1917

A ELA

Dilúculo de estrelas palhetado,
Hora-lilás de sonho esvoaçante,
Mostra-me o Tempo Encantado
Onde se oculta a minha Amante!

Dize-me cá,
Onde Ela está!

Olhos divinos, tão sorridentes
E sempre tristes! Pode lá ser!
De tais prodígios surpreendentes,
Só é capaz uma Mulher!...
Hei-de encontrá-**LA**,
Só para adorá-**LA**!

Lábios pelúcia, cetim molhado,
Colo de neve, carne auroral,
Tenho meu espírito aprisionado
Pelas Suas risadas de cristal...

(Ouvir-A rir,
Mas a dormir...)

Grinalda viva, tão delicada;
Dilui essências estonteantes,
Veste de púrpura auri-lavrada,
Fulgura em pérolas e diamantes!

Quanto fascina
Sua luz divina!

É Ruiva? Pálida? Morena? Loura?
Não sei! Sonho-A Perfeita e Divinal.
Linda de encantos, Cristã ou Moura,
Ela é, enfim, o meu Ideal!
Quem A merecesse!
Quem A tivesse!

Noivar com Ela brilhos de lhama
Feito Delírio, Beijo-Perfume
Ser eu a Luz, sendo Ela a Chama,
Da Vida Eterna, errante Lume!
Dormir! Sonhar!
Sem acordar!...

Porto, Fevereiro 1917

AS HORAS

A Nesso

Tlim! Tim! Tim! Falam relógios
Suas carcassas de engrenagem
São cosmoramas de miragem,
Hipitalâmios ou necrológios...
Tlim! Tim! Tim! Falam Relógios...

Monstro de Bruma, a Hora Triste.
Arde nas Almas, alucinante,
Decorrem séculos num só Instante,
E a Morte passa, de foice em riste,
Monstro de Bruma, à Hora Triste!...

Libelinha Azul, a Hora Feliz
Voa no ar, feita Esplendor,
Ressoam hinos de Paz e Amor,
Choques de sedas, lindo matiz!
Libelinha Azul, a Hora Feliz...

Vem a Hora-Águia. Luz triunfante
Florindo aromas pelas caçoulas.
Alastram no Céu rubras papoulas,
Flocos de espuma fumegante!
Vem a Hora-Águia. Luz triunfante!...

Bronco Rochedo, a Hora da Morte
Cai sobre Nós, tudo a esmagar.
São mil castelos a desabar!
Cortam as Parcas o fio da Sorte!
Bronco Rochedo, a Hora da Morte!...

Mas chega a Hora auri-luzente,
A Hora de Sonho Libertação; —
Funde-se a Carne em podridão,
Ascende o espírito resplandecente,
E chega a Hora auri-luzente!...

Vaga harmonia, de selva em selva
Perfume errante de um jardim
Corre em Paris, Nova York, Pekim!
Difunde sons por toda a Terra
Vaga harmonia, de selva em selva!

Falam Relógios: Tlim! Tim!... Tim!...
Vozes Eternas! Ecos sem Fim...
Brados de Sonho, brando cetim!...
Cânticos de ouro, Sangue-Rubim!
Falam Relógios: Tlim! Tim!... Tim!...
Tim!... Tim!... Tim!...
... .. Tim!... Tim!... Tim!...
Tim!... Tim!...

... .. Tim!
Porto, Fevereiro, 1917.

BLOOD AND FIRE

*A Miss Edith, espásmica tatuagem
de admiração, às ondas louras do
Seu Pensamento*

Alma enoitada em Tristeza,
Andorinha do Sofrer,
Quebrando moles anseios,
Venho agora agradecer
Esses Louros Devaneios
Que devo à Gentil Princesa.

Mui penhorado,

Numa aleluia dourada,
Ardem de Azul em Céu Pardo
Vossos Dizeres tão sentidos!
Bailam perfumes de Nardo
Gemem Jardins Floridos
Na Vossa Prosa Encantada!

Atento criado,

Miss Edith! Sonho-Lindo!
Tule de Chama Estelante
Zebrando o Céu nubloso!
Tenho o Sentir delirante,
De quem se sente gostoso
Dum Bem que parece infindo!...

E muito obrigado,

Porto, Março 1917.

SÚPLICA

A uma Senhora que eu nunca vi

A pensar em Vós, Senhora,
Passo horas, passo dias...
Sofro longas agonias,
A pensar em Vós, Senhora!...

— Notícias! O Século... Cá está o Século! É o Primeiro de Janeiro!...

Nem um instante decorre,
Neste imaginar delícias,
Sem sonhar Vossas carícias.
Nem um instante decorre!...

**— É o 2337! Grande palpite!
Anda amanhã à roda! Quem quer dinheiro?**

Sois Morena? Sereis Linda?
Não o posso adivinhar...
Sei que é Vosso o meu pensar,
Sois Morena? Sereis Linda...

— Tende dó e piedade dos infelizes!

— Dai uma esmola aos ceguinhos!...

Quem pudesse surpreender
Vossos encantos em flor!
Em juras de eterno amor,
Quem pudesse surpreender!...

— Vila Nova de Gaia!

Quem embarca?

— Quem embarca?...

Matosinhos!...

Ser meu Vosso coração!...
Nem mais riquezas desejo!
Do que poder ver num beijo
Ser meu Vosso coração!...

— Pist! Pist! Eh! Ó padeiro!
Eh! Eh! venha cá, chegue cá!...

Mas perdoai-me, Senhora,
Tão louco devanear!
Neste delírio de amar
Mas... perdoai-me Senhora!...

— Quem quer rendas baratas e casimiras? Maior
sortido não há...

Esqueci o inditoso,
Deste sonho fantasista!
Tão longe da Vossa vista...
Esqueci o inditoso...

— Cavacas, bolos, rebuçados, !... Quem quer pão
de ló fresquinho?...

Dai-lhe só uma saudade,
Se em Vosso peito florir...
Nem mais Vos pode pedir
Dai-lhe só uma saudade...

— Eh! Oh! Eh! arreda!...
Deixem passar o carro da Morgue, que vai
cheinho...

Porto, Março 1917.

MÁGOAS

À que vive em meu sonho

Eu não invejo o rico,
Que em dourados salões,
Vive feliz, contente,
Invejo as andorinhas

Que vão pelas tardinhas
Saudar-te alegremente

E elas saudam-Te festivamente! Em voos doudos,
palpitantes de alegria!

Invejo os que Te vêem
Alegre em cada dia,
E como eu não têm
Tristeza em companhia.

Tristeza, Mãe das Mágoas das lágrimas aflitivas! Dos
íntimos desesperos!

Eu não invejo ao nobre
As suas honrarias
Invejo-Te, Ó Flor!
As castas alegrias...

Sei que És alegre, muito alegre. Por que me não
dás um pouco da Tua alegria, a mim que sou tão
triste?

O teu viver feliz,
Tuas horas douradas,
Lindíssimo matiz
De sedas delicadas...

Ontem, na montra dos Hermínios havia tules, lindos tules bordados a ouro. Todo um lindo friso de borboletas esvoaçantes. Assim o Teu viver...

Meu cativo pensar,
Em “laços cor de rosa”
Só vive de Te amar,
Esfinge Misteriosa.

Laços ideais que me prendem porque vieram das Tuas lindas mãos. Perfume, dedicação, afecto, tudo que de Ti dimana em misteriosos eflúvios que me prendem à Tua imagem nunca vista...

Que me prende a sonhar
Neste constante enleio,
Amar-Te sem esperança
Vê tu o meu receio...

Sonho lindo é este que Te devo. Se soubesses quanto penso em Ti, sem Te conhecer!

TEU NOME...

Há palavras tocadas de esplêndida magia. Basta pronunciá-las para que o pensamento, transformado em linda borboleta de asas de veludo e ouro, ascenda às mais sublimes regiões do Sonho. Assim Teu nome lindo!...

Bem sabes, Tu, que nunca me viste, com que prazer infindo eu o repito...

O Teu nome é uma prece
Do meu constante rezar,
Repeti-lo é meu enlevo.
Ó Esfinge sonhadora!
Repeti-lo é meu enlevo
Neste incessante sonhar!

A luz do sol, que esmaia
Adormentando os rosais,
Vem desdobrar a cambraia,
Devaneio poentino!
Vem desdobrar a cambraia,
Dos meus sonhos ideais!

Os pirilampos,
Que pelos campos,
Vejo luzindo,
Na escuridão,
Escrevendo vão
Teu nome lindo!

Em broslado céu de anil,
Apagaram-se os corais
Do poente amortecido,
Angústia da minha vida!
Do poente amortecido,
Auriluzentes vitrais!

Cessaram já de cantar
Nas árvores as avezinhas,
Sussurram águas correntes,
Imagem do meu viver!
Sussurram águas correntes,
Deslizando entre pedrinhas...

Águas de prata,
Que vão correndo,
E cintilando,
Vão repetindo,
Vão murmurando,
Teu nome lindo!

Penumbra a solidão,
Ternos livores azulados,
E florescem nas choupanas,

“Os palácios da Ventura!”
E florescem nas choupanas,
Arminhos acarminados!

Os lilazes e verbenas
Suspiram melancolia;
Conversam as açucenas,
Lindas falas de silêncio!
Conversam as açucenas,
Em trenos de poesia!

E as estrelas,
Puras e belas,
Luzindo além,
Prazer infindo!
Escrevem também,
Teu nome lindo!

Porto, Abril de 1917.

Alucinação

À que vitaliza o meu Sonho-Extinto

Si vis amari, ama
Seneca, Epist - IX

No jardim em sombras,
A hora doce do crepúsculo,
Havia bailatas de perfume...

Vozes-carícia partindo cristais,
Epitalamios as fontes cantavam...
Extinguira-se o gorjear dos pássaros.
Touçadas de sombra as árvores,
Adormeciam em seus braços verdes,
Os gárgulos cantores das pradarias.

Meus olhos nevoaram-se de encanto
Na prata fosca das Aspirações.
Pensei em Ti, Visão Dourada!
Milagre fora que não pensasse!

Dormentes as pálpebras caíram,
Velando o louco faulhar astral,
A arder-me na retina visionária...

E minha carne tremulejante,
Adormeceu num sonho cromatisado.
Senti-me esculpido em alabastro!
Suavíssimas policromias deslumbraram
Meu espírito-fogo-morto de infortúnio!

E Tu, Ó minha doce Flor-Ternura,
Meu encanto, Minha lânguida Esfinge,
Ungida pela graça do Mistério,
Surgiste junto a mim, Lírio puríssimo,
Trazido pela bailata de perfume!

Vibrante sinfonia colorida,
Alada, subtil e perfeitíssima,
A ignizar-se no azul sideral,
Luz ofuscante do divino Sol,
Tu deslumbraste-me!

Dilui-me em esvaimentos inefáveis,
Senti perda a escravidão da Forma,
Tornei-me hausto-aspiração-ideal.
Florindo em esperança imaculada,
Ao contacto breve e suavíssimo
Do branco veludo de tuas mãos líriais,
Passando afagos hipnotizantes,
Sobre minhas pálpebras dormentes...

Meus olhos sempre sequiosos,
Da luz divina desse Teu olhar,
Fitaram Teus olhos sorridentes,

Estrelas Negras fulgindo Tristeza,
Ó minha linda Flor-toda-Mistério
Alado sonho de carmínea bruma!...
Supremo encanto do meu devaneio!

E meus lábios rituando em prece,
Saudações angélicas a floraram,
E ambicionei falar-Te, Divina,
Palavras, que fossem beijos,
Frases, que fossem ternos amplexos,
Longos discursos, que fossem carícia...
Sonho dos Sonhos! Delírio dos Delírios!
Intangível felicidade! Lumen?
Penumbra eterna!
Acre martírio!

Árvores confundem espectrais
Suas errantes sombras de precitos.
De longe, num ruflar de asas trementes,
Veio álgido luar a despertar-me,
Bailando em minhas pálpebras descidas
Seu pálido bailado de luz morta!

E meu sonho apagou-se pelos ares
Num faulhante cachoar de estrelas...
Torsionado o coração em desalento,
Meus olhos cegos para a Tua Imagem,
Diluem amargos, inextinguíveis prantos...

.....
Indiferentes, os campos dormem treva!

Porto, aos 12 de Abril de 1917

Nocturno Redentor

À Flor de Silêncio

... inspirado no monólogo de Charles Cros

Era uma velha torre, velha, muito velha,
De altas janelas altas, muito altas,
Com uma esguia grimpa, esguia, muito esguia,
Onde antigo relógio, antigo, muito antigo,
Maldizia o Silêncio, maldizia,
Muito!

E um velho mocho, velho, muito velho,
Pela alta noite, alta, muito alta,
Com esguia voz, esguia, muito esguia,
Antigo ali piava, antigo, muito antigo,
Maldizia o tempo, maldizia,
Muito!

E o velho mulherio, velho, muito velho,
Em altos brados, altos, muito altos,
Em esguio vozido, esguio, muito esguio,
Num antigo brado, antigo, muito antigo,
Maldizia o Mocho, maldizia,
Muito!

Mas uma linda Fada, linda, muito linda,
Passou ali, passou, muito passou,
Benzeu de amor, benzeu, muito benzeu,
A antiga torre, antiga, muito antiga,
Abençoando o Silêncio, abençoando,
Muito!

E o velho mocho, velho, muito velho,
Velo transformou, veloz, muito veloz,
Em rubra flor, rubra, muito rubra,
De alada graça, alada, muito alada,
Abençoando a Flor, abençoando,
Muito!

E lindas donzelas, lindas, muito lindas,
Em frescas risadas, frescas, muito frescas,
Cantam canções, cantam muito cantam,
À bela flor, bela, muito bela,
Abençoando o Perfume, abençoando,
Muito!

Assim, linda Houri, assim, muito assim,
Floriste meu viver, floriste, mui floriste,
Ungido em graça, unguído, muito unguído
Flor me sinto, flor, muito flor!
Salvé, Mulher, Salvé!
Muito!

Porto, 23-IV-1917

Ingrafted Love

À Esfinge do meu Sonho

Pensamentos coriâmbicos aveludam-se em lilás saudação ao
esculpirem nas fauces incertas do Vácuo Teu culto idealizado pela
febre do meu sentir!

E são catadupas de Luz gargalhando em vertigem pelo Espaço
silencioso e negro!...

*

Sob o açoite fustigante do Infortúnio - velho abutre roedor de
Almas ardidadas em desventura, — o grande ar triste das casas tristes
alfineta meus olhos!...

Mas surgem os Jardins interstelares do Empíreo, se penso em
Ti!...

*

Nas calcinações alucinantes da Insónia, às horas mortas em que
o Tempo morre para a Vida ressurgindo no Sonho, entre penumbras
irascíveis, visiono Tua carne dourada, adivinho-Lhe maciezas

setíneas e — fera escadescida! — perturbam-me lucilantes Teus perfumes astrais!...

Estrelas são flores do Céu; Tu — deslumbramento! — Flor entre as flores!

*

Em sonhos escuto o balbuciar-carícia da roupa que Te veste e que ao cingir-Te a esbeltez da Forma com suas brandas mãos tecidas e sem tacto, se quebra toda em pregas, risos de curva traduzindo extenuamentos de adoração amorosa!

E a Inveja, voando sobre o corcel do Instinto, vem derramar em meu espírito todo o cálice amargo da Raiva!

... e eu odeio as sedas aéreas dos Teus kimonos nipónicos e os flóculos espumantes das rendas que filigranam neve de prata sobre a Tua carne dourada!....

Porto, IV - 1917

Souvenir

Ao som do ballet de Saint-Saens "a Morte do Cisne"

Lindas flores-luar falam recordações, Perfume de afecto em eclosão! Ondas aromáticas de esperanças pálidas e loiras!...

Holofotes esperantinos, arco-irisando meu fantasiar, ceifam-me o espírito a ondulante banalidade vital! Balbúrdia!

Cartazes berram nas esquinas... andam chapéus a tratar da vida; fumegam charutos e cigarros! Bengalas ociosas passeiam...

Banalidades e Aborrecimentos dançam tango argentino nas vielas estreitas da minha alma. Gatos cantam serenatas piafantes de sentimentalismo exclusivista!... Tédio! Tédio!...

.....
Pavlova - lembras-Te? - passava nas ruas de Paris florindo encanto e elegância!

Lembro-me de Pavlova só para esquecer-la! De Ti jamais me esqueço; constantemente recordo Tuas palavras nunca ouvidas!!! Oh! Como eu gosto de escutá-las no silêncio da minha alma atormentada!

Com suas poses admiráveis, com a graça serpentina do seu gesto e a expressão elegantíssima da sua cabeça, Pavlova, a bailarina sublime, renovava em maravilhas inéditas a mímica tradicional esculturada.

Estou a vê-la a sair da nuvem deslumbrante das musselinas, viva e linda, rosada e fresca qual pastel de Latour!

Assim tu surges em meu espírito inolvidável Flor de Esquecimento!

Rosa mais perturbante do que as rosas de perfumes capitosos, Pavlova dançando deslumbrava meus olhos fascinados no movimento - ritmo das suas formas prérafaélicas e esguias.

Seu corpo balouçava-se ligeiro como o zéfiro e a sua fronte inclinada em ofertório, parecia chamar o beijo de algum deus invisível do sonho.

Fina, ligeira, prestes a voar qual colibri de asas de azul, qual floco ao vento da primeira onda musical, ela ficava imóvel um instante inapreciável, suficiente para fixar na memória uma visão perturbante de graça frágil e de beleza alada.

Pavlova sorria, era linda, jamais meus olhos se fatigaram de vê-la, bailando sobre o tapete multicolor que sabia histórias de Smirna e canções das ondas do Arquipélago!...

Esqueço, Pavlova, olvido seus gestos - harmonia, mas não se me apagam dos olhos as linhas que definem a tua imagem visionada!

... E meus olhos jamais Te viram! Meus olhos não sabem ver-Te, meus olhos cegos à luz da adoração — Vertigem!

Porto, Maio de 1917

AS FOLHAS DE HERA

Ao Sonho dos meus sonhos

Os amores que um dia de ditas pleno
em tropel inundaram todo meu peito
oferecendo-me gozos, gozos sem conto,
brindando-me delícias próprias do céu,
augurando-me bens, bens eternos,
foram, Amor Gentil

As folhas de hera!

As doces ilusões que noutro tempo
desceram quais nuvens do alto céu
e ocuparam o antro do meu cérebro
vestindo de ouro e roxo seu corpo aéreo
subtil, ideal, intangível e sempre belo,
foram, Amor Gentil!

As folhas de hera!

As loucas esperanças que em mim nasceram
sarando penas ao meu pensamento
fazendo elevar-se audaz, soberbo
às regiões ignotas dos páramos - luz
num voo eterno de ave endoidada
foram, Amor Gentil!

As folhas de hera!

Amores deliciosos, gratos desejos
risonhas ilusões, dourados sonhos
formosas esperanças, doces intentos,
prazeres da terra, nuvens de incenso
plumas aromáticas, luz, sombra vento,
fumo, vapor, cinza...

As folhas de hera!

Porto, Maio 1917.

NEVER?

A Ela

*On souffre plus souvent de la mort d'une
illusion que de la perte d'une réalité.*

Emille Augier.

A boca da noite escancarada, velha megera sem dentes, vem segredar-me tristuras, desalentos e desesperos!...

Vislumbro o Teu esquecimento! Sinto-me adoecer! Desalento-me!!!

Pois esqueceste-me, Tu «sempre a pensares em mim?»

.....

Pedras de Deucalião, meus pensamentos zig-zagueiam no espaço, e abrem-se em grinaldas floridas!

Meus olhos, fechados para a Tua Imagem nunca vista, descerram-se no vácuo do Passado. Escuto Moisés, Homero, Sófocles, Eurípedes, Demóstenes, Platão, Plutarco, Heródoto, Safo e Anacreonte; Aristófanes, Virgílio e Tito Lívio, Salústio e Ovídio, Séneca e Tácito, Petrónio e Quintiliano, Catulo, Milton, Shakespeare, Pope e Young, Richardson, Descartes, Montaigne, Pascal e Charron e todos os antigos e todos os modernos e todos os contemporâneos

e

«O Primeiro de Janeiro»

«O Diário do Comércio»

«O Diário de Notícias»

«O Mundo, a Luta e a Revolta»

«O Dia, A Ordem e o Raio»

e

«A Esphinx!!!»

E em todos os seus poemas, em todos os seus trabalhos, em todos os seus discursos, em todos os seus folhetins e em todos os seus anúncios, não se encontram flores tão deslumbrantes, tão

únicas, tão extraordinárias e esquisitas como os meus pensamentos,
que hirondeleiam no vácuo, tomando por fulcro a Tua Imagem
nunca vista!

... ..

Dize, sim, que não me esqueceste! Confessa, ao menos que
nunca chegaste a lembrar-te de mim!...

... ..

No lago pálido e morto da Esperança desfolham a sua penugem
branca os cisnes cor-de-rosa da Ilusão...

Tortura! Desespero!

Angústia!... Angústia!...

Angústia!...

... ..

Nunca mais!...

Porto, Maio 1917.

DOLOROSA

*A Miss ****

Na noite seguinte àquele dia
em que aspirei teu alento embriagador,
dirigi-te uma carta que dizia:

(Em letra moderna, sem curvas:)

«Estou louco de amor!»

Mostrando-te a meus rogos compassiva,
uma esperança me deixaste ver.

e disse-te, a seguir, noutra missiva:

(Em cursivo inglês, voluptuoso em curvas:)

Enlouquece-me o prazer!

Tirando-me depois toda a ventura,

Cruel!: — me disseste — Não te posso amar.

E escreveu-te meu pranto e amargura:

(Letra francesa, muito deitada, em funeral:)

MORRO-ME DE PESAR!

Ai! Assim tua inconstância e teus enganos
Mudaram a minha vida desta sorte:
Todo o ardor dos meus primeiros anos
Em loucura, em prazer, em pranto, em morte!

Porto, Maio de 1917.

CREPITAÇÃO

Ao meu Lírio de luar

Estas pobres canções que te consagro,
Na mente me nasceram por milagre,
Nuas das galas que lhe empresta a Arte,
Minha vontade nelas não tem parte.

*Comment les jugements synthétiques «a priori» sont-ils
possibles?*

**Emm. Kant, in «Critique de la Raison Pure»
— Tome I, page 48...**

Librairie Philosophique de Ladrange
Rue Saint-André-des-Arts-41

1864

Paris

Eu não sei resistir-lhes nem achá-las
Eu não sei compreendê-las, formulá-las,
É em mim seu lamento triste e grave,
Natural como o trino duma ave.

*Escreveu Moisés a história do princípio e criação do Mundo,
ignorada até àquele tempo de quase todos os homens e com que
espírito a escreveu? Respondem todos os padres e doutores que
com espírito de profecia.*

Padre António Vieira, in «História do Futuro», página 11.

Editores, J. M. C. Seabra & T. Q. Antunes

R. dos Fanqueiros, 82

1855

Lisboa

Santas inspirações que Tu me envias

Diluindo em meu espírito alegrias;

Pensar e palavras de ti recebo:

Tu em silêncio as ditas; eu as escrevo!

A linguagem da patologia é a mais perfeita.

*Felix le Dantec, in «A mecânica da Vida». Tradução de
Cândido Garcia Reis.*

Livraria Aillaud e Bertrand

73, — R. Garrett, 75

Lisboa

Porto, 2 de Junho de 1917.

NEGRO SPLEEN

Ao sorrir dos Teus olhos tristes...

Hoje... no ontem do Teu pensamento:

... O sol, um níquel patinado a nevoeiros lívidos! Crepúsculo
sem agonias roxas nem espasmos rodopiantes de ouro ardente!...

... ..

Tristeza! Megera corcovada! Ranges dentes cariados e arrancas
a plumagem-sonho à Águia Branca das minhas Aspirações!...

... ..

O Aborrecimento, em baforadas de importuno, entorna sobre
mim a velha retorta da Estupidez!...

... Tenho o fato todo salpicado de saudades, que Foram minhas
enquanto não estive enfastiado!...

11 Agora, são picadas de um termo-cautério que não sinto!...
... ..
Um spleen encadernado em trevas! Goi vos roxeando ideias no
abrumar opalescente da Vertigem!...
... O bafo morno do Abismo do Tédio!!!
... ..

... Mas

... Tuas mãos de seda, fazem a fios de
ouro o bordado à jour dos meus
pensamentos!...

Horas belas, atadas em bouquet, flores pensamentos que Te
devo!...

Só essas!... Deslumbrantes clópicos de água na aridez soturna do
meu Deserto-Vida!

... .. Escreve!

Porto, Junho de 1917.

ALAMBRE

Ao teu misterioso encanto

Em penumbras de azul-lilás recortam-se arabescos de ouro ve-
lho ensanguentado, engastando rubis e opalas, ametistas e topázios.

Esmeraldas diluem-se pulverizadas sobre o lago Amargura em
que vogam os Cisnes-Aspiração dos nossos pensamentos.

... ..

CREPÚSCULO

HORA ENCANTADA!

Envolve-me deliciosa a impressão olfática do jardim ideal em
que Tu vives, ó nívea Flor do meu Sonho!

Saudade, sinfonia espiritual, treno dolente de indizíveis e
acariciantes dores! Tapeçaria filigranada a pensamentos luminosos!

... ..
No carinhoso amplexo das nuvens que confundem suas tonalidades em gradações subtis; na conjugação brilhante do mar e do céu nos confins do horizonte; na curvilínea e argêntea revoada das gaivotas, que sobre as ondas vivas toucadas de espuma dançam no azul a adocida valsa do Incessante, sinto, adivinho a divinal fluidez do Teu encanto, e de olhos fitos no sol que parte, ambiciono roubar-lhe todo o esplendor para iluminar as palavras vulgares em que se traduz

a minha adoração por ti!

... ..
... ..
Só por ti!...
... ..

Porto, 2 de Junho de 1917.

RITORNELO...

À música dos Teus gestos nunca vistos

No luar antigo dizias meus Teus pensamentos!

E, Centauro vagaroso, meu desejo de ver-Te adormecia ansiado na loucura de contemplar-Te!

Cigarras de ouro trilando na Árvore-Tempo as horas passavam encandeadas de miosótis, lírios, verbenas e folhas de hera...

E tanto ambicionei ver-Te, — eu a quem Tu cegas de amor! — que as tenazes da Hemeralópia feroz acorreram a imobilizar-me as pupilas!

E meus olhos desfolharam lágrimas na certeza supliciadora de jamais fitarem a azurracha de ouro e velame purpúreo, que, em sulcos de prata, arando o rio, viesse trazer-Te para mim!

... ..
Mesmo sem ver-Te, sem jamais ter contemplado Teu vulto ideal, meus tristes olhos mortos aprenderam a heliografar Tua imagem, pela acção directa da mais poderosa força amorável, na

lâmina refrangente do meu coração adoecido em azulejamentos de morte!

E assim

**Tu vives nele,
viverás sempre!**

... ..

Folhas mortas suspirando gemidos perfumados, cantam o eterno hinário da Saudade imperecível, broslada de aspirações irrealizáveis...

E os ecos riem, entoando em harmonia plena o eterno descante da Tristeza no eirado ermo da Felicidade suprema que o Destino me roubou para outro!

... ..

Branca, de imaculado arminho, vejo esfolhada a grinalda ideal que no meu incessante delírio eu ambicionei esfolhar!

... ..

E o Passado uiva escárnios à dor convulsionante que me alanceia!

E os Cisnes de perfume imobilizam-se em mármore dolorido e morto!

E a minha tortura não é vida porque é tortura!

Porto, Julho de 1917.

SPIRÁLIA

Ao teu sorriso

Na tortura guilhotinante o branco a escancarar as suas faces de mistério no vácuo alborescente das saudades mortas!

Uma engrenagem metálica esfacelava corpos de opala...

E os corpos gemiam doloridos, sentindo aleluias efémeras dentro do arcaboijo pálido!

... ..

Na messe ondulosa do trigal dourado das minhas esperanças indefinidas Tu eras uma linda Papoila Rubra!

... ..
Às vezes, ao piano, dentro do halo brilhante dos candelabros de prata, ouvias, lânguida, mãos invisíveis preludiando a «Saudade Infinita» na tranquilidade cor-de-rosa da tua sala dormente...

E julgavas escutar súplicas e preces no teu espírito flutuante!

... ..
Mas o Dragão Vermelho dos Desenganos conversava com os Ursos Brancos da Sibéria do Indiferentismo!

... ..
A Loura do chapéu de palha olhou a sorrir a estante pau-rosa recortada à jour sobre o fundo branco da tapeçaria preta e adorneceu!

As estátuas de marfim pararam na pose hierática dos seus gestos olímpicos...

... ..
Que fizeste à braçada de cravos vermelhos-amores-perfeitos-do-meu-pensamento, que te dei na hora lilás de um dia de sonho? Despenhaste-os do varandim da desilusão?

... ..
Os ecos riem?

Missal de torturas! Missal de torturas!

Porto, Agosto 1917.

VELUT UMBRA

Ao Teu desdém risonho

Luar morto! Céu de violetas esmagadas picado a estrelas incertas!

Horas tresnoitadas em desalento, escoadas pelo velho candil do Tempo!

Quimeras que se rasgam em desdéns!

Pensamentos que se calcinam em desprezos ruivos!

Ódio dos ódios! Espiritualidade tricípite ardendo em vulcões de afecto!

Visões de Mulheres lindas que sorriem esperanças!...

Sentada, devaneadora, recortas no mosaico antigo, zebrado a pontilhamentos furta-cores, lantejoulados de ouro, a linha ideal do Teu perfil divino!

Vestes de branco. Dormem rosas no Teu seio casto e a grande Flor Azul, junto de uma palma verde, sob a Tua mão direita, pequenina, estelante de anéis, canta subtil, a velha ária do Ciúme!...

Injustiça!...

Meu coração, — coitadinho! — relógio escangalhado quase a parar! Crivo de ferrugem deixando escoar afectos!...

No seu tic-taquear rangem molas carcomidas pela ferrugem dos desenganos!

Coração! Regador humano, precisas concerto e a folha de Flandres está pela hora da morte!

Vão fechar as fábricas de conserva — dizem — por falta de folha!

Subiu o câmbio das latas de petróleo!

Está caríssimo tudo o que é de folha, e tudo o que é de zinco! Meu pobre coração apodrecido! Tens de morrer! Vais parar ao lixo do Esquecimento, todo amolgado, todo espicaçado em desgostos!

Não há folha nem há zinco para concertar-Te!

Morrerás, pobrezinho coração! — todo esmagado em infortúnio!

Irás na vasa da Indiferença, farrapo triturado em saudades, trapo de desejos loucos e de sonhos irrealizáveis!

E ninguém,

nem Ela,

nem talvez eu, pensaremos mais em Ti!...

Impressão

Àquele que eu já fui

Ar calmo

No fundo branco,

oco, recortes pretos espelhando fugazmente a Vida!

E a Chinesa de olhos redondos a olhar para mim!

Zumbidos cantantes povoam o espaço. Sinto

saudades do outro que eu já fui!

Um cravo vermelho a gritar numa jarra negra!

Jaspe-burla!

E os capacetes de prata dos guerreiros verde-negros!

BUCELAS

Genuíno

Recebido directamente do Vinicultor

José Afonso Viana & C.^ª

Da Praça do Príncipe dos Poetas Portugueses

... ..

... E sinto cada vez maiores saudades do Outro!...

Porto, 20-1917

Rayons du Soir

À que vive em ti

Ourada diluição no ar morto !

Ecos esmeraldinos e roxos vibrando dentro em mim eternals

sorrisos brancos ! ...

Borboletas azuis que já morreram ...

SEMPRE TU

Azulinação a vibrar !

Casaria, blocos brancos a arder ...

Verdes metálicos, verdes brandos, verdes vaporosos, quiméricos e quietos ...

Águas movediças e paradas em estagnações de ouro líquido.

Gente que descansa e gente que se vai à Vida!

Pregões, gritos, uivos, trinados, rodar de carros, trens e carroças, automóveis ...

“ AUTOMÓVEIS! ...”

Meu pensamento teve uma “panne” ao voltar a esquina !

Rolos de poeira loura a encaracolarem-se no ar azul!

SEMPRE TU !

Rubis esmagando-se em bagos de romã dispersos na eterização luminante do deslumbramento extinto !

...Velas brancas que são cor de rosa, afastando-se singrantes na esteira móvel em palhetas de prata.

Gaiivotas que esvoaçam em zebraamentos lívidos. Vozeio-cantilena de marítimos acobreados:

La - ri - lá

La - lá - la - ri !

LA - RI - LÁ

SEMPRE TU !

Superfície branca - rectangular - implicante ! Sensibilidade mórbida.

Incitamentos, tristezas, confidências, pesares, alegrias... tudo escondido no grande Ninho verde-negro-líquido!

Flores desmaiadas entre sorrisos aos beijos da luz eléctrica .

Altivas corcovas de velhos meditantes enfileirados em atitude monástica ...

Meu Pensamento - Flor - Morta longe do Teu carinho! ...

SEMPRE TU !

Aleluia maldita

Ao Teu desdém

Cilindro cor de tijolo boca aberta rodapé preto,
escancarando eloquências no seu mutismo de silêncio incerteza!
Turba indiferente a passar!

Mal de amores ! Mal de
amores! ...

Floriu ali, reverdeceu ali o lótus sacro dos meus
pensamentos !

Ali o semeei, como em terra de ouro sagrado, votando-o à
Deusa em pedidos súplicas.

Ar carfícia lourejante animado em esperanças, veio bafejá-lo
num convívio ideal de palavras-beijos, de frases-amor, de cartas-
-amplexo!

Sonhei! ...

A Deusa a sorrir deslumbrou meu espírito à divinal claridade
dos seus olhos de berilo precioso!

Olhos de maldade bondosa, olhos bons cheios de maldade,
ardiam curuscantes em fulgurações espásmicas, em cintilas au-
daciosas que eram confirmações, protestos, juras e aquiescências!

Sonhei!

A turba indiferente a
passar !

Negro horizonte aborrecimento em caliginosas nuvens cor de
luto! Ondas de tristeza no mar insondável das mágoas inexprimíveis
revolteando escárnios, desalentos e perjúrios.

Eu adorava a Deusa !

Reboam no ar saudade clangorosos sons tristes. São desditas que
se pranteiam em lágrimas. São dores feitas cristalinas florescências
que tombam dos olhos do vácuo que todos temos dentro da alma!

Rincanam troças ! Punhais esbeçam feridas ...
O Egoísmo em rodopios de arco-íris preto, insinua-se no
divino corpo da Deusa e rouba-lhe a alma queimando-lha no
grande fogo
ingratidão sobre o tripode do Esquecimento.
O ídolo quebra-se...Choro o rasgar do meu sonho lilás! ...

NA ONDA INFAUSTA

À que existiu em Ti

Através os cortinados tem halos penugentes mortos de cor baça
o luar errante!

Andam vagabundas Formas ainda por definir pra cá da sara-
banda do mosaico branco e preto da existência dos crédulos!

Olhos argutos tentam em desespero-angústia-do-não-ser a
imbricada solução o Inevitável !

.....
E as águas claras do Lima todas a rir em gargalhadas nacaradas!
E as velhas casas de Vila do Conde, alpendradas em ruas
tortuosas !

.....
Os sete pecados mortais em caricaturas grotescas dos homens
do regime!

O Teu inexplicável laconismo!

.....
Irrisão !

O Teu "grande senti-
mentalismo" morto em escusados silêncios!

.....
Angústias ! ...

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

DISPERSÃO

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto,
E hoje, quando me sinto,
É com saudade de mim.

Passei pela minha vida
Um astro doido a sonhar
Na ânsia de ultrapassar,
Nem dei pela minha vida...

Para mim é sempre ontem,
Não tenho amanhã nem hoje:
O tempo que aos outros foge
Cai sobre mim feito ontem.

(O Domingo de Paris
Lembra-me o desaparecido
Que sentia comovido
Os Domingos de Paris:

Porque um domingo é família,
É bem-estar, é singeleza
E os que olham a beleza
Não têm bem-estar nem família).

Ó pobre moça das ânsias!...
Tu, sim, tu eras alguém!
E foi por isso também
Que te abismaste nas ânsias.

A grande ave dourada
Bateu asas para os céus,
Mas fechou-as saciada
Ao ver que ganhava os céus.

Como se chora um amante,
Assim me choro a mim mesmo:
Eu fui amante inconstante
Que se traiu a si mesmo.

Não sinto o espaço que encerro
Nem as linhas que projecto:
Se me olho a um espelho, erro —
Não me acho no que projecto.

Regresso dentro de mim,
Mas nada me fala, nada!
Tenho a alma amortalhada,
Sequinha, dentro de mim.

Não perdi a minha alma,
Fiquei com ela, perdida.
Assim eu choro, da vida,
A morte da minha alma.

Saudosamente recorro
Uma gentil companheira
Que na minha vida inteira
Eu nunca vi... Mas recorro.

A sua boca doirada
E o seu corpo esmaecido,
Em um hálito perdido
Que vem na tarde doirada.

(As minhas grandes saudades
São do que nunca enlacei.
Ai, como eu tenho saudades
Dos sonhos que não sonhei!...)

E sinto que a minha morte —
Minha dispersão total —
Existe lá longe, ao norte,
Numa grande capital.

Vejo o meu último dia
Pintado em rolos de fumo,
E todo azul-de-agonia
Em sombra e além me sumo.

Ternura feita saudade,
Eu beijo as minhas mãos brancas...
Sou amor e piedade
Em face dessas mãos brancas...

Tristes mãos longas e lindas,
Que eram feitas pra se dar...
Ninguém mas quis apertar...
Tristes mãos longas e lindas...

E tenho pena de mim,
Pobre menino ideal...
Que me faltou afinal?
Um elo? Um rastro?... Ai de mim!...

Desceu-me n'alma o crepúsculo;
Eu fui alguém que passou.
Serei, mas já não me sou;
Não vivo, durmo o crepúsculo.

Álcool dum sono outonal
Me penetrou vagamente
A difundir-me dormente
Em uma bruma outonal.

Perdi a morte e a vida,
E, louco, não enlouqueço...
A hora foge, vivida,
Eu sigo-a, mas permaneço...

.....
.....

Castelos dismantelados,
Leões alados sem juba...

.....
.....

Paris, Maio de 1913

ARTE - LUZ

"ALÉM" E "BAILADO"

de

Petrus Ivanowitch Zagoriansky

(Fragmentos)

*a Mademoiselle Marfa Ivanovna Zagoriansky,
irmã do Poeta — estas interpretações portuguesas
são comovidamente dedicadas.*

ALÉM

1.

Erravam pelo ar, naquela tarde loira, eflúvios roxos d'Alma e
ânsias de não-ser.

Mãos santas de rainha, loucas de esmeraldas, davam aroma e rócio
à brisa do crepúsculo.

O ar naquela tarde era Saudade e Além.

.....

E as asas de uma quimera, longinquamente batendo, a ungi-lo
d'irreal...

.....

Lufadas de folhas mortas, todas cheirosas a sombra...

Um ar que sabia a luz e que rangia a cristal...

E muito ao longe, muito ao longe, as casas brancas...

2.

Na grande alcova da vitória, toda nua e toda ruiva, eu tinha-a finalmente estiraçada sobre o leito fantástico da Cor.

Linda espiral de carne agreste — a mais formosa enchia para mim os olhos de mistério, sabendo que eu amava as ondas de estranheza...

E os seus braços, de nervosos, eram corças...

E os seus lábios, de rubros, eram dor...

No jardim, os girassóis não olhavam para o Sol...

Verguei-me todo sobre ela...

A hora esmaeceu...

O ar tornou-se mais irreal...

Houve um cortejo de estrelas...

Em face daquela glória, que tumultuava tão perto, que me ia sagrar enfim, os meus olhos eram esforço — e a minh'alma um disco d'ouro!...

A louca acerava as pontas dos seios, para os tornar mais acres, para me ferir melhor.

E os meus lábios d'ânsia, sofriram já da saudade dos beijos que lhe iam dar...

Ao longe sempre as casas brancas...

3.

...E foi então quando eu já me sentia entrelaçado d'Ouro, sagrado d'além-Cor, quando era todo encanto em laivos de infinito — que o instante abateu e me desencantei...

Sobre o seu corpo de equilíbrio — uivos d'horror! uivos d'horror! — cabriolante se elançara a teoria arrepiadora dos ângulos agudos, zombando estridentemente dos redemoinhos e das curvas...

Gumes brutais, turbilhões silvantes, linhas quebradas destruidoras — tudo sulcavam! tudo sugavam!... A limpidez! A limpidez!... — Pavor sem nome!...

E uma gaiola picaresca de losangos veio descendo guturalmente a desnudar-lhe a carne nua — de toda a cor, de todo o som, de todo o aroma; encerrando-a, a girar em volta dela numa vertigem monstruosa de círculos enclavinados, impossíveis!...

Toda a beleza, em estilhaços, gritava-me que lha salvasse...

E o meu olhar — que saudade — não lhe podia valer...

... ..

As casas brancas não perdoam! As casas brancas não perdoam!...

4.

Triste de mim, sem dor, a oscilar, ainda todo vibrante... queria mentir a mim mesmo, queria voltar — mas tudo me resvalava...

À força de ilusão, volvi-me uma grande mentira; fui Príncipe sem rei, iluminado a luz falsa — luz que não soava, e era oca, deserta e média...

— Para quê? Para quê?...

Breve o meu corpo tombava na terra firme, anoitecido em Alma — e tudo ruía ao meu redor: asas de insónia, galeões dourados, torres de prata, zimbórios d'oiro... Tudo ruía — mas tudo ruía em sortilégio, noutras ruínas: o oiro, em seios perdidos; a prata, em glória abandonada...

Só as ruínas das casas brancas, eram ruínas de casas brancas!

Paris — Janeiro de 1913.

FERNANDO PESSOA

(INÉDITO)

A CASA BRANCA NAU PRETA

Estou reclinado na poltrona, é tarde, o verão apagou-se...

Nem sonho, nem cismo, um torpor alastra em meu cérebro...

Não existe amanhã para o meu torpor nesta hora...

Ontem foi um mau sonho que alguém teve por mim...

Há uma interrupção lateral na minha consciência...

Continuam encostadas as portas da janela desta tarde

Apesar de as janelas estarem abertas de par em par...

Sigo sem atenção as minhas sensações sem nexo

E a personalidade que tenho está entre o corpo e a alma...

Quem dera que houvesse

Um estado não perfeitamente interior para a alma,

Um objectivismo com guizos imóveis à roda de em mim...

A impossibilidade de tudo quanto eu não chego a sonhar

Dói-me por detrás das costas da minha consciência de sentir...

As naus seguiram,

Seguiram viagem não sei em que dia escondido,

E a rota que deviam seguir estava escrita nos ritmos,

Nos ritmos perdidos das canções mortas dos marinheiros de sonho...

Árvores paradas da quinta, vistas através da janela,
Árvores estranhas a mim a um ponto inconcebível à consciência de
as estar vendo,
Árvores iguais todas a não serem mais que eu vê-las,
Não poder eu fazer qualquer coisa género haver árvores que
deixasse de doer,
Não poder eu coexistir para o lado de lá com estar-vos vendo do
lado de cá,
E poder levantar-me desta poltrona deixando os sonhos no chão...

Que sonhos?...Eu não sei se sonhei... Que naus partiram? para
onde?...

Tive essa impressão sem nexo porque no quadro fronteiro
Naus partem...Naus, não: barcos, mas as naus estão em mim,
E é sempre melhor o impreciso que embala do que o certo que basta,
Porque o que basta acaba onde basta, e onde acaba não basta,
E nada que se pareça com isso devia ser o sentido da vida...

Quem pôs as formas das árvores dentro da existência das árvores?
Quem deu frondoso a arvoredos e me deixou por verdecer?
Onde tenho o meu pensamento, que me dói estar sem ele,
Sentir sem auxílio de poder parar quando quiser, e o mar alto
E a última viagem, sempre para lá, das naus a subir...

Não há substância de pensamento na matéria de alma com que
penso...

Há só janelas abertas de par em par encostadas por causa do calor
que já não faz,
E o quintal cheio de luz sem luz agora ainda-agora, e quase eu...

Na vidraça aberta, fronteira ao ângulo com que o meu olhar a colhe
A casa branca distante onde mora...(O morador é abstracto.)

Fecho o olhar e os meus olhos fitos na casa branca sem a ver
São outros olhos vendo sem estar fitos nela a nau que se afasta,
E eu parado, mole, adormecido,
Tenho pela vista o tacto do mar lá em baixo embalando-me longe
de aqui,

Tenho-o na inconsciência e sofro...

Aos próprios palácios distantes a nau que penso não leva.
Às escadas dando sobre o mar inatingível ela não alberga.
Aos jardins maravilhosos nas ilhas inexplicadas não deixa.
Tudo perde o sentido com que o abriga em meu pórtico
E o mar entra por os Teus olhos o pórtico cessando...

Caia a noite, não caia a noite, só importa a candeia
Por acender nas casas que não vejo na encosta e eu lá...
Húmida sombra nos sons do tanque nocturno sem lua, as rãs
rangem,

Coaxar tarde no vale, porque tudo é vale onde o som dói...
Milagre do aparecimento da Senhora das Angústias aos loucos...
Maravilha do enegrecimento do punhal tirado para os actos...
Os olhos fechados, a cabeça pendida contra a coluna certa
E o mundo para além dos vitrais paisagem sem ruínas...

A casa branca nau preta...

Felicidade na Austrália...

11 de Outubro de 1916

FERNANDO PESSOA
Director de Orpheu

JOSÉ DE ALMADA-NEGREIROS

LITORAL

a
amadeu
de souza
cardoso

por

José de ALMADA-NEGREIROS

espasmos de praiaamar transbordam invasão a areia mergulha prò
fundo do Mar pelos olhos do

pirata
desvirgados à proa

Maresia cio do Mar
 qué da vela Latina ?
 Sinhora da Livramento
 Leilão de salvados

Guarda Fiscal

a Costa

Forte da Barra

o retrato do Piloto a cebo d'Hollanda e limão doce
sabots d'Alfândega e cachimbo motor

Taverna Marítima

Kean

marujo Inglez

Nível 12

cuidado co'os hélices

BELFAST

a Grande Cheia atavismos do Dilúvio

o medo das rochas encolhidas ao luar onanistas

redemoinhos do perigo perpendicular

o brilho do óleo Negro

o dever do farol que nem parece tão grande por dentro

as dunas

as furnas

as zorras de Noite

afinal o farol por dentro é uma casa

mas eu não queria ser o faroleiro!

osgas de veludo velho amarelo pra dentro

começos de bruxas a acabarem em saudades do arraial

Castelo dos mouros

restos de sarracenos

A lua a miar

na cisterna

a sineta prò café

licença pra ir a terra

estreia das tamanquinhas

alcachofras

fogueiras

a idade de casar

fogo-de-vista e frio longe da febre

a Kermesse só é bonita quando eu estou doente

Santo-António de Lisboa 10 cigarros 60 réis

e vinho habilitado

o sol-e-dó não tocou mais depois da desordem

hiate de Sines

Posta restante

hotel Silva por cima da farmácia

acordar às 8 o sr. capitão

Stella matutina

Jornais da manhã

O DIA

a areia descalça espoja-se na sesta a despir os olhos de cio

o Sol é macho e relincha

Carthago no Verão

época balnear

Linha do Norte

Rossio-Campanhã

estrada real e tango

descrição musical dos moinhos do vento

Estação Telégrafo-Postal

bem pescaria alegre 66 banhos número par Laura

chalet com vista prò Mar aluga-se

Terras-Siennas d'olaria lisa no Forno da Telha

o oleiro fez um Tacho cada vez maior

senão fosse a praga da carvoeira não tinha

ela ancas de bilha

Jarrão de barro vidrado

Recordação das termas

Água salobra

sabão de lavar toi-

a burricada

lette de passeio

o trevo de quatro folhas

morangos pra sobremesa Collares Viúva Gomes

Linha Cintra-Oceano

Seteais Rembrandt Água-forte

saia-balão setim-Penumbra

foot-ball domingo meios preços encarnado e branco

guerra da independência terrestre

não é permitida a entrada prò pic-nic tacho

chita de domingo III classe a dormirar

lamparina

frio grilos pirilampos vai chover

a Maria perdeu o broche

se o túnel caísse!

agoiro borboleta preta é mau sinal

a cigana de latão tem uma saia de amarelo

esborrachado

o homem dos cães a tocar tambor substantivo

o navio ao longe cheira a estearina no caixote
o mirante o óculo bric-à-brac
Mãe! mata o chalet
Antes quero ser o faroleiro
cara d'ocarina de barro pintando par-
tiu-se a unha da guitarra
Vento Norte a peça d'alarme
20 litros de petróleo por Noite
o filho do dr. estuda para almirante
Entrudo fotografia Salles
Escola de Marinheiros Marégrafo
natação Club Naval

A MARGEM

Grandes regatas de vela Náutica 19
Taça Tejo Grande Prémio de Lisboa 21
Prova final 28

CINZENTANIA

resenha oblíqua d'invernia clave 37
sinfonia agreste dos cilindros foscas 40
penugem neve dos repuxos falsos 54
na passagem do regimento com ferrugem de
tambores 58
dedal de prata por detrás dos vidros baços 63
à espera do boneco de estampar que foi pena
sair mal, 76
o correio não trouxe nada 109
Acre ozono de arrebol cinzento mata-borrão azia 116
Santa-Bárbara Azul d'Inverno 117
faz frio no peito lá em cima no tombadilho 124
a chover e a fazer Sol estão-se as bruxas a pentear 130
História trágico-marítima 134
o crime da varina Azinhaga 135
sociedade filarmónica Vasco da Gama 167
Vendedeiras de laranjas filipina! 173
sotaque fenício das varinas 176

tricanas Arrufadas Coimbra **B**
fado tinto e sentimental
Astrakan maltez de misticismo bárbaro
perfil britado em ceitel-museu
real d'água içado do Aqueduto Velho
prò banco da Mina co'a rodilha ao lado
esteve aqui a Rosa Maria do dia 7 de Maio de 1916.
com o poeta futurista

José de **ALMADA -NEGREIROS**

Índice

A Plêiade Futurista	7
Nota à Segunda Edição	13
Futurismo — Gente Nova	
António Barranco	19
A. de Queiroz	21
Belmino	28
Cristofle	31
Miss Edith	34
Ester	37
Fontanes	40
Gervásio	54
Ibla	56
Ibn-Amar	58
Kernoc	63
João Rosado (Horácio ou O'Rácio)	76
Naissance	102
Neblina	109
Neron	116
Nesso	117
Oswaldo	128
José Nunes de Sousa	130
Steel	134
Vivino	135
Mário de Sá-Carneiro	167
Fernando Pessoa	173
José de Almada-Negreiros	176

tracanas Amadeus Coimbra
 (do Hato e monumental)
 Astrakim malter de misticiaro lufchero
 perfil britado em celulo-museu
 della V. duquada do Aquaduto Velho
 pa' banco da Mina do a' roilha do lado
 esteve aqui a Rosa Maria do dia 7 de Maio de 1916
 com o poeta futurista

ALMADA-NEGRETOS

7	A Plóide Futurista
13	Nota à Segunda Edição
	Futurismo — Gente Nova
19	António Barranco
21	A. de Queiroz
28	Belmino
31	Christoffe
34	Miss Edith
37	Estet
40	Fontanes
24	Gervasio
26	Ibia
28	Ilm-Amar
63	Kemor
76	João Rosado (Horácio ou O Ráctio)
102	Naissance
109	Nephina
116	Neron
117	Nesso
128	Oswaldo
130	João Nunes de Sousa
134	Stiel
135	Vivino
167	Mário de Sá-Carneiro
173	Fernando Pessoa
176	João de Almada-Negretos

1. CONFERENCIA FUTURISTA

José de ALMADA-NEGREIROS



O poeta futurista José de ALMADA-NEGREIROS
instantaneamente passado à sua cena no palco do Teatro Republica.
Sabado, 14 de Abril de 1917.

idade da vida moderna, sem dúvida de todas as revoluções a que é mais distante de Portugal.
Em seguida a minha conferencia irá dizer as minhas razões expostas no teatro Republica no sabado 14 de Abril
de 1917, data da maravilhosa apresentação do Futurismo ao povo portuguez.
Lisboa, Maio de 1917.

COMITE-REDACTO PELO COMITENTE
TEATRO REPUBLICA

SABADO, 14 DE ABRIL DE 1917 As 8 h. tarde (17 h.)

CONFERENCIA FUTURISTA

por
José de ALMADA-NEGREIROS

1.ª PARTE - ULTIMATUM FUTURISTA AS GERAÇÕES POR-
TUGUEZAS DO SECULO XX, por

José de ALMADA-NEGREIROS

2.ª PARTE - MANIFESTO FUTURISTA DA LUXURIA, por

Mina de SAINT-POINT

3.ª PARTE - MUSIC-HALL

ET

TUONS LE CLAIR de LUNE! de

MANINETTI

ENTRADA 52 Cts.

A minha entrada no palco rebentou uma espontanea e tremenda pateada seguida de uma calorosissima salva de palmas que eu cortei de um gesto.

Reduzida a plateia á sua inexpressão natural vive á gloria de apresentar o futurista Santa-Rita-Pintor que o publico recebeu com uma ovação unanime.

Concebi então o meu ultimatum á juventude portugueza do seculo XX e a plateia costumada á conferencias exclusivamente litterarias e pedantes chocou-se effuzantemente com a virilidade das minhas afirmações pelo que executava premeditadas e cobardes reproações isoladas mas sem effeito de conjunto.

Tendo sido concedido á plateia, segundo a orientação futurista, interromper o conferencia, todas as contradicções foram visivelmente inelucticas á do ser ao que dá respeito á incompetencia dos contraditores.

Os chefes politicos presentes, quando as minhas afirmações futuristas pareciam estar de accordo com as suas restricções monarchicas ou republicanas apolavam-se ardentemente com um mallo bem parlamentar, mas se a nossa ideia lhes era evidentemente rival o seu unico recurso resumia-se na gargalhada, simbolo negro da instabilidade.

Consegui, inspirado na revolução de Marinetti e apoiado no genial optimismo da minha juventude, transpor esse bitulo de inspiração sem que as palavras fossem á alçada de certo a casualidade da plateia a expressão da instabilidade da vida moderna, sem dúvida de todas as revoluções a que é mais distante de Portugal.

Em seguida a minha conferencia irá dizer as minhas razões expostas no teatro Republica no sabado 14 de Abril de 1917, data da maravilhosa apresentação do Futurismo ao povo portuguez.
Lisboa, Maio de 1917.

José de ALMADA-NEGREIROS

Edição patrocinada
IBL - INSTITUTO DA BIBLIOTECA NACIONAL E DO LIVRO
2520\$00

ISBN 972-699-391-1



9 789726 993919

Shi